



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

NOAIDE REIS DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DO FOLCLORE ALAGOANO NA OBRA  
LITERÁRIA E BIBLIOGRÁFICA DE THÉO BRANDÃO:  
UM MEIO DE VISIBILIDADE E ACESSIBILIDADE**

Salvador

2015



NOAIDE REIS DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DO FOLCLORE ALAGOANO NA OBRA  
LITERÁRIA E BIBLIOGRÁFICA DE THÉO BRANDÃO:  
UM MEIO DE VISIBILIDADE E ACESSIBILIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre da Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Nídia Maria Lienert  
Lubisco

Salvador  
2015

NOAIDE REIS DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO DO FOLCLORE ALAGOANO NA OBRA  
LITERÁRIA E BIBLIOGRÁFICA DE THÉO BRANDÃO:  
UM MEIO DE VISIBILIDADE E ACESSIBILIDADE**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 29 de setembro de 2015.

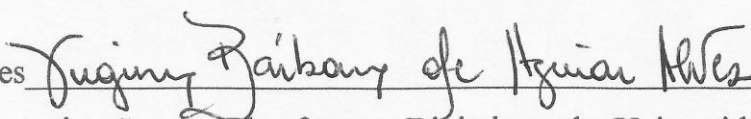
Nídia Maria Lienert Lubisco – Orientadora



Doutora em Documentación, pela Universidad Carlos III de Madrid, Espanha.

Universidade Federal da Bahia

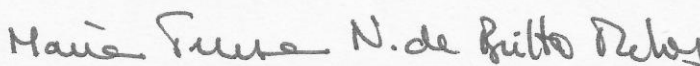
Virgínia Bárbara de Aguiar Alves



Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, pela Universidade do Porto/Universidade de Aveiro, Portugal.

Universidade Federal de Alagoas

Maria Teresa Navarro de Brito Matos



Doutora em Educação, pela Universidade Federal da Bahia.

Universidade Federal da Bahia

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela vida e por me capacitar com sua divina sabedoria e conhecimento que me inquietam e me motivam para lutar, caminhar, conquistar e me permite aprender a cada dia.

Quero agradecer e dedicar aos meus pais Agenor Mendes dos Santos e Noeme Reis dos Santos “*in memoriam*”, por ter tido a sapiência, mesmo com todas as dificuldades do meio rural, de ter colocado a primeira pedra, me proporcionando os primeiros passos na educação, onde tudo começou. Minha eterna gratidão.

Em especial, a minha família pelo incentivo, apoio, auxílio ao longo desse trabalho, não podendo deixar de destacar aos meus queridos sobrinhos Aline, Leandro e Camila, que souberam me acolher com sua calorosa hospitalidade, dando-me aconchego, carinho e atenção, para a possível realização desse sonho. A estes deixo este exemplo de dedicação, persistência e perseverança, com carinho especial e eterno amor.

Meu muito obrigada bem carinhoso a minha Dali Dali, que com tanta dedicação e apreço deu-me a introdução no Excel do trabalho da disciplina “Fundamentos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação”, ministrada pelas grandes mestras: Professora Henriette Ferreira e Aida Varela Varela, este creio eu, que, levarei por toda minha vida.

A minha irmã Neide e a minha amiga/irmã Cecita por suas virtudes frente ao momento de tribulação com a luta de um câncer de mama, mas que não me faltaram apoio de suas partes nem exemplos de pessoas guerreiras.

Aos meus sobrinhos-netos Davi e Bento por eu não ter acompanhado suas chegadas que nos trouxe muita alegria e amor sincero.

Agradeço também como grande co-participadora dos momentos de maiores tensões e ansiedades a minha verdadeira amiga de sempre Almerinda de Sousa, que humildemente soube acolher-me nessas tribulações. Minha eterna gratidão. Ao grupo das “Lindinhas”, pelo incentivo e total compreensão da minha ausência nos nossos habituais encontros. Com saudades eternas de nossa querida Gina Stella.

Não posso deixar de agradecer aos meus colegas da turma do Mestrado e Doutorado 2013.1, turma linda de união, participação, compartilhamento e amizade, em destaque aqueles que foram mais próximos: Wagner, Maíra, Elieny, Francis e Agnaldo.

Às colegas e amigas das Bibliotecas da Universidade Federal de Alagoas e da Biblioteca do Museu Théo Brandão Cristiane Cyrino e Jucemar Macedo, pelo apoio e incentivo frente às dificuldades do percurso.

Às bibliotecárias das instituições que participaram de uma das etapas deste estudo, dedicando um pouco do seu tempo para responder ao questionário de grande valia para nossa pesquisa. Meus sinceros agradecimentos a minha Orientadora Professora Nídia Maria Lienert Lubisco, pela competência e dedicação que com zelo soube compartilhar seus conhecimentos me conduzindo e amenizando dúvidas e anseios, direcionando a escrita do nosso trabalho.

Aos mestres que ministraram disciplinas tão importantes para o aprendizado sobre a Ciência da Informação durante todo o curso.

À Equipe do ICI e PPGCI/UFBA, pela amizade que construímos no dia a dia, obrigada pelo comprometimento e profissionalismo, por viabilizarem a minha caminhada, em especial ao Avelino. Você não apenas trabalha na secretaria, você faz parte do nosso sucesso, sempre disponível nos transferindo tranquilidade. Minha sincera gratidão.

As Professoras Maria Teresa Navarro de Brito Matos e Vírginia Bárbara de Aguiar Alves, por aceitarem compor a banca examinadora deste trabalho, contribuindo com a reflexão construída ao longo dessa trajetória no mestrado. Por mais que eu saiba que todas vocês têm grande satisfação em cumprir esse importante papel, devo agradecer e aplaudir de pé a disposição que tiveram em participar desse momento tão sublime da minha vida. Obrigada!

A **todos** que estiveram comigo, torceram, sofreram e vibraram com cada etapa. São tantos amigos, professores e bibliotecários... todos estão guardados no coração. Se você foi um deles, e sabe que foi, deixo o meu agradecimento!

Enfim, volto a agradecer ao meu Deus todo poderoso, por tudo. Obrigada, Senhor amado.

A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos.

A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana.

(Louis Hjelmslev)

## RESUMO

A Representação da Informação é apresentada nessa pesquisa com o objetivo de averiguar a forma como a obra literária e bibliográfica de Théó Brandão está sendo representada no processo da Linguagem Documentária. O estudo apresenta essas obras nos acervos da Biblioteca Nacional, em 69 Universidades Federais Brasileiras e em cinco bibliotecas públicas e privadas do estado de Alagoas. O problema consiste em saber se a obra literária e bibliográfica do autor, da forma como está sendo representada nas Linguagens Documentárias é capaz de dar visibilidade e acesso ao folclore alagoano e ao seu maior representante? Foi utilizada a técnica de observação direta e levantamentos em bases de dados nos acervos das bibliotecas pesquisadas; adotada a aplicação de questionário e visita técnica com entrevista, como canal de comunicação entre os profissionais das Instituições em questão, com o propósito de descobrir e analisar os acervos e seus dados de representação, visando à obtenção de informações sobre a Representação e a utilização documentária. Para a realização da pesquisa foi necessária uma reflexão sobre a literatura que abordasse os temas referentes à Representação da Informação (Linguagem Documentária) e suas temáticas, aproximando-as de suas contribuições para a visibilidade, o acesso e a disseminação da informação sobre a cultura popular/folclore, fortalecendo e dando continuidade à interação de um povo com o seu meio social, cultural e ao mesmo tempo possibilitando a visibilidade dos acervos para os usuários. A pesquisa justifica-se pela valorização e a visibilidade da cultura popular por uma instituição, através do seu acervo literário, as quais perpassam os caminhos da informação e do conhecimento. A motivação deste trabalho é analisar, sob o ponto de vista da Representação da Informação, como ela é processada em algumas bibliotecas do estado de Alagoas, na perspectiva da visibilidade. Como resultado, constatamos que em dezesseis bibliotecas federais, essas obras são bem representadas e acessíveis, porém com uma pequena quantidade de itens. Em Alagoas, nas bibliotecas pesquisadas, com exceção da biblioteca central da Universidade Federal (UFAL), ainda existe uma subutilização dessas linguagens no processo de utilização. Damos ênfase para o acervo da Biblioteca do Museu Théó Brandão, que possui uma maior quantidade de itens, porém ainda necessita de maiores ações das instituições mantenedoras (UFAL, Museu Théó Brandão e IPHAN), como, apoio, gerenciamento, organização, patrocínio, cooperação, financiamento, gestão para que o acervo possa, a um curto prazo, tornar-se disponível nos sistemas de informação globalizado, perpetuando assim as nossas raízes através da cultura popular/folclore brasileiro.

**Palavras-chave:** Representação da Informação. Linguagens Documentárias. Cultura Popular. Folclore. Théó Brandão.

## ABSTRACT

The Representation of the Information is presented in this research and the which aims ascertain the form how the literary and bibliographical work of Theo Brandao is being represented in the process of Languages Documentary. The study presents these works in the acquis of the National Library, in 69 Brazilian federal universities and five public and private libraries in the state of Alagoas. The problem consist in know if the literary acquis and bibliographic of the author, of the way is being represented in documentary Languages is able to give visibility and access to the alagoano folklore and to the yours bigger representative? It was used the technique of direct observation and the survey in data bases in the acquis of the surveyed libraries; after adopted the application of the questionnaire and technical visit with interview, as a communication channel between the professionals of the institutions in question, for the purpose of discovering and analyzing the acquis and the your data of the representation in order to obtain information on the representation and the utilization the documents. For to realization of the research was necessary a reflection on the literature that address the themes related with the representation of information (documentary languages) and their thematics, approaching them from their contributions to the visibility, access and dissemination of information on popular culture / folklore, strengthening and continuing with the interaction of a peoples with their social, cultural environment and at the same time enabling the visibility of acquis for users. The research is justified by the appreciation and visibility of popular culture by an institution, through its literary acquis, which cut across the paths of information and knowledge. The motivation of this work is to analyze, from the point of view of the representation of the information, how it is processed in some state libraries of the Alagoas, in the perspective of visibility. As result, we found that in sixteen federal libraries, these works are well represented and accessible, but with a small amount of items. In Alagoas, in the surveyed libraries, except the Central Library of the Federal University (UFAL), there is an under-utilization of those languages in the utilization process. We give emphasis to the acquis of the library of the Museu Theo Brandao, that has a highest quantity of items, but require further action of the sponsor institutions (UFAL, Theo Brandao Museum and IPHAN) as support, management, organization, sponsorship, cooperation, financing. management so that the acquis can, a short-term, be available in the global information systems, thus perpetuating our roots through popular culture / Brazilian folklore

**Keywords:** Representation of Information; Documentary Languages; Popular Culture; folklore; Theo Brandão.



## LISTA DE SIGLAS

<b>AAC</b>	Anglo Americano Código
<b>AACR2</b>	Anglo Americano Código Rules, second edition
<b>AICHE</b>	American Institute of Chemical Engineers
<b>ALA</b>	American Library Association
<b>ASTI</b>	Armed Services Technical Information Agency
<b>BPEGR</b>	Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos
<b>CBU</b>	Controle Bibliográfico Universal
<b>CDD</b>	Classificação Decimal de Dewey
<b>CDU</b>	Classificação Decimal Universal
<b>CECA</b>	Centro de Ciências Agrárias
<b>FRAD</b>	Functional Requirements for Authority Records
<b>FRBR</b>	Functional Requirements of Bibliographic Records
<b>FUNARTE</b>	Fundação Nacional de Arte
<b>FURG</b>	Fundação Universidade Federal do Rio Grande
<b>IBBD</b>	Instituto de Bibliografia e Documentação
<b>IBECC</b>	Instituto Brasileiro de Educação Ciências e Cultura
<b>IBICT</b>	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
<b>IFLA</b>	International Federation of Library Association and Institution
<b>IHGAL</b>	Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas
<b>IPHAN</b>	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
<b>ISBD(G)</b>	General International Standard Bibliographic
<b>ISBN</b>	International Book Number
<b>ISDB</b>	International Standard Bibliographic Description
<b>ISSN</b>	International Standard Serial Number
<b>LC</b>	Library of Congress
<b>LD</b>	Linguagem Documentária
<b>MARC</b>	Machine Readable Cataloging
<b>NATIS</b>	National Information System
<b>PUC-PR</b>	Pontifícia Universidade Católica-Paraná
<b>RDA</b>	Resource Description and Access (Recurso de Descrição e Acesso)
<b>RIEC</b>	Reunião Internacional de Especialistas em Catalogação
<b>SIBI</b>	Sistema Integrado de Bibliotecas

<b>SIC</b>	Serviço de Intercâmbio de Catalogação
<b>SQL</b>	Server Query Language
<b>UBCIM</b>	Universal Bibliograph Control and International Marc
<b>UFAL</b>	Universidade Federal de Alagoas
<b>UFAM</b>	Universidade Federal da Amazônia
<b>UFBA</b>	Universidade Federal da Bahia
<b>UFC</b>	Universidade Federal do Ceará
<b>UFCG</b>	Universidade Federal do Campo Grande
<b>UFPA</b>	Universidade Federal do Pará
<b>UFPB</b>	Universidade Federal da Paraíba
<b>UFPE</b>	Universidade Federal de Pernambuco
<b>UFRB</b>	Universidade Federal de Ribeirão Preto
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>UFRN</b>	Universidade Federal do Rio Grande Norte
<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>UnB</b>	Universidade de Brasília
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação e a Cultura
<b>UNIFESP</b>	Universidade Federal de São Paulo
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Tipos de Linguagens.....	32
<b>Quadro 2</b>	Vantagens e Desvantagens da Linguagem Documentária.....	33
<b>Quadro 3</b>	Vantagens e Desvantagens da Linguagem Natural.....	34
<b>Quadro 4</b>	Tipos de Linguagem Documentária.....	34
<b>Quadro 5</b>	Quantificação da Obra Literária de Théó Brandão nas Universidades Federais Brasileiras e Bibliotecas Alagoas.....	53
<b>Quadro 6</b>	Síntese dos Objetivos e Resultados do Estudo	108

## LISTA DE FIGURAS E GRÁFICO

<b>Figura 1</b>	Théo Brandão.....	40
<b>Figura 2</b>	Primeiro Livro de Théo Brandão.....	43
<b>Figura 3</b>	Pastoril.....	49
<b>Figura 4</b>	Bumba-meu-boi.....	50
<b>Figura 5</b>	Baianas.....	51
<b>Figura 6</b>	Guerreiro.....	52
<b>Figura 7</b>	Tratamento do Livro Antes da Modernização da Biblioteca.....	59
<b>Figura 8</b>	Livros na Estante Após Reforma.....	59
<b>Figura 9</b>	Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos.....	60
<b>Figura 10</b>	ArchesLib – Sistema Informatizado da Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos.....	61
<b>Figura 11</b>	ArchesLib – Busca por Assunto “Folclore”.....	62
<b>Figura 12</b>	ArchesLib – Busca por Autor “Théo Brandão”.....	62
<b>Figura 13</b>	ArchesLib – Ficha de Identificação da Obra.....	63
<b>Figura 14</b>	Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – Espaço da Biblioteca Prof. Deraldo Souza Campos.....	63
<b>Figura 15</b>	Estante Autores Alagoanos.....	64
<b>Figura 16</b>	ArchesLib – Busca por Autor “Théo Brandão”.....	65
<b>Figura 17</b>	Fichas por Autores.....	65
<b>Figura 18</b>	Livro de Registro de Obras Entradas e de Baixas do IHGAL (Tombamento).....	66
<b>Figura 19</b>	Caixa dos Folhetos de Théo Brandão e Outros Autores Alagoanos.....	67
<b>Figura 20</b>	Busca por Autores na Base de Acervos Autores Alagoanos.....	67
<b>Figura 21</b>	Biblioteca Central da UFAL.....	68
<b>Figura 22</b>	Sistema <i>Pergamum</i> .....	69
<b>Figura 23</b>	Classificação CDU.....	69
<b>Figura 24</b>	Museu Théo Brandão.....	70
<b>Figura 25</b>	Biblioteca do Museu Théo Brandão.....	71
<b>Figura 26</b>	Museu Théo Brandão – Sala de Leitura.....	71
<b>Figura 27</b>	Acervo Biblioteca Théo Brandão.....	72
<b>Figura 28</b>	Gabinete de Leitura e Pesquisa Jair Pimentel.....	75
<b>Figura 29</b>	Parede Úmida do Gabinete de Leitura e Pesquisa Jair Pimentel.....	75

<b>Figura 30</b>	Identificação das Estantes.....	76
<b>Figura 31</b>	Identificação das Estantes.....	76
<b>Figura 32</b>	Sistema de Biblioteca da UFAL.....	108
<b>Gráfico 1</b>	Dados das Universidades Federais – Obras Théo Brandão.....	105

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	19
2.1 O PROCESSO DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO .....	19
<b>2.1.1 A Trajetória da Linguagem Documentária</b> .....	21
<b>2.1.2 A Terminologia da Linguagem Documentária</b> .....	31
<b>2.1.3 A Representação Descritiva</b> .....	37
<b>3 APRESENTAÇÃO DO FOLCLORE E DO FOLCLORISTA THÉO BRANDÃO EM ALAGOAS</b> .....	40
3.1 A IMPORTÂNCIA DE THÉO BRANDÃO PARA A CULTURA ALAGOANA .....	40
3.2 SOBRE A ORIGEM DO FOLCLORE .....	45
<b>3.2.1 O Folclore no Brasil</b> .....	46
<b>3.2.2 O Folclore Alagoano</b> .....	48
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	53
4.1 SELEÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA .....	57
<b>4.1.1 Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos</b> .....	58
<b>4.1.2 Biblioteca Professor Deraldo Souza campos</b> .....	63
<b>4.1.3 Biblioteca Central da Universidade Federal de alagoas</b> .....	68
<b>4.1.4 Biblioteca Especializada do Museu Théo Brandão</b> .....	70
<b>4.1.5 Biblioteca Cantidiano Victal</b> .....	73
<b>5 A ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA OBRA LITERÁRIA E BIBLIOGRÁFICA DE THÉO BRANDÃO</b> .....	78
5.1 LEVANTAMENTO DA REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA E TEMÁTICA DA OBRA .....	78
5.2 RESULTADOS .....	98
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	111
<b>APÊNDICES</b> .....	115
<b>APÊNDICE A</b> – Texto padrão apresentando à pesquisa ao encaminhar o questionário e o termo de autorização .....	
<b>APÊNDICE B</b> – Termo de autorização .....	
<b>APÊNDICE C</b> – Questionário .....	

## 1 INTRODUÇÃO

O conhecimento produzido e acumulado por gerações é fruto de um importante trabalho de estudiosos que registraram de algum modo suas descobertas, inventos e inquietações, que auxiliam outros sujeitos no processo de reflexão e desenvolvimento de um olhar crítico dos fenômenos, sejam no âmbito pessoal ou social. Nesse contexto, pode-se afirmar que os sujeitos não se constituem em seres isolados, nem autônomos em relação à informação e ao pensar coletivo, mas se constituem a partir das conexões de informações, conhecimentos e saberes socialmente construídos. Esses sujeitos dialogam em um mesmo tempo e espaço como também em tempos e espaços diferentes, em um processo de troca constante, resultando em modos diversos de pensar e de agir, consubstanciando-se, assim a cultura das diferentes comunidades humanas.

É significativo apontar as considerações de Robredo (2004), o qual afirma que a tecnologia oferece soluções para organizar grandes volumes de documentos, no entanto, a organização da informação ainda constitui um problema nas instituições, pois ainda se perdem muitas informações e isso continuará sendo uma grande dificuldade nos acervos caso não sejam melhorados os mecanismos de representação. Segundo o autor: “é preciso aprofundar e aprimorar os processos de análise da informação e representação do conhecimento” (ROBREDO, 2004, p. 1), isso quer dizer que não basta apenas possuir a tecnologia, é preciso que existam critérios de seleção, organização e representação da informação. Só assim, consegue-se sucesso na recuperação. Esse ponto é crucial nos dias atuais, principalmente porque é imprescindível relacionar toda essa necessidade com a modernização do meio digital. Através dos recursos tecnológicos, não só o documento é rastreado, mas informações contidas nele são identificadas.

Para Morin (2003, p. 159):

A cultura é a emergência fundamental própria da sociedade humana. Cada cultura concentra em si um duplo capital: por um lado, um capital cognitivo e técnico (práticas, saberes, saber-fazer, regras); por outro, um capital mitológico e ritual (crenças, normas, proibições, valores). É um capital de memória e de organização, como é o patrimônio genético para o indivíduo. A cultura dispõe, como o patrimônio genético, uma linguagem própria (mas muito diversificada), que permite a rememoração, a comunicação, a transmissão deste capital de indivíduo para indivíduo e de geração em geração.

O patrimônio hereditário dos indivíduos está gravado no código genético; o patrimônio cultural herdado está gravado, em primeiro lugar, na memória dos indivíduos (cultural oral), depois escrito na lei, no direito, nos textos

sagrados, na literatura e nas artes. Adquirida em cada geração, a cultura é continuamente regenerada. Constitui o equivalente a um Genos sociológico, ou seja, a um engrama-programa, que garante a regeneração permanente da complexidade social.

Percebe-se, através das reflexões de Morin (2003), que no entorno de seu conceito sobre cultura e as relações estabelecidas com a sociedade, o patrimônio cultural e a memória são os elementos onde se localizam as preocupações que percorrerão este estudo, cuja inspiração é a obra literária e bibliográfica do folclorista Théo Brandão.

Théo Brandão, com sua genialidade no entendimento sobre a importância da cultura e do folclore, deu a este último semelhante significado, que atende igualmente a este conceito. É por meio de tal conhecimento que a valorização, a visibilidade e o acesso da cultura popular serão tratados neste estudo.

A valorização e a visibilidade da cultura popular por uma instituição, através do seu acervo literário, perpassam os caminhos da informação e do conhecimento. É da relevância do folclorista Théo Brandão que nasce o interesse por sua obra literária e bibliográfica, motivação deste trabalho, que será analisada do ponto de vista da Representação da Informação, tendo em vista averiguar como ela é processada em algumas bibliotecas do estado de Alagoas, na perspectiva da visibilidade.

A curiosidade em torno da obra literária e bibliográfica de Théo Brandão surgiu no curso de pós-graduação *lato sensu* em Organização de Arquivos Especializados (2007), realizado na Universidade Federal de Alagoas. Naquele momento, o Trabalho de Conclusão de Curso versou sobre o museu e os circuitos. Porém, foi nesse instante que descobri o acervo da biblioteca da Instituição, o qual me despertou o interesse pela falta de visibilidade e acesso à obra literária e bibliográfica do folclorista. O acesso presencial ao acervo não é dificultado, mas o tecnológico não é disponibilizado ao usuário (comunidade e pesquisadores). O acervo não é divulgado pelo Museu e não faz parte do Sistema de Bibliotecas Informatizadas da Universidade Federal de Alagoas, uma das entidades mantenedoras da biblioteca e do Museu Théo Brandão. Existe apenas uma sinalização na porta identificando o setor, mas que facilmente passa despercebida. Daí o problema posto como ponto de partida deste estudo: a obra literária e bibliográfica de Théo Brandão, da forma como está sendo representada nas Linguagens Documentárias é capaz de dar visibilidade e acesso ao folclore alagoano e ao seu maior representante?

Nossa hipótese é que a obra literária e bibliográfica do folclorista Théo Brandão não está bem representada documentalente, dentro de um contexto das Linguagens



Documentárias, no estado de Alagoas, o que se reflete na invisibilidade e inacessibilidade do folclore alagoano por meios tecnológicos.

Ante o exposto, estabeleceram-se os seguintes objetivos: geral - averiguar a Representação da Informação da obra literária e bibliográfica de Théó Brandão; específicos - (1) identificar a obra de Théó Brandão em bases de dados brasileiras; (2) levantar a obra literária e bibliográfica de Théó Brandão existente em bibliotecas de Alagoas; (3) verificar a forma da Representação da Informação da obra literária e bibliográfica de Théó Brandão a partir de sua Representação Descritiva e análise temática.

Inicialmente, mapeamos as universidades brasileiras, visando conhecer a Representação da obra literária e bibliográfica de Théó Brandão. Após esse mapeamento, voltamos nossa atenção para um universo menor, no estado, em duas instituições: a biblioteca do Museu Théó Brandão e a do Instituto Histórico e Geográfico Alagoano. A escolha dessas duas bibliotecas deveu-se ao fato de uma levar seu nome e ter recebido toda sua obra e seu acervo, a outra por ele ter sido membro do Instituto.

Na pesquisa de campo, foi possível diagnosticar que na biblioteca do Instituto Histórico, o acervo não segue padrão da normalização quanto à Representação da Informação. Nela, também, não havia muitos títulos do folclorista, motivo pelo qual visitei outras bibliotecas no estado: a Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas, a Biblioteca Pública do Estado e, por fim, uma biblioteca da cidade natal de Théó Brandão, Viçosa, a Biblioteca Cantidiano Victal. Imediatamente, detectou-se que a biblioteca do Museu é a que conta com o maior número de itens.

O estudo está dividido em quatro capítulos, além da introdução e considerações finais. Os capítulos norteiam os seguintes conteúdos: (2) Fundamentação Teórica, na qual se aborda o processo da Representação da Informação, a trajetória e a terminologia da Linguagem Documentária e a Representação Descritiva. No capítulo (3) apresenta-se o folclore e o folclorista Théó Brandão, apontando desde a origem do termo *folk*, até a chegada da terminologia no Brasil, fazendo um apanhado sobre os folguedos existentes em Alagoas, a fim de perceber o quão importante são as pesquisas do folclorista. (4) Consiste na Metodologia onde se expõe os procedimentos de apropriação de conteúdos (levantamento da literatura especializada) e do estudo de campo; aponta também, o universo da seleção da pesquisa, apresentando minuciosamente as cinco bibliotecas pesquisadas; o capítulo (5) aborda a análise da Representação da Informação nas bibliotecas de Alagoas sobre o acervo literário e bibliográfico de Théó Brandão, especialmente nas cinco bibliotecas que fizeram parte do nosso recorte: Biblioteca Estadual Graciliano Ramos, Biblioteca Deraldo Souza

Campos, Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas, Biblioteca do Museu Théo Brandão e Biblioteca Cantidiano Victal. Neste capítulo, analisou-se o acervo existente. Trata ainda da Representação da Informação da obra de Théo Brandão, sob o ponto de vista da Representação Descritiva e da análise temática, apresentando os resultados pesquisados de toda obra autoral. Na conclusão, respondemos ao problema de pesquisa, cumprindo os objetivos e propondo soluções para dar maior visibilidade e acesso à obra literária e bibliográfica do folclorista, conseqüentemente ao folclore alagoano presente nessas bibliotecas.

Foram fundamentais para a construção do escopo teórico autores como Bezerra (2008), Modesto (2006), Novellino (1996), Dias e Naves (2007), Lancaster (2004), Araújo Júnior (2007), Cintra e outros (2002), Maniez (1993), Barbosa (1969), Piedade (1977), Mey (1995), Oliveira (2007), Beluche (2008), Campos (2001), Vasconcelos (1996), Moreno (2006), Corrêa (2008), Alarcón (2015) Dodebei (2002), Currás (1995), Lima (1998), Moreno González (2011), Méndez Rodriguez (2002), entre outros.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O PROCESSO DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O termo Representação tem origem no latim *repraesentatio* de *repraesentare*. Relaciona-se ao processamento, à busca, à comunicação, à disseminação e à recepção da informação. Estes aspectos se relacionam ao tratamento, à organização, à gestão e uso da informação (BEZERRA, 2008).

A Representação da Informação é todo o processo de catalogar e descrever a informação. Serve para destrinchar o conteúdo de uma obra, de um documento, de uma peça de museu, de um suporte eletrônico, enfim, de algo que necessita ser conduzido à informação de uma forma sumária para o acesso mais viável, tornando-a organizada e recuperável.

Conforme Modesto (2006):

Ao elaborar a representação de um objeto, descrever seu conteúdo e torná-lo recuperável com visto ao uso, se constrói um meio de comunicação. Comunicação pela qual o usuário é informado sobre os materiais disponíveis na biblioteca, e pode manifestar o seu desejo de obtê-los.

Como diz também Novellino (1996, p. 38): “[...] sua função é demonstrar a essência do documento”. Envolve duas etapas principais: (1) análise de assunto de um documento e a colocação do resultado dessa análise numa expressão linguística; e (2) atribuição de conceitos ao documento analisado.

A primeira consiste num tratamento temático, que “é uma etapa intelectual, processo de ler um documento para extrair conceitos que traduzam a essência de seu conteúdo” (DIAS; NAVES, 2007, p. 19). A Representação Descritiva (ou catalogação) procede-se à Análise Temática (ou classificação). Pode-se dizer que a Análise Temática é uma continuidade do processo de Representação Descritiva<sup>1</sup>, uma vez que nela se dá a identificação do assunto ou assuntos. “Esse exame (Representação Descritiva) constitui a fase inicial da chamada análise de assunto, primeira grande etapa da descrição temática” (Idem).

---

<sup>1</sup> Trata-se de um processo de descrição física. Para Dias e Naves (2007, p. 19): “Compreende, em primeiro lugar, um exame do documento com o objetivo de identificar certos elementos nele constantes e que vão servir para identificá-lo”, o que facilita a utilização em sistemas pelo usuário (Ver item 2.1.3 Representação Descritiva).

Fazem parte da catalogação os dados descritivos, como por exemplo, autor e títulos, editora, prefaciador, organizador etc, bem como fazem parte dos dados temáticos, os cabeçalhos que expressam o assunto ou assuntos do livro (DIAS; NAVES, 2005).

A etapa seguinte vai incluir outros processos, como o de extração e seleção de conceitos, até que se determine, afinal, o assunto do documento, que consiste na segunda etapa da Representação da Informação. Essa segunda etapa integra as Linguagens Documentárias (LD), que padronizam a indexação, que serão utilizadas pelo indexador e recuperadas pelo usuário no momento da busca, em conceitos e descritores (NOVELLINO, 1996).

No processo de Representação Descritiva está inserido a Representação da Informação (Análise Conceitual ou Análise de Assunto); a segunda etapa (Tradução do Documento, Atribuição de Conceitos ou Indexação) e a necessidade da utilização dos instrumentos que compõem a Linguagem Documentária, ou seja, os sistemas de classificação, os tesauros, o vocabulário controlado, a lista de cabeçalho de assuntos, o código de catalogação.

A primeira etapa da Representação da Informação, que consiste na Análise Temática, pode ser utilizada a Linguagem Natural ou a Linguagem Controlada. A Linguagem Natural é representada por termos livres, definidos pelo indexador ou pelo bibliotecário; e a Linguagem Controlada é constituída pelos instrumentos que auxiliam esse processo, os Tesauros<sup>2</sup>, os Vocabulários Controlados e as Listas de Cabeçalho de Assunto<sup>3</sup>, conceitos pré-estabelecidos da Linguagem Documentária.

Lancaster (2004, p. 13-14) atribui a seguinte definição para Tradução, a qual consiste na segunda etapa do processo de Representação da Informação:

[...] envolve a conversão da análise conceitual de um documento num determinado conjunto de termos de indexação. A esse respeito, faz-se a distinção entre indexação por extração (indexação derivada) e indexação por atribuição. Na indexação por extração, palavras ou expressões que realmente ocorrem num documento são selecionadas para representar seu conteúdo temático [...].

A *indexação por atribuição* envolve a atribuição de termos a um documento a partir de uma fonte que não é o próprio documento. Os termos podem ser extraídos da cabeça do indexador (grifos do autor).

Araújo Júnior (2007, p. 19) descreve o processo de Recuperação da Informação com os processos nela envolvidos:

---

<sup>2</sup> Os tesauros são instrumentos de indexação por conceitos.

<sup>3</sup> Os cabeçalhos de assunto são instrumentos de indexação por assunto.

A análise, descrição e **representação temática** do conteúdo de documentos são capitais ao se definir a **indexação** e o seu **processo**. Outros itens concorrem para a definição: a base de dados onde a representação do conteúdo dos documentos estará armazenada e o vocabulário do sistema, ou seja, o vocabulário controlado onde os termos empregados na indexação poderão formar, desde que exista uma estrutura semântica, um **tesauro**. O **vocabulário** do sistema, por sua vez, influenciará as estratégias de busca doravante utilizadas na busca e **recuperação da informação** nas bases de dados (grifos nossos).

Quanto à Linguagem Notacional, trata-se de um conjunto de símbolos utilizados na Representação dos termos de Classificação<sup>4</sup>, traduzindo em linguagem codificada o assunto dos documentos, permitindo sua localização. Exemplos de Classificação são: Classificação Decimal de Dewey (CDD), Classificação Decimal Universal (CDU), Ranganathan, Classificação de Bliss, Library Congress (LC). A taxonomia é uma classificação sistemática, onde as classes se apresentam segundo uma ordem lógica, apoiada em princípios, contendo apenas relações hierárquicas, sendo fundamental para a gestão do conhecimento no meio eletrônico.

### 2.1.1 A Trajetória da Linguagem Documentária

É significativo aprofundar o conhecimento em relação à Linguagem Documentária, pois ela faz parte do processo de Representação da Informação, sendo fundamental para o fluxo dessa informação.

A Linguagem Documentária é uma importante ferramenta de organização e distribuição da informação. Serve, principalmente, para organizar tematicamente esse fluxo de forma precisa e consistente. Por meio dela é possível que essa informação seja compartilhada por diversas pessoas de maneira que um único vocabulário possa ser utilizado, uniformizando-a, possibilitando a utilização de sistemas e redes eletrônicas, universalizando e socializando esse ciclo (CINTRA et.al, 2002).

As linguagens de classificação são um instrumento de trabalho do bibliotecário ou de um especialista no tratamento da Representação da Informação. Segundo Maniez (1993, p. 19),

Los lenguajes de clasificación (o *clasificaciones documentales*, o también *clasificaciones bibliográficas*) son instrumentos de trabajo vinculados a las

---

<sup>4</sup> Os sistemas de classificação bibliográfica são instrumentos de indexação por assunto.

necesidades de funcionamiento de una biblioteca o de un centro de documentación. Permiten representar de manera sintética el contenido de un documento y reunir los libros en los estantes por la afinidad de su contenido.

Não é uma tarefa exclusiva do bibliotecário o tratamento da Representação da Informação, ou seja, um especialista da área da informação pode assumir o papel de indexador, por exemplo, ou até mesmo, como afirma Maniez (1993, p. 19): “Todos ordenamos periodicamente *libros* o fotos. La clasificación es un acto mental que practicamos a diario casi sin darnos cuenta, de tan natural [...]” Barbosa (1969) define Classificação como um “processo mental pelo qual coisas, seres ou pensamento, são reunidos segundo as semelhanças ou diferenças que apresentam”. Por sua vez, complementa Piedade (1977, p. 16): “É dispor os conceitos segundo suas semelhanças, e diferenças, em um certo número de grupos metodicamente distribuídos”.

Este processo de Classificação está relacionado à Linguagem Documentária (LD) e tem um papel significativo no desenvolvimento dos trabalhos de organização e tratamento do acervo. Resumindo: na Representação da Informação.

Não se sabe com precisão quando se deu a origem dos catálogos. Sabe-se que as primeiras listas datam de 2000 a.C.; em 1400 a.C. foram encontrados registros na antiga região da Babilônia e no Egito; em 1300 a.C. também são encontrados tabletes de argila com informações bibliográficas; Em 650 a.C., em Nínive, na biblioteca do rei assírio Assubarnipal, são encontrados 20 mil tabletes, a qual presume-se haver uma espécie de embrião do catálogo, pois não só registravam o título do livro, como também, o número e volume do tablete, o nome do possuidor original, do escriba e um selo real. Só nos séculos III e II a.C. é que se encontram registros de um catálogo inscrito nas paredes de um templo no Egito. Foi neste período que se desenvolveram as maiores bibliotecas do mundo antigo: Alexandria e Pérgamo. Em Alexandria foram elaborados os *Pínakes*, por Calímaco, em 250 a.C.. Neles se registravam o número de linhas da obra, as palavras iniciais e dados sobre os autores (MEY, 1995).

Na Idade Média, século VI foram elaborados manuscritos pelos monges, os quais se dedicaram a copiar e a catalogar livros. No século VIII tem-se uma lista de obras de bibliotecas medievais contendo o título da obra e por vezes o nome do autor. No século IX, na Alemanha foi criado um catálogo com obras contidas em volumes. No mesmo século, na França, foi criada uma compilação organizada por autor, resultando em 246 volumes. No século X, tanto na Itália quanto na Alemanha serão encontrados catálogos em mosteiros que

resultaram em cerca de 700 e 600 volumes, respectivamente. Nos séculos que se seguiram até o século XIV não aconteceram grandes movimentos em torno dos catálogos. Nada de inovador surge neste período. Nem com o surgimento das principais universidades (século XIII – Paris e Bolonha) vão acontecer grandes contribuições, muito provavelmente por conta do acervo incipiente destas bibliotecas, a maioria com menos de 100 livros (MEY, 1995; OLIVEIRA, 2007).

É imperativo, a partir do nascimento da Modernidade Europeia, uma forma de tratamento mais específica dada aos acervos bibliográficos, em face da diversidade das áreas do conhecimento que passam a existir. Nasce, portanto, a necessidade de dividir, ordenar e hierarquizar os acervos existentes.

Surge, assim, de maneira formal, uma série de campos do saber, relativamente autônomos enquanto métodos e ideias. Temos, assim, a reorganização de campos já existentes, como a filosofia, e a criação de novos, como a psicologia e a sociologia (BELUCHE, 2008, p. 118).

Até então, a classificação utilizada nas obras era definida por ordem alfabética de títulos, uma classificação meramente primária, independente do tamanho do seu acervo. Exemplo disso é a Biblioteca *Al-Hakim*, uma das maiores bibliotecas do mundo no século X, a qual possuía um acervo de cerca de 500 mil livros (BELUCHE, 2008).

Na Idade Moderna, a partir do século XV, surgem as remissivas, que são registros que remetem a outros registros ou obras. A primeira compilação foi realizada por Amplonius: uma bibliografia em ordem cronológica, com apêndice e índice alfabético de autor. No século XVI surge um catálogo classificado, em ordem alfabética de autor, na Inglaterra, em meados do século são introduzidos registros dos nomes dos editores e tradutores das obras. No final do século XVI, em 1595, Andrew Maunsell compila um catálogo dos livros ingleses, onde determinam regras para o registro das obras: entrada dos nomes pessoais pelo sobrenome; em obras anônimas, a entrada dar-se-ia pelo título da obra, pelo assunto, ou por ambos. A Bíblia passa a ter um princípio uniforme de entrada. Para ele, um livro deveria ser encontrado pelo sobrenome do autor, pelo assunto ou pelo tradutor. E os registros deveriam ter dados do tradutor, impressor ou para quem foi impresso, data e número do volume (MEY, 1995).

O século XVII algumas mudanças significativas aparecem: Thomas Bodley criou para a biblioteca da universidade de Oxford, na Inglaterra, um código com índice sistemático, alfabético por ordem de sobrenome dos autores e com entradas analíticas. Gabriel Naudé, na França, assinalou a importância dos catálogos e da catalogação. Para ele, era um meio de

encontrar livros e identificá-los bibliograficamente. Recomendava que se dividisse o catálogo em seção por autor e por assunto, além de uma organização das estantes que permitisse a expansão do acervo. Tinha uma ideia muito próxima da catalogação dos dias atuais. Em 1697, Frederic Rostgaard, em Paris, publicou normas de organização do catálogo, por exemplo: arranjo por assuntos, subdividido cronologicamente, por tamanho do volume; elaboração de índices alfabéticos por assuntos e autores, com entrada pelo sobrenome (MEY, 1995).

No século XVIII foram criados catálogos classificados ou alfabéticos, a entrada dos nomes dos autores era por sobrenome e ordenado cronologicamente. Neste século, as bibliotecas particulares foram confiscadas pelo governo da Revolução Francesa e transformadas em bens públicos, assim, foram estabelecidas normas de organização e o primeiro código nacional de catalogação (MEY, 1995). São criadas as fichas catalográficas e a organização de índice em árvores do conhecimento (BELUCHE, 2008).

No século XIX, devido às várias divergências quanto à organização catalográfica, foi criada, na Inglaterra, uma comissão investigativa para se chegar a uma conclusão das condições, da administração e os serviços do *British Museum*. Anthony Panizzi, bibliotecário do museu sugeriu um código que foi aprovado com 91 regras de catalogação, influenciando a Biblioteconomia inglesa e americana. Em 1850, em Munique, na Alemanha, Ranganathan elaborou um código em forma manuscrita e que a partir dele, Carl Dziatzko, em 1886, criou a base para o código alemão. No mesmo século XIX, Melville Louis Kossuth Dewey desenvolveu regras simplificadas de catalogação, mas se destacou com a publicação da classificação decimal, conhecida como Classificação Decimal de Dewey (CDD), primeira classificação a trazer um índice (PIEIDADE, 1983). Em 1873, Dewey apresenta à diretoria da biblioteca do Amherst College um plano para sua reorganização. Foi o primeiro a atribuir símbolos de classificação aos próprios livros. Em 1876, ele criou o índice relativo, até hoje utilizado. Também, neste período, ocorreu uma consolidação da sociedade industrial, ao mesmo tempo em que houve um aumento do número de escolas públicas e privadas. Em decorrência disso, aconteceu uma “[...] padronização lingüística. Iniciou-se, portanto, a preocupação com a nomenclatura, que foi substituída parcialmente e progressivamente pela preocupação com a terminologia” (BELUCHE, 2008, p. 118). Neste mesmo ano, Charles Ammi Cutter publicou as *Regras Para Um Catálogo Dicionário*, que consistia num código que incluía não só as regras da catalogação, como também a catalogação de assuntos e de materiais especiais, normas de transliteração e elaboração de catálogos auxiliares. Criou um esquema de classificação e uma tabela representativa de sobrenomes utilizada até hoje. Destacou-se, principalmente, por suas soluções à catalogação (MEY, 1995).



Em 1892 é criada a Classificação Decimal Universal por Paul Otlet e Henri La Fontaine. A ideia era organizar uma bibliografia universal. Planejaram o controle por assunto, compilaram a bibliografia em fichas ordenadas segundo um sistema de classificação. Eles desdobraram o sistema criado por Dewey através dos trabalhos do Instituto Internacional de Bibliografia. As atividades do Instituto foram paralisadas no período de 1914 a 1918 por conta da I Guerra Mundial, só retomando as atividades em 1925 (PIEDADE, 1983).

Em 1920, foram editadas as *Normas para o Catálogo de Impressos* ou *Código da Vaticana*, baseado no código da American Library Association (ALA), de 1908. O Código da Vaticana exerceu enorme influência na Biblioteconomia brasileira a partir de 1940.

A partir da década de 1930, houve uma preocupação com a sistematização da terminologia. É tanto que as pesquisas passaram a ter um campo autônomo. Os trabalhos acadêmicos passaram a utilizar os conceitos teórico-metodológicos, enfatizando o caráter sistemático das terminologias. De acordo com Lara (2005, p. 6), “As terminologias servem para agilizar a comunicação entre os especialistas, bem como entre especialistas e o público em geral. Assumem funções de comunicação e de representação, procuram o consenso e propõem formas de controle da diversidade da significação”. Tanto a terminologia, como as LD, tendem à normalização<sup>5</sup>.

Em 1946, a criação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) preocupou-se com as questões da educação pós-guerra. Dentre suas finalidades e funções estão:

a de manter, desenvolver e disseminar o conhecimento, por meio da cooperação internacional, para acesso a todos os materiais publicados. [...] dentre outras inúmeras iniciativas, tem-se voltado aos estabelecimentos e padrões para as bibliotecas nacionais, que se refletem diretamente sobre nossas práticas biblioteconômicas (MEY, 1995, p. 25).

Nesse bojo, foi criado o programa de Controle Bibliográfico Universal (CBU), gerenciado pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA). Tanto a UNESCO quanto a IFLA exercem um papel fundamental no intercâmbio de registros bibliográficos e na catalogação, como sua consequência (MEY, 1995). O período pós-guerra trouxe grande movimentação à documentação e à precisão da informação, além de uma

---

<sup>5</sup> Vale distinguir “termo”, “léxico” e “palavra”, visto que nas LD, a Linguagem Natural passa por um processo de indexação e recuperação da informação, enquanto a terminologia destaca-se na elaboração dos vocabulários controlados. A respeito das LD, dizem Cintra e colaboradores (2005, p. 34): “As Linguagens Documentárias são sistemas simbólicos instituídos que visam facilitar a comunicação. Sua função comunicativa, entretanto, é restrita a contextos documentários, ou seja, as LD devem tornar possível a comunicação do usuário-sistema”.

explosão bibliográfica, ao mesmo tempo em que ocorreu um desenvolvimento no campo científico e tecnológico. A literatura passou a ser representada não mais por catálogos com cabeçalhos por assuntos simples, constituídos apenas de uma palavra, mas sim de cabeçalhos por assuntos compostos de mais de uma palavra. Na ocasião, este fato acarretou um problema na informação, por conta de a entrada nos catálogos ser linear, o que só foi resolvido em 1951, por Mortimer Taube. O sistema criado por ele possibilitou a recuperação da informação no momento da saída ou busca da informação, e não mais no momento da indexação do documento, ou seja, na entrada. Esse sistema ficou conhecido como Coordenado e mais tarde Pós-Coordenado (CAMPOS, 2001).

Em 1954, foi criado no Brasil, o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), o qual contribuiu expressivamente para a catalogação. Publicou o *Código de Catalogação da Biblioteca Vaticana*, em sua segunda edição; criou o primeiro curso de mestrado na área de informação; criou um catálogo coletivo de monografias e o Serviço de Intercâmbio de Catalogação (SIC). Mais tarde, em 1975, este Instituto transformou-se em Instituto Brasileiro da Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), voltando sua ação para os sistemas especializados de informação, funcionando como gerente e suporte técnico das atividades e tendo como funções: o Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Seriadas, atribuição do ISSN (Número Internacional Normalizado de Periódicos), programa editorial, distribuição do Micro-ISIS, suporte de sistemas especializados de informações tecnológicas governamentais ou privados. Além das funções, desenvolveu um formato de Intercâmbio de Informações Bibliográficas. Em 1960, surgiu o projeto *Machine Readable Cataloging* (MARC)<sup>6</sup> e o MARC II, criados pela Library of Congress (LC), servindo de base para outros formatos, inclusive o UNIMARC, que é também formato internacional (MEY, 1995). O objetivo do MARC é possibilitar a troca de registros bibliográficos e catalográficos entre bibliotecas, com uso de computadores, conforme se constata a seguir:

A finalidade do (formato) MARC não é apenas a circulação dos dados catalográficos (inclusive no plano internacional) usando uma linguagem comum e um sistema de informação tão flexível que se preste às mais diversas exigências apresentadas; consiste, também, numa tentativa mais funcional de análise das unidades de informação contidas numa ficha catalográfica, permitindo controlá-las e recuperá-las o mais rapidamente possível (BARBOSA, 1978, p. 204).

---

<sup>6</sup> O MARC é um padrão para entrada de informações bibliográficas em computador. Ajustou os recursos tecnológicos da época à catalogação tradicional, e não o contrário, ou seja, um processo de mecanização (uso da máquina), não ainda de automação (MEY, 1995).

Na década de 1960, nos Estados Unidos, a Armed Services Technical Information Agency (ASTI) cria seu primeiro tesouro; no ano seguinte é vendido o primeiro tesouro pela American Institute of Chemical Engineers (AICHE), também dos Estados Unidos. Em 1964, o tesouro da AICHE é publicado e, em 1965, os dois são unificados com temas da Engenharia. A década de 1960 para a fundamentação do processo de desenvolvimento da organização e da representação do conhecimento foi de extrema importância, enriquecendo a prática da catalogação descritiva. Além do surgimento dos tesouros, é neste momento que surge também a *Anglo American Cataloguing Rules* (AACR). Com isso, houve um incremento nos suportes para a disponibilização da informação e materiais como discos, microfimes e mapas, que passaram a ter tratamento especial (IFLA, 2003).

Em 1961 aconteceu a Conferência Internacional sobre Princípios de Catalogação, ou Conferência de Paris. A intenção era chegar a um acordo quanto ao código de catalogação. Na ocasião, foi concretizada a uniformização sobre cabeçalhos para nomes pessoais e títulos uniformes, de acordo com a língua ou país da pessoa representada. Em 1969, no Brasil, é traduzida a versão americana do AACR, sob o título de *Código Anglo-Americano de Catalogação*. Quase todas as escolas de Biblioteconomia no Brasil adotaram esse código. Em 1975 foi implantado o formato CALCO, desenvolvido pela Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, sendo adotado para o processamento de dados bibliográficos referentes à produção científica nacional (VASCONCELOS, 1996).

Em 1978, com nova revisão e atualização, é publicada a 2ª. edição da AACR, a AACR2, que engloba proposições de outros documentos: *International Standard Bibliographic Description* (ISDB - Descrição Bibliográfica Internacional), compreendendo a descrição do material bibliográfico ou não, em forma de parágrafos (na antiga ficha catalográfica, transposta para os registros bibliográficos computadorizados) e inclui, de forma geral: título, a indicação de responsabilidade, a edição, os detalhes específicos de materiais (quando se trata de material cartográfico, música, recursos eletrônicos, publicações seriadas e microformas) informação sobre publicação, a descrição física, a série, as notas, e números padronizados (MORENO, 2006). Nos anos entre 1983 a 1985, a AACR2 foi traduzida; no Brasil, saiu a segunda edição revista, o AACR2R, em 1988, com emendas em 1993 (MEY, 1995). Em 2002 a 2005, sofreu alterações e havia uma previsão da AACR3 para 2008, porém não foi publicada até então.

A partir da atualização da AACR2, foi publicada a ISBD, em 1971 pela IFLA. Os debates e o processo para a criação do ISBD iniciaram-se durante a Reunião Internacional de Especialistas em Catalogação (RIEC), realizada em Copenhague, em 1969. O ISBD

sistematiza a ordenação das informações bibliográficas, identificando elementos e utilizando uma sequência de pontuações padronizadas. Atualmente ainda é utilizado como instrumento de comunicação internacional de informação bibliográfica (MORENO, 2006).

Outros documentos foram surgindo, inclusive para contemplar diferentes tipos de suportes, como a ISBD(G), para vários tipos de materiais. Mey (1999, p. 7) aponta que o estabelecimento da ISBD partiu do estudo de práticas adotadas em oito bibliografias nacionais correntes, comparando-se tais práticas e buscando um elenco comum de elementos, porém não em virtude das necessidades dos usuários.

Na década de 1980, as discussões giraram em torno dos *hardwares* e *softwares*, porém os modelos catalográficos continuaram os mesmos estabelecidos a partir da AACR e ISBD, baseados nos princípios de Paris.

Nos anos 1990, os catálogos manuais dão vez aos catálogos eletrônicos e *on-line* (MORENO, 2006).

As mudanças no Brasil deram-se a partir de 1972, com os estudos iniciais sobre o Formato CALCO (Catalogação Legível por Computador). Criado pela Professora Alice Príncipe Barbosa, este formato teve como base o Projeto Marc II da Library of Congress. Em 1975, este formato foi indicado para o processamento de dados bibliográficos em nível nacional pela Comissão de Especialistas constituída para a implementação do National Information Systems (NATIS). Em 1980, a Rede Bibliodata/CALCO passou a ter a participação da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ), Escola Superior de Guerra, Biblioteca do Exército, Biblioteca Nacional, PUC Rio, Instituto Brasileiro, Geográfico e Estatístico (IBGE), dando início a uma nova fase da catalogação no Brasil. De 1994 a 1996 a Rede passou por uma fase de transformações e mudanças. Foram tantas as mudanças tecnológicas, que o Formato CALCO, utilizado no Brasil, estagnou e em meados da década de 1990 foi abandonado. Em substituição, adotou-se o formato USMARC (substituiu o MARC II), acarretando numa mudança na catalogação em rede nacional, passando a ser chamada de Bibliodata (VASCONCELOS, 1996; IBCTI, 2013).

Em 2000, surge o MARC 21. O Formato Marc21 (Machine Readable Catalogin) é um conjunto de códigos e designações de conteúdo definido para codificar registros legíveis por máquina. É uma linguagem-padrão internacional para intercâmbio de informações bibliográficas. É um suporte para a informação que normalmente inclui título, nomes, assuntos, notas, dados de publicação e descrição física (FURRIE, 2000). No Brasil, o MARC 21 está representado pelo Catálogo Coletivo Bibliodata, utilizado principalmente em

bibliotecas universitárias. O Catálogo Coletivo reúne mais de 1.400.000 títulos catalogados (MORENO, 2006).

Em 2001, no Seminário de Estocolmo (Suécia) – RIEC, patrocinado pela IFLA e realizado pela UBCIM *Programme* (Programa de Controle Bibliográfico e Marc Internacional), foram reavaliadas a teoria e a prática da catalogação, diagnosticando e intensificando seus custos, processo, crescimento acelerado de publicação, rápida proliferação de novos formatos e materiais com diversos métodos de acesso, onde ela precisava melhorar, em nível de apreciação internacional (MORENO, 2006).

Todas essas discussões tinham um propósito que ia além da normalização de catálogos e registros para intercâmbio de informações. A intenção era discutir sobre a necessidade dos usuários e de como atendê-las de uma forma satisfatória, diante da diversidade de formatos, materiais, suportes, usuários. Surgem daí os *Functional Requirements for Bibliographic Records* (FRBR). De acordo com a IFLA (1998, p. 7):

[...] define-se registro bibliográfico como um agregado de dados associados a entidades descritas em catálogos de bibliotecas e bibliografias nacionais. Inclusos naquele agregado de dados estão os elementos descritivos, como aqueles definidos nas Descrições Bibliográficas Internacionais Normalizadas (ISBD); os elementos de dados usados nos cabeçalhos para pessoas, entidades coletivas, títulos e assuntos, que funcionam como instrumento de armazenagem ou entrada de índices; os outros elementos de dados usados para organizar um arquivo de registros, como os números classificação; as notas como de resumo ou sumários; e os dados específicos (relativos) a coleções de bibliotecas, tais como números de acesso e de chamada.

Neste momento, a recomendação da IFLA em relação à FRBR é:

[...] produzir um quadro que fornecesse um entendimento claro, precisamente determinado e compartilhado (por todos) do que seria aquilo sobre o que o registro bibliográfico proveria informações e que se esperaria que o registro obtivesse, em termos de responder às necessidades dos usuários (MORENO, 2006, p. 25).

A FRBR traz uma mudança na estrutura conceitual do que é registro bibliográfico e do que ele deve conter, buscando delimitações entre o conteúdo e o suporte, visando ao maior número de opções ao usuário do catálogo eletrônico.

Conforme Alvarenga (2001 apud CORRÊA, 2008, p. 45):

À medida que as tecnologias da informação foram sendo criadas, disponibilizadas e aperfeiçoadas, os sistemas de representação e recuperação

de informações documentais assistiram a uma extrapolação dos limites dos tradicionais catálogos referenciais em fichas, alcançando as bases de dados online.

A catalogação tradicional (Código de Catalogação Anglo-Americano Rules – AACR2) dá espaço a uma catalogação informatizada submetida às bases de dados bibliográficas, as quais se utilizam dos metadados (palavras-chave<sup>7</sup>), definidos no momento da indexação. Corrêa (2008, p. 45) atenta para o fato de que “Este recorte ressalta a importância da codificação da informação em bases de dados bibliográficos e a necessidade de elaboração de um novo padrão, que atenda às necessidades dos usuários”.

A partir dessa necessidade, surge a Recurso de Descrição e Acesso (RDA), a qual, em seu texto, dispõe:

As tecnologias digitais mudaram significativamente o ambiente em que bibliotecas, arquivos, museus e outras entidades que administram a informação, trabalham e mantêm suas bases de dados, as quais descrevem e proporcionam o acesso a recursos que integram seus acervos (CORRÊA, 2008, p. 46).

A RDA é a nova norma de catalogação que substituiu, em 2009, o *Código de Catalogação Anglo-Americano*, segunda edição. É uma estrutura proposta pelo Joint Steering Committee for Development of RDA (JSCD), desde 2007. O RDA vai além dos códigos de catalogação anteriores, ao prover orientações sobre como catalogar recursos digitais e auxiliar melhor os usuários para encontrar, identificar, selecionar e obter a informação desejada. O RDA também contribui para o agrupamento de registros bibliográficos, visando mostrar as relações entre obras e seus criadores. Essa importante e nova característica torna os usuários mais conscientes das diferentes edições, traduções ou formatos físicos das obras.

O foco maior do RDA deverá ser o de fornecer diretrizes e instruções no registro de dados que espelhem atributos e relações ligadas a entidades definidas nos modelos do FRBR<sup>8</sup> e FRAD<sup>9</sup> (CORRÊA, 2008, p. 46).

---

<sup>7</sup> São termos simples ou expressão composta, do próprio autor, para definir assuntos.

<sup>8</sup> FRBR – são entidades: obra, expressão, manifestação e item. Está dividida em três grupos: (1) entidades que são produto de trabalho intelectual ou artístico; (2) entidades que são responsáveis pelo conteúdo intelectual, guarda ou disseminação das entidades do primeiro grupo e (3) entidades que são ou podem ser assunto das entidades (MORENO, 2006, p. 35).

<sup>9</sup> FRAD – Functional Requirements for Authority Data. Suporte para o RDA. Relaciona os autores pessoais e/ou entidades autoras ao escopo do RDA.

Essas mudanças são exigências de uma demanda que ao longo desses últimos anos vêm tomando o espaço do usuário presencial nesses ambientes. O surgimento do usuário virtual ocupa um segmento necessário no mundo globalizado em que vivemos. A RDA vem atender a essa demanda, a essa necessidade de ser flexível e aplicável a qualquer base de dados informacional.

Conforme Alarcón (2015), a verdadeira mudança vai acontecer quando chegar o novo formato para o tratamento dos metadados dos registros bibliográficos. Na Espanha, este formato já está em teste, conhecido como *Bibliographic Framework Initiative* (BIBFRAME), o qual opera nos Sistemas Integrados de Gestión Bibliográfica (SIGB). Este formato é uma substituição ao MARC21, preservando uma troca de dados robustos, que tem apoiado o compartilhamento de recursos e redução de custos de catalogação nas últimas décadas.

### **2.1.2 A Terminologia da Linguagem Documentária**

De acordo com Lara (2005) a terminologia agiliza a comunicação entre especialistas, e entre especialistas e público em geral. Sua função é comunicar e representar, procurando um consenso, ao mesmo tempo em que propõe formas de controle da diversidade da significação. A importância da terminologia para as Linguagens Documentárias é significativa, pois elas contribuem para a produção de vocabulários controlados.

Das Linguagens Documentárias (LD) existentes, as mais utilizadas em bibliotecas públicas, universitárias e escolares, são os sistemas de Classificação Decimal Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU).

Cintra e colaboradores (2002) explicam que as Linguagens Documentárias podem ser alfabéticas ou decodificadas, consistindo num conjunto de termos selecionados da linguagem natural ou das terminologias de especialidades. As LD compõem um sistema, onde as unidades se organizam em relações de dependência e têm sua comunicação restrita a contextos documentários.

Constituem uma espécie de código de tradução que têm, entre suas funções, a normalização das representações documentárias como meio de viabilizar sua comunicação. Essa tradução, que permite a transformação de informações dos textos em Linguagem Natural e/ou especializada para uma Linguagem Documentária Controlada (Ex. tesouros e vocabulários controlados) envolve a questão da significação e de como representar adequadamente as informações, sem comprometer seu significado.

As LD são linguagens artificialmente construídas que visam “traduzir” sinteticamente conteúdos documentais, utilizados nos sistemas documentários para indexação, armazenamento e recuperação da informação. É um conjunto controlado de termos usados para representar os assuntos dos documentos.

O objetivo da LD é o controle de vocabulário, isto é, controlar a terminologia de área ou áreas do conhecimento, por meio do estabelecimento de um conceito/interpretação definindo os termos de acordo com as necessidades de uso do sistema.

A utilização de uma LD para a escolha do termo correto para descritor reduz a diversidade e a ambiguidade da terminologia e estabelece a eficácia com que o indexador pode descrever o assunto dos documentos, visto que vários autores podem se utilizar de diferentes palavras para expressar uma mesma ideia. Só podem cobrir conceitos de um domínio específico do conhecimento humano, não havendo, assim, Linguagens Documentárias gerais.

A LD visa, também, a uniformização do uso de linguagens especializadas proporcionando uma representação padronizada do conteúdo informacional, bem como uma recuperação da informação mais pertinente. As palavras que descrevem as informações ou descritores são os elementos que compõem as Linguagens Documentárias.

Tipos de Linguagem:

- Linguagem Natural
- Linguagem Documentária, também conhecida como Linguagem Controlada;
- Linguagem de Indexação;
- Linguagem Descritora;
- Codificações Documentárias.

Adaptamos as informações de Boccato (2009), as quais são especificadas nos quadros a seguir:



**Quadro 1 – Tipos de Linguagem**

<b>Linguagem Natural</b>	<b>Linguagem Documentária</b>
A parte oral é mais importante.	São fundamentalmente escritas.
São gerais.	São especializadas.
São estabelecidas e adaptadas através de longos períodos de tempo e por muitas pessoas.	São estabelecidas em poucos anos por um número reduzido de pessoas.
A sinonímia e a polissemia são fatos naturais da Linguagem Natural. Aceitam ambiguidades.	Não aceitam ambiguidades. Não comportam polissemias e se esforçam por evitar as sinonímias.
São naturalmente aceitas e adquiridas pelos usuários.	Devem ser aceitas pelos usuários.
Interessam os aspectos fonológicos, semânticos e sintáticos.	Interessam somente os aspectos semânticos e sintáticos.
São naturais.	São artificiais.
São menos eficientes que as Linguagens Documentárias nas operações de recuperação da informação.	São mais eficientes que as linguagens naturais nas operações de recuperação da informação.
São instrumentos de comunicação.	São instrumentos de comunicação.
Têm sua própria estrutura.	Sua estrutura se baseia na estrutura da Linguagem Natural sobre a qual elas estão formadas.
Necessitam de hierarquias para evitar malformações gramaticais.	Necessitam de hierarquias para evitar malformações gramaticais.
São sensíveis a mudanças culturais.	São mudanças culturais.
Não tem uma função específica.	Têm um propósito específico e um nível de funções.

**Fonte:** Boccatto (2009).

Dentre as vantagens e desvantagens de se utilizar a Linguagem Documentária e a Linguagem Natural, têm-se os Quadros 2 e 3, a seguir:

**Quadro 2 – Vantagens e Desvantagens da Linguagem Documentária**

Vantagens	Desvantagens
Se bem construído, o vocabulário controlado poderá oferecer alta precisão e revocação, e também ampliar a confiança do usuário frente a um possível resultado negativo.	Um rígido vocabulário controlado poderá não refletir os objetivos da base de dados.
As relações hierárquicas e as remissivas do vocabulário controlado auxiliam tanto o indexador, quanto o usuário na identificação de conceitos relacionados.	Necessidade de treinamento no uso dos vocabulários controlados tanto para os intermediários, quanto para os usuários finais.
Redução no tempo de consulta à base, pois a estratégia de busca será melhor elaborada com o uso do vocabulário controlado.	Desatualização do vocabulário poderá conduzir a resultados falsos.
Aumenta a precisão.	
Controle total do vocabulário de indexação, minimizando os problemas de comunicação entre os indexadores e os usuários.	Custos: a produção e manutenção da base de dados terão despesas maiores com a equipe de indexadores. Terá ainda que manter pessoal especializado na atualização do vocabulário
Promove a consistência/coerência na indexação.	

**Fonte:** Boccato (2009).

**Quadro 3 – Vantagens e Desvantagens da Linguagem Natural**

<b>Vantagens</b>	<b>Desvantagens</b>
Permite o imediato registro da informação numa base de dados, sem necessidade de consulta a uma linguagem de controle.	Os usuários, no processo de busca, precisam fazer um esforço intelectual maior para determinar os sinônimos, as grafias.
Processo de busca é facilitado com a ausência de treinamentos específicos no uso da linguagem de controle.	Haverá uma alta incidência de respostas negativas ou de relações entre os termos usados na busca (por ausência de padronização).
Termos de indexação são extraídos diretamente dos documentos que vão compor a base de dados.	Custos de acesso tendem a aumentar com a entrada de termos aleatórios
Termos específicos citados nos documentos podem ser encontrados.	Uma estratégia de busca que arrole todos os principais conceitos e seus sinônimos deve ser elaborada para cada base de dados.
Elimina os conflitos de comunicação entre os indexadores e os usuários, pois, ambos terão acesso aos mesmos termos.	Perda de confiança do usuário numa possível resposta negativa.

Fonte: Boccato (2009).

**Quadro 4 – Tipos de Linguagem Documentária**

<b>Pré-Coordenadas</b>	<b>Pós-Coordenadas</b>
Sistemas de classificação	Vocabulários controlados
Lista de cabeçalhos de assuntos	Tesauro
Glossários	Taxonomias
Dicionários	Ontologias

Fonte: Boccato (2009).

As Linguagens Pré-Coordenadas são uma combinação feita na etapa de entrada das palavras, na indexação. Os assuntos são representados por um conjunto de termos já

combinados, como por exemplo, o álbum de fotografia. Devem contemplar todas as possibilidades de combinação entre os termos para formar assuntos complexos. São palavras, termos ou frases escolhidas para expressar um conceito ou uma combinação de conceitos de indexação. Trazem problemas à indexação, devido, principalmente, a impossibilidade de prever todas as alternativas de relacionamento entre conceitos. Nas Linguagens Documentárias, o número e a precisão dos termos de uma lista podem levar a crer numa busca facilitada. Não são flexíveis para permitir uma busca por qualquer termo que compõe o cabeçalho.

Podem ser de dois tipos:

- Classificatórias (Classificações);
- Alfabéticas (Cabeçalhos de assuntos).

As desvantagens consistem em que, as linguagens pré-coordenadas, necessitam de entradas múltiplas para explicitar todos os conceitos significativos; são difíceis de atualizar, têm pouco dinamismo; menor flexibilidade na indexação; relações estáticas; menor revocação.

As Linguagens Pós-Coordenadas são uma combinação feita no momento da saída, na recuperação. Utiliza-se de operadores booleanos (E, OU, NÃO).

Exemplo: álbum e fotografia para recuperar “álbum de fotografia”.

As vantagens nesse tipo de linguagem são que: elas são dinâmicas, pois novos termos podem ser incluídos com maior rapidez; as relações multidimensionais entre termos; todos os termos são pontos de acesso; maior flexibilidade na indexação.

Quanto às desvantagens: geram falsa recuperação e necessitam de artifícios para evitá-la; exigem maior esforço na busca.

Para este estudo, vale ressaltar a importância de três exemplos de LD, a saber: Vocabulários Controlados, Tesouros e Lista de Cabeçalhos de Assuntos.

O vocabulário controlado consiste na compreensão do texto, identificação e seleção dos conceitos e na tradução da linguagem natural para a linguagem de indexação ou documentária adotada pela biblioteca. A priori, é necessário definir os conceitos designados pelos termos e o estabelecimento das relações entre eles.

Segundo Lancaster (2004): “É uma lista de termos autorizados composto de uma estrutura semântica, estes termos são utilizados pelo indexador na representação dos assuntos dos documentos”. O controle de vocabulário é um recurso para organizar e recuperar documentos – e informações – com consistência, gerando, conseqüentemente, confiança no sistema.

Em 1940, o termo tesouro passa a ser utilizado pela Ciência da Informação com o objetivo de realizar a recuperação da informação, sendo um instrumento de transportar conceitos e suas relações, expressões na linguagem dos documentos. Tem como principais características, os conceitos, representados por termos (descritores ou preferidos) e as relações entre eles (DODEBEI, 2002). Conforme a autora, o problema de alocação e documentos em classes de assuntos passa a ser resolvido pelos tesouros, devido a sua capacidade de controlar o vocabulário, de relacionar os descritores/termos de forma mais consistente. O tesouro apresenta uma complexa rede de referências cruzadas numa estrutura sintética simplificada. Seu principal objetivo é o controle terminológico. É uma linguagem controlada.

Conforme Dodebei (2002, p. 59):

[...] os tesouros reúnem conceitos que, embora sejam representados por símbolos linguísticos, têm restrito o significado. Este é, precisamente, o campo onde os tesouros se, identificam com os sistemas conceituais, ou seja, para cada conceito só pode existir uma representação simbólica, designada de “termo” ou “descriptor”.

Devido à grande quantidade de documentos especializados, surge a necessidade de utilizar os tesouros, que, conforme Currás (1995):

É uma linguagem especializada, normalizada, pós-coordenada, usada com fins documentários, onde os elementos linguísticos que a compõem – termos simples ou compostos – encontram-se relacionados entre si sintática e semanticamente.

As Listas de Cabeçalhos de Assuntos, conforme Lancaster (2004) têm uma estrutura imperfeita, não distinguem as relações de hierarquia das associativas. Tem base alfabética, controlam sinônimos, distinguem homógrafos e agrupam termos afins. As Listas de Cabeçalhos de Assuntos representaram uma inovação em matéria de catálogos de bibliotecas, por terem sido criadas para atender ao cidadão comum e não a um público erudito.

### **2.1.3 Representação Descritiva**

A Representação Descritiva no contexto em que se apresenta nesta dissertação pode ser definida de acordo com o conceito de Lima (1998, p. 56):

[...] representar o conhecimento acumulado por um domínio é apenas uma parte do processo de tratamento documentário para que este conhecimento

transformado em informação possa ser acessado pelo usuário de um Sistema de Informação e efetivar assim a comunicação documentária.

O conceito de Méndez Rodríguez (2002) é mais abrangente em sua definição quanto à Representação Descritiva. Ele diz:

Significa um nível físico de informação, como nome dos arquivos ou formatos, tipos de dados etc., ou seja, o que é necessário para decodificar uma sequência de bytes em elementos reconhecidos por uma linguagem de programação de propósito geral. Já metadado, para a área da Biblioteconomia, é um tipo de dado utilizado para descrever o conteúdo, a estrutura, a representação e o contexto de algum conjunto de dados específicos (tradução livre).

A Representação Descritiva (ou catalogação) é o que está diretamente relacionado com os dados editoriais da publicação, a exemplo de: autor, título, edição, editora, ano, número de páginas, ilustração, série, coleção, enfim, toda descrição física de uma obra.

Em Ciência da Informação chama-se metadados, visto que, é por meio deles que se facilita a recuperação da informação em bases de dados nos diversos sistemas computacionais. Os formatos metadados cumprem função semelhante à desempenhada pelos códigos de catalogação, sendo que os metadados descrevem os documentos eletrônicos; e os códigos de catalogação descrevem os documentos impressos. Em determinados documentos eletrônicos, os códigos de catalogação não contemplam todo o documento, daí a necessidade de estabelecer os metadados. Existem vários formatos, e atualmente, o que vem se destacando é o Dublin Core (DC) (DIAS; NAVES, 2007).

O DC é usado para catalogação e descrição de recursos (livros, imagens etc.). Seu propósito é descrever recursos web sobre qualquer matéria. Baseia-se em 15 elementos que descrevem o conteúdo do *site*, atendendo a três tipos de informação: o conteúdo, a propriedade intelectual e a data e formato do documento, assim como sua identificação (MOREIRO GONZÁLEZ, 2011).

As bibliotecas digitais utilizam e renovam as novas tecnologias existentes, caracterizando, inclusive, uma forma de dar visibilidade e acesso ao acervo, ou especificamente, aos trabalhos de determinados autores.

[...] podem ser considerados como dados sobre outros dados. É o termo da era da internet para a informação que os bibliotecários, tradicionalmente, colocaram em catálogos e que se refere comumente à informação descritiva sobre recursos da web (MEY; SILVEIRA, 2009, p. 133).

O tema sobre metadados ainda está em discussão nas comunidades que os utilizam (bibliotecas, museus, arquivos, centros de informações), apesar de que, desde os períodos mais antigos das civilizações, sua utilização já era aplicada, mesmo que de uma maneira primitiva ou arcaica. Atualmente sua utilização no contexto da *web* semântica<sup>10</sup> vem sendo praticado de maneira a divulgar melhor os espaços, abandonando a ideia principal dessa utilização que era o de mantê-la sob a égide dos curadores dos museus e bibliotecários. Sendo assim, ocorre que os metadados via *web* semântica tornaram-se muito mais amplos (BREITMAN, 2005). Os metadados não substituem os tesouros, mas impactaram consideravelmente sua utilização.

---

<sup>10</sup> A *Web* semântica é uma extensão da *Web* que acrescenta semântica ao atual formato de representação de dados. Para isso foram propostas diversas tecnologias, visando atribuir sentido e significado ao conteúdo dos documentos, atuando como ferramenta de representação do conhecimento. Uma ferramenta inteligente que trabalha através de associação e dedução. Sob essa perspectiva, a tarefa de verificar o assunto do documento ficaria a cargo das máquinas, poupando tempo e trabalho a quem realizasse uma busca (PICKLER, 2007).

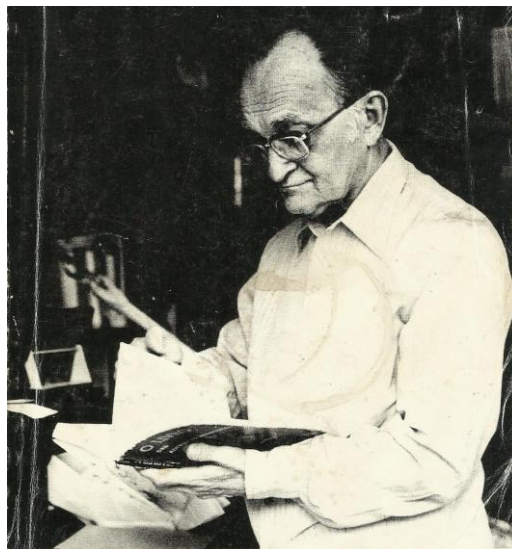
### 3 APRESENTAÇÃO DO FOLCLORE E DO FOLCLORISTA THÉO BRANDÃO EM ALAGOAS

É imprescindível que façamos uma retrospectiva sobre a importância biográfica de Théo Brandão, e do mesmo modo, contextualizar o folclore, a fim de dar o necessário prosseguimento das discussões que se seguirão acerca de nosso objeto de estudo que é a Representação da Informação na obra literária e bibliográfica do folclorista.

Esta seção encontra-se dividida em duas subseções, as quais tratam respectivamente sobre a biografia do folclorista Théo Brandão e sua contribuição para o folclore alagoano, tanto em nível local como global; e, logo, a contextualização do termo folclore, finalizando com uma descrição dos folguedos alagoanos que foram apresentados academicamente pelo folclorista.

#### 3.1 A IMPORTÂNCIA DE THÉO BRANDÃO PARA A CULTURA ALAGOANA

**Figura 1 – Théo Brandão**



Fonte: ROCHA, José Maria Tenório. **Théo Brandão, mestre do folclore brasileiro**. Maceió: EDUFAL, 1988.

Nascido no dia 26 de janeiro de 1907, na cidade de Viçosa, zona da mata de Alagoas, Theotônio Vilela Brandão é filho de Manoel de Barros Loureiro Brandão, médico e farmacêutico, e sua prima Carolina Vilela Brandão, ambos filhos de engenho: Engenho do Barro Branco e Engenho Boa Sorte, respectivamente. Seu pai era médico e o apelido de



doutorzinho, por conta disso, o acompanhou por boa parte de sua infância, o que lhe influenciou mais tarde a formar-se em Medicina.

Em 1923 termina o Curso Preparatório e vai para Salvador se preparar para o vestibular da Faculdade de Medicina da Bahia. É aprovado e após quatro anos é convidado para integrar um núcleo de estudos, no qual foi aluno de destaque. Concomitante, por desejo de seu pai, formou-se também em Farmácia.

Em Salvador, seu colega de pensão era Arthur Ramos, também alagoano e uma das influências que o levou para o folclore. Em 1928, mesmo morando no Rio de Janeiro, colabora para um pequeno jornal da cidade de Viçosa, em Alagoas. Escrevia sobre problemas da cidade, sobre o folclore viçosense e sua importância. “Sempre houve uma preocupação com a literatura e com o folclore” (ROCHA, 1988, p. 27).

Na Bahia, seu colega de pensão era Arthur Ramos, também alagoano e que foi uma das influências que o levou para o folclore, em 1928, mesmo no Rio de Janeiro, colabora para um pequeno jornal da cidade de Viçosa, em Alagoas. Escrevia sobre problemas da cidade, sobre o folclore viçosense e a importância do folclore. “Sempre houve uma preocupação com a literatura e com o folclore” (ROCHA, 1988, p. 27).

Nessa época, manteve contato com alguns pernambucanos, através do jornal *A Província*, do qual era colaborador, Gilberto Freyre, o que o fez tornar seu discípulo. Após a defesa de sua tese, voltou para Maceió e em seguida foi para Recife, trabalhar em sua clínica, a pedido de seu pai e permaneceu nesta cidade até sua namorada diplomar-se como professora. Casou-se com Élide Baía de Almeida, alagoana de Viçosa.

Théo Brandão voltou para Maceió para trabalhar na maternidade com seu pai e abriu uma clínica de Pediatria e Obstetrícia.

Em Maceió, envolveu-se com um grupo de intelectuais da cidade, formado por Diégues Júnior, Graciliano Ramos, Raul Lima, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, José Auto, Santa Rosa Júnior, Aurélio Buarque de Holanda. Escreveu um artigo intitulado “Folclore e educação infantil”, marcando suas atividades como folclorista.

Ao mesmo tempo em que foi nomeado professor catedrático de Higiene e Puericultura da Escola Normal e exercia a função de médico clínico e pediatra, Théo Brandão participava dessa roda de intelectuais. Convidado por Aurélio Buarque, escreveu sobre o folclore negro de Alagoas. O texto foi lido no Teatro Deodoro, mas não chegou a ser publicado, face a negação social sobre as questões negras, principalmente a da existência da religiosidade.

Todo esse interesse de Théo Brandão pelas questões do folclore nasceu em meio a sua realidade infantil quando passava as férias no Engenho Boa Sorte e convivia com as

apresentações dos reisados, das cavalcadas, das cheganças e dos pastoris. Seu pai também era um admirador do folclore, tanto que comprava obras de Gustavo Barroso<sup>11</sup>, João Ribeiro<sup>12</sup>, Lindolfo Gomes<sup>13</sup> e Leonardo Mota<sup>14</sup> para presentear aos filhos.

Em 1937, é proposto como membro do Instituto Histórico de Alagoas. Nesse momento abraça o folclore e faz uma pesquisa sobre a bibliografia e a biografia dos folcloristas que o antecederam. Começou, a partir de então, a dedicar-se ao folclore e à medicina popular. Suas pesquisas eram realizadas no ambulatório de Puericultura e Pediatria, onde colhia informações sobre medicina popular, crendices e superstições com as mães que iam à clínica consultar suas crianças.

Nesse contexto, aproveitava para obter informações sobre medicina popular, crendices e superstições com suas pacientes e os velhos da família, inclusive sua mãe, que conhecia muitos remédios, pois viveu sua infância e parte da juventude no engenho. Também teve um tio curandeiro, Sinfrônio Vilela, que repassou muitas informações a respeito para ele.

Em 1939, Arthur Ramos fundou a Sociedade de Etnologia e Etnografia no Rio de Janeiro e o convidou a integrá-la; funcionava na Faculdade de Filosofia no Largo do Machado. Em 1947, preocupado com o quase desaparecimento dos folguedos populares das festas de Maceió, apresentou ao Prefeito Municipal, Abelardo Pontes Lima, um plano para a reestruturação dos folguedos.

O plano foi aceito e Théo Brandão passou a presidir e integrar as comissões dos festejos natalinos e carnavalescos, não só nesta gestão, mas também nas gestões de Manuel Valente e Vinícius Cansanção. Nesse mesmo ano, foi nomeado membro da Comissão Nacional de Folclore, a qual criou nos estados brasileiros 17 Comissões ou Subcomissões Estaduais de Folclore. Entre essas subcomissões está a Subcomissão Alagoana de Folclore, criada em 9 de abril de 1948.

---

<sup>11</sup> Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso (Fortaleza, 29 de dezembro de 1888 - Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1959) foi advogado, professor, político, contista, folclorista, cronista, ensaísta e romancista brasileiro.

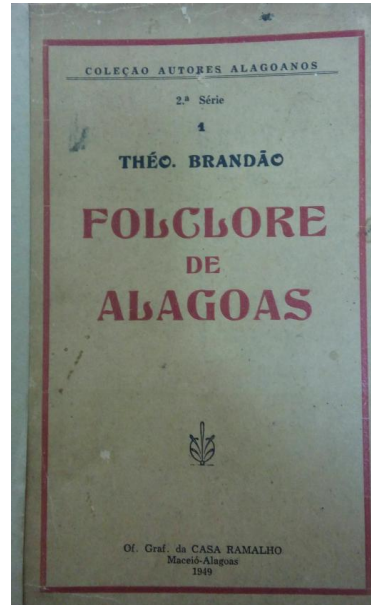
<sup>12</sup> João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (Laranjeiras, 24 de junho de 1860 - Rio de Janeiro, 13 de abril de 1934), mais conhecido como João Ribeiro, foi jornalista, crítico literário, filólogo, historiador, pintor e tradutor brasileiro. Foi também membro da Academia Brasileira de Letras.

<sup>13</sup> Lindolfo Gomes (Guaratinguetá, São Paulo, 12 de março de 1875 - Rio de Janeiro, 15 de maio de 1953) foi contista, ensaísta, folclorista, inspetor de ensino, jornalista, poeta, professor, prosador e teatrólogo.

<sup>14</sup> Leonardo Mota (Pedra Branca, 10 de maio de 1891 - Fortaleza, 2 de janeiro de 1948) foi escritor, professor, advogado, promotor de justiça, secretário de governo, tabelião, jornalista e historiador. Formou-se pela Faculdade de Direito do Ceará no ano de 1916.

Em 1949, publicou seu primeiro livro: *Folclore de Alagoas*, um volume de artigos sobre folclore em colaboração com o jornal *Gazeta de Alagoas*, posteriormente publicado com recursos próprios, o qual se tornou uma obra rara.

**Figura 2** – Primeiro livro de Théo Brandão



**Fonte:** Pesquisa da Autora, 2015.

Com esse livro, ganhou o Prêmio Othon Bezerra de Mello, da Academia Pernambucana de Letras, no valor de dez contos de reis, o que deu para bancar a edição e ainda comprar uma máquina fotográfica; também ganhou o Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras.

Em 1949, Théo Brandão recebeu o Prêmio Mário de Andrade, da Discoteca Municipal da Prefeitura de São Paulo, com a monografia “O Reisado Alagoano”, considerada mais tarde um clássico por Manuel Diégues Júnior. De 1949 a 1952, ocupou o cargo de Segundo Vice-Presidente, depois Vice-Presidente do Instituto Brasileiro de Educação Ciências e Cultura (IBECC) de Alagoas.

Em 1950 torna-se membro correspondente da Sociedade de Folclore da Bolívia e dois anos depois foi recebido na Asociación Española de Etnografía y Folclore, de Madrid; integrou também a Asociación Tucumana de Folclore, na Argentina. Nessa década de 1950, participou como colaborador nos jornais *O Jornal e Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, para os quais enviava artigos sobre folclore, especificamente sobre pesquisas.

Muitos desses artigos foram publicados mais tarde como livros, a exemplo do trabalho sobre *Embolada; Côco e Folclore do mar*, resultado da parceria com Luiz Alípio e José Medeiros, os quais registraram com documentação fotográfica os folguedos e folclore

alagoanos, publicados também na revista *O Cruzeiro e Fandango*, este publicado pela Revista do Instituto Histórico. Do material sobre *Chegança* só publicou o resumo, pois uma das dificuldades apontadas por Théó Brandão era a falta de tempo para datilografar seus textos.

Em 1951, na semana de 22 a 31 de agosto, foi realizado no Rio de Janeiro o Congresso de Folclore, em decorrência do trabalho de Luiz Alípio em parceria com Théó Brandão, onde ambos estabeleceram uma parceria de pesquisa e formatação jornalística. Nesse evento se reuniram os velhos e desconhecidos folcloristas e foi apresentado o livro *Trovas populares de Alagoas*. Depois disso, participou de todos os congressos e reuniões sobre folclore que aconteceram no país.

Em 1952, realizou em Maceió, a IV Semana Brasileira de Folclore, tornando a cidade a sede brasileira do folclore<sup>15</sup>. Em seguida, veio a publicação de *Folgedos natalinos*, fruto de autos populares anteriormente publicados nos jornais *Diário de Notícias* e *Jornal de Alagoas*.

Em 1961 se aposentou como professor de Higiene e Puericultura na Escola Normal e como médico Pediatra e ficou como professor de Antropologia. Nesse tempo, a Universidade Federal de Alagoas, o homenageou, atribuindo seu nome ao Museu Théó Brandão de Antropologia e Folclore.

Algumas separatas publicadas na *Revista Brasileira de Folclore*, no Instituto Joaquim Nabuco, na *Revista do Instituto Histórico de Alagoas* e na *Revista de Etnografia do Porto*, também dariam dois ou três livros, segundo Théó Brandão (ROCHA, 1988).

Na *Revista do Corso*, em Nápoles, na Itália, publicou *Cantos e ritos funerários em Alagoas* e outro para a *Revista de Etnografia do Porto* intitulado *Novíssimos romances do gado*, ambos pouco conhecidos. Dedicou-se também aos contos populares, como *Coco verde e melancia*, publicado na *Revista Brasileira de Folclore*. Muitos deles foram registrados em gravador, transcritos e transformados em coletânea com 200 contos populares.

Em 1977, dos dias 19 a 25 de agosto, Maceió é escolhida para a realização das festas folclóricas<sup>16</sup>. O motivo que levou a essa escolha foi o fato de Théó Brandão completar 70 anos de idade, portanto, era uma homenagem à vida laboriosa e ao trabalho profícuo do mestre dos estudos folclóricos brasileiros.

Só por sua história de vida, Théó Brandão já seria uma figura ilustre do estado de Alagoas, mas não a contento, escreveu muito sobre a cultura e os folgedos de sua terra natal.

---

<sup>15</sup> A primeira semana foi realizada em 1948 no Rio de Janeiro, a segunda em 1949, em São Paulo, a terceira em 1950 em Porto Alegre.

<sup>16</sup> A primeira festa, em 1973, aconteceu em Brasília; a segunda, em 1974, no Rio de Janeiro; a terceira em 1975, em Natal; a quarta festa em 1976, em Belo Horizonte; a quinta, em 1977, em Maceió.

Valorizou imensamente toda essa riqueza, publicando livros, folhetos, cadernos, artigos, registros sonoros, dando assim visibilidade para a cultura do estado. Foi um intelectual com luz própria. Seu pioneirismo é reconhecido. Na década de 1940, já era tido como um dos principais folcloristas brasileiros. Os prêmios que recebeu por conta de suas pesquisas denotam isso: o prêmio Othon Lynch, da Academia Alagoana de Letras, e o Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, pelo livro *Folclore de Alagoas*, e duas vezes o prestigioso prêmio Mário de Andrade, da Prefeitura Municipal de São Paulo, pelas obras *O Reisado Alagoano* e *Os Pastoris de Alagoas*, respectivamente (CHAVES, 2011). Após uma cirurgia no estômago, no Rio de Janeiro, retorna a Maceió e falece em 29 de setembro de 1981.

### 3.2 SOBRE A ORIGEM DO FOLCLORE

O folclore, em seu processo histórico, nasceu até meados do século XVII, entre o limiar da cultura popular e da cultura da elite; as duas culturas se distanciaram, ocasionando uma repressão de uma sobre a outra. O jornal britânico *The Athenaeum* foi quem primeiro usou o termo, utilizando-se da proposta do arqueólogo William John Merton, que queria dedicar-se aos estudos das antiguidades do povo e da literatura popular. É fato que o interesse por esse tema pertencia mais à área e competência dos arqueólogos que dos cientistas sociais e que, efetivamente, ganhou mais notoriedade, após a publicação do livro de Henry Bourne, *Antiquitates Vulgares* e dos estudos de Brand, em dois volumes sobre o tema: *Antiquitates Populares* (RAMOS, 1951).

Antes mesmo da existência do termo *folk-lore*, os países latinos utilizaram expressões, como “tradições populares”, “literatura popular”, “saber popular”. A partir do uso do termo folclore, em 1846, na Inglaterra, a cultura popular ganha um aspecto sistematizado e delimitado. Daí para sua introdução na sociedade norte-americana as áreas de interesse, estabeleceram-se, segundo Almeida (1976), em quatro categorias: a) cantos, crenças, dialetos; b) o acervo literário de oralidade dos negros localizados nos Estados Unidos, apontados na escola europeia; c) usos e costumes presentes entre as populações do México e do Canadá francês; e d) contos e mitologia dos índios norte-americanos.

A cultura popular surge somente com o movimento romântico, cristalizando-se com os folcloristas - portanto é criação de intelectuais, com intenções variadas. Folcloristas e românticos cunham um tipo de entendimento da cultura das classes subalternas. Nos séculos XVII e XVIII vão separando de

forma crescente a cultura de elite e a cultura popular – uma atitude da aristocracia que exclui, acentua diferenças entre os plebeus e os nobres, num contexto com poucas escolas, dificuldades de comunicação e transporte precário (ORTIZ, 1992, p. 62).

No Brasil, de acordo com Ramos (1951), a chegada do termo *folk-lore* não tardou e ganhou muitos adeptos. Arthur Ramos foi um de seus estudiosos, assim como Théo Brandão, sendo que ambos concluem e se utilizam dos conceitos sobre folclore:

1°. *Folk-lore* é a ciência das tradições populares no seio dos povos civilizados (Sébillot, Saintyves), abrangendo a “literatura tradicional” e a “etnografia popular” (Sébillot);

2°. *Folk-lore* é uma divisão da Antropologia cultural que estuda aqueles aspectos da cultura de qualquer povo, que dizem respeito à literatura tradicional: mitos, contos, fábulas, adivinhas, música e poesia, provérbios, sabedoria tradicional e anônima (RAMOS, 1951, p. 27-28).

É a partir destes conceitos, que se desenvolvem os estudos e as pesquisas daquele que é considerado o maior folclorista de Alagoas.

### 3.2.1 O Folclore no Brasil

No Brasil, os estudos iniciais sobre folclore foram sobre poesia popular. “A primeira contribuição que se deve mencionar é a do maranhense Celso da Cunha Magalhães, autor de uma série de artigos, sobre assunto relativo à matéria [...]” (LIMA, 2003, p. 163). Posteriormente, esses artigos foram editados em livro, sob o título *A poesia popular brasileira*.

Sílvio Romero, outro autor relevante sobre a sistematização do folclore brasileiro, em seu livro *Contos populares do Brasil*, trata das superstições, crendices, festas de igrejas, bumba-meu-boi, marujos, congos, taiêras, pastorinhas, batuques, chibas, sambas, candomblés, cateretê, fandango, baiana, modinha, desafio, potirão, aboiar, romances, xácaras, ditados, adivinhações, capoeira (LIMA, 2003).

Em termos voltados para a Antropologia Cultural, os estudos foram iniciados por Renato Almeida. Conforme Araújo (2007, p. 203), “[...] o campo do folclore cada vez mais se alarga, dando liberdade ao pesquisador de subdividir, fazer novos enquadramentos, de distribuir a matéria estudada [...]”.

A identidade cultural de um povo está intimamente relacionada ao saber e ao reconhecer-se do indivíduo. Através da cultura popular, especificamente do folclore, é

possível perceber se há ou não o reconhecimento de determinada sociedade com as representações simbólicas e fragmentadas expostas. Ao mesmo tempo, sabe-se que:

A história do popular sempre foi relacionada com a história dos excluídos, que não têm patrimônio ou não conseguem que ele seja reconhecido e conservado. Por conseguinte, na maioria dos estudos feitos sobre a cultura, o avanço é considerado como promovido única e exclusivamente pelos setores hegemônicos, já que no tradicional estão arraigados os setores populares (CATENACCI, 2001, p. 31).

A história do popular caminha a par e passo com a história dos excluídos dificultando a aproximação social e a identificação cultural, permitindo que apenas se encontrem nelas (manifestações), pessoas residentes, em sua maioria, em bairros periféricos, ou no meio rural, o que traduz o saber e reconhecer-se destas pessoas nesta produção. Ao mesmo tempo, as classes mais elitizadas, de certa forma, consomem essa produção, no momento em que ela se encontra exposta em uma instituição reconhecida como parte de um contexto intelectual, dada a importância e o reconhecimento dela aos artesãos e artistas populares.

A construção da identidade cultural de um povo, quando valorizada por uma instituição, como no caso do Museu Théo Brandão, onde está inserida uma das bibliotecas deste estudo, perpassa os caminhos da informação e do conhecimento, visto que a Instituição propõe projetos de inclusão, oficinas de arte popular, exposições temporárias sobre artistas da terra englobando as mais diversas temáticas, desde a afro-brasileira à indígena, assim como as festividades carnavalescas, juninas e natalinas. Busca uma aproximação com a comunidade, desenvolvendo projetos com amostras externas ocupando outros espaços, como praças e vias públicas, promovendo palestras e debates, cursos gratuitos para a comunidade, lançamentos de livros, exposições dos artesãos e artistas plásticos da região e uma loja temática que vende cordéis, livros de autores alagoanos e da editora da UFAL, CDs e DVDs, objetos e artefatos fabricados por comunidades do estado.

No âmbito da informação, essas ações institucionais são relevantes, visto que “A administração do ciclo da informação gera mais informação, que por sua vez gera conhecimento; que subsidia a estratégia fornecendo base para a ação; e que fornece o *feedback* necessário para recomençar o processo” (CHOO, 2003 apud MIRANDA, 2006, p. 103).

### 3.2.2 O Folclore Alagoano

Alagoas é um dos estados brasileiros que tem mais diversificação de folguedos. Os folguedos natalinos são: pastoril, pastoril dos estudantes, maracatu, taiêras, baianas, quilombo, cavahada, reisado, guerreiro, bumba-meu-boi, chegada, fandango, marujada, presépio, cambinda; os folguedos de festas religiosas: Mané do Rosário e Bando; os folguedos carnavalescos com estruturas simples: boi de carnaval, ursos de carnaval – La Ursa, Os gigantões – bonecas e cobra jararaca; os torés: Toré de Índio e Toré de Xangô e as danças: dança de São Gonçalo, coco, também conhecido como pagode ou samba; dança da fita, negras da costa, samba de matuto e caboclinhas.

Como já abordamos, Théó Brandão dedicou parte de sua vida aos estudos dos folguedos alagoanos, principalmente os encontrados em Viçosa-AL. Em suas andanças pelo mundo, apanhou diversos objetos artesanais, os quais se encontram em exposição no Museu Théó Brandão. Sua obra escrita também merece espaço no Museu. Nossa intenção, com esta pesquisa, não é detalhar cada representação folclórica citada, mas conscientizar a importância dos estudos do folclorista, face a dimensão do folclore alagoano.

Da cidade em que Théó Brandão nasceu, Viçosa, surge também sua curiosidade pela riqueza cultural daquela região: o universo folclórico do município é muito rico. Lá existem vários folguedos que até hoje permanecem resistindo em suas comunidades periféricas, como: Baiana, pastoril, Guerreiros, Reisado, Cavahada, Coco Alagoano, Quadrilha e Vaquejada.

Dentre a cultura popular que se sobressai no estado de Alagoas, Théó Brandão se debruçou sobre os Folguedos Natalinos; Reisado; Presépio; Contos Populares; Quilombo; Cavahada; Poesia *folk*; Pastoril; Baiana; Maracatu; Fandango; Chegada; Guerreiro; Caboclinho; Taiêra, Bumba-Meu-Boi e Carnaval Alagoano.

**1. Presépio** – Auto apresentado em três partes (três atos), versa sobre o nascimento de Jesus Cristo. Conhecido também como Presépio, corresponde ao Auto das Pastorinhas de outros estados. Origina-se dos antigos autos pastoris portugueses que eram formas de dramatizações medievais, como os autos sacramentais, os mistérios e as moralidades. Guarda a mesma estrutura dos Noéis ou autos de Natal de Provença, sul da França. Os grupos de Presépio de Alagoas são:

**1.1 Quilombo** – Durante muito tempo pensou-se ser os Quilombos um auto que rememorava o acontecimento dos Quilombos dos Palmares. Mas porque não existe, de nenhum modo, ligação entre o fato histórico e o folguedo, e existe identificação desse auto com similares do Brasil e do estrangeiro (Congadas, Cucumbis, Caboclinhos, Mouriscadas



etc) chegou-se à conclusão que é uma adaptação local ou reinterpretação de origem branca e erudita de danças brasileiras e europeias que demonstram lutas, ora entre negros e brancos, ou mouros e cristãos, ou negros e índios (caboclos). Mais um fato a demonstrar ter sido o auto maquinação branca, é a derrota dos negros no final da apresentação. Ora, se fosse idealização dos escravos negros dos Palmares, os negros sairiam vitoriosos, não perdedores (ROCHA, 1984 apud SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA-AL).

**1.2. Reisado** – Auto popular profano-religioso formado por grupos de músicos, cantores e dançadores, que vão de porta em porta, no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro, anunciar a Chegada do Messias, homenagear os Três Reis Magos e fazer louvações aos donos das casas onde dançam. No Brasil, o Reisado é espalhado em quase todo o território com os nomes de Reis, Folias de Reis, Boi de Reis ou apenas Reisado. Sua principal característica é a farsa do boi, que constitui um dos entremeios ou entremeses, onde ele dança, brinca, é morto e ressuscitado. Portanto, no sentido estrito, são Reisados em Alagoas, além do próprio Reisado, o Bumba-meu-boi e o Guerreiro. Marca alagoana dos Reisados é que no estado ele sincretizou (misturou-se) com o Auto dos Congos, que por si próprio já era um Reisado (Idem).

**1.3 Taiêras** – Dança-cortejo de caráter religioso afro-brasileiro que faz louvação a São Benedito e a Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos pretos. De aculturação africana, ligada aos Reinados dos Congos e estruturada na época da escravidão (ROCHA, 1984 apud SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA-AL).

**2. Pastoril** – É o mais conhecido e difundido folguedo popular de Alagoas. É uma fragmentação do Presépio, sem os textos declamados e sem os diálogos. É constituído apenas por jornadas soltas, canções e danças religiosas ou profanas, de épocas e estilos variados. Como os Presépios, origina-se de autos portugueses antigos, guardando a estrutura dos Noéis de Provença (França) (Idem).

**Figura 3 - Pastoril**



Fonte: Leo Villanova, 2014.

**3. Bumba-Meu-Boi** – Auto popular de temática pastoril que tem na figura do boi o personagem principal. Aparece em todo o Brasil com os nomes de Bumba-meu-boi, Boi-Bum-bá, Boi-de-Reis, Bumba-boi, Boi-Surubi, Boi-Calemba, Boi-de-Mamão etc. Em Alagoas, a apresentação do Bumba é semelhante a um teatro de revista. Consta de desfile de bichos e personagens fantásticos, ao som de cantigas entoadas por cantores do conjunto musical que faz o acompanhamento. Toda a estrutura de apresentação teatral popular faz lembrar das ligações do bumba com as revivências e sinais bastante visíveis da Comédia De'Arte medieval (ASFOPAL. Associação dos Folguedos de Alagoas, 2015).

**Figura 4** – Bumba-meu-boi



**Fonte:** Leo Villanova, 2014.

**4. Cavalhada** – Desfile, corrida de cavalos e jogo das argolinhas, realizado em amplas praças ou parques, próximo de igreja. Os participantes, doze cavaleiros ou pares, são divididos em cordões - azul e encarnado - que tentam retirar as argolinhas suspensas pela garra. Tem origem nos torneios medievais. Era uma forma de entretenimento dos cavaleiros cansados das lutas e das guerras (ROCHA, 1984 apud SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA-AL).

**5. Baianas** – Grupo de dançadoras que, trajadas com as vestes convencionais de baianas, dançam e fazem evoluções ao som de instrumentos de percussão. Esse folguedo constitui uma modificação rural dos Maracatus pernambucanos ou é uma "alagoanização" dos maracatus, sem a corte real e sem a boneca, e mais elementos dos pastoris e dos cocos, mesclados com canções religiosas negras. Surgiu no sul de Pernambuco com a denominação de Samba de Matuto ou Baianas (Idem).

**Figura 5 – Baianas**

Fonte: Leo Villanova, 2014.

**6. Maracatu** – Dança processional e cortejo real, parte dos Reinados dos Gongos. Não se deve confundir com o Auto dos Gongos, porque é uma reinterpretação deste. A palavra Maracatu é termo africano que significa dança ou batuque. O Maracatu já foi chamado de "Candomblé de Rua", porque é um grupo de adeptos das religiões afro-brasileiras que saem às ruas para fazer saudação aos orixás, ou "santos" dessas religiões. Em pleno carnaval ou natal, eles, contritos, reverenciam os encantados. Ao saírem do terreiro ou sede, fazem o "padê" de Exu, despacho seguido de orações para que essa entidade não perturbe o andamento do ritual. O Maracatu pernambucano penetrou com tanta intensidade em Alagoas que criou formas alagoanas dessa manifestação, assim como as Cambindas, o Samba-de-Matuto, as Negras da Costa, Baianas e as Caboclinhas (ROCHA, 1984 apud SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA-AL).

**7. Fandango** – Auto de assunto marítimo que corresponde à Marujada, Barca e à Nau Catarineta de outros estados brasileiros. Não confundir com os Fandangos do Sul do país, de origem espanhola. Naquela região, Fandango é sinônimo de danças ou sequência de danças. Em Alagoas, o Auto não possui um enredo ordenado ou lógico. E constituído por uma série de cantigas náuticas de diversas épocas e origens que retratam odisséias marítimas dos navegadores portugueses, lembrando os sofrimentos de uma nau perdida, o sofrer da tripulação pela calmaria, fome, desespero e a solidão do mar. Retrata ainda as lutas e o heroísmo dos marujos (Idem).

**8. Chegança** – Auto de temática marítima, versando sobre temas vinculados à vida no mar, às dificuldades como tempestades, calmarias, contrabando, brigas entre marujos e ainda as lutas entre os cristãos e os mouros infiéis, seguidores de Maomé. Deriva-se das Mouriscadas Peninsulares, ou das lutas e danças entre cristãos e mouros da Europa. Ou, ainda, é uma reinterpretação das Mouriscas das Europeias (Ibdem).

**9. Guerreiro** – Grupo multicolorido de dançadores e cantores, semelhante aos Reisados, mas com maior número de figurantes e episódios, maior riqueza nos trajes e enfeites e maior beleza nas músicas. O Auto dos Guerreiros é um folguedo surgido em Alagoas, por volta de 1927 e 1929. É o resultado da fusão de Reisados alagoanos, do antigo e desaparecido Auto do Caboclinhos, da Chegança e dos Pastoris (ROCHA, 1984 apud SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA-AL).

**Figura 6** – Guerreiro



Fonte: Leo Villanova, 2014.

**10. Caboclinhos** – Segundo Théó Brandão, o folguedo é "estruturalmente um reisado". "O próprio traje da maioria dos personagens bem como a denominação de grande número destes, é o mesmo do reisado, com os acréscimos naturais, em virtude do seu grande número de partes". Entretanto, o mesmo folclorista afirma que há "cabocolinhos", que obedecem "ao estilo convencional de índio" mencionando os Índios de Ouro, que apareceram em Maceió, no ano de 1941 (LIMA, 1958).

É justamente parte desta riqueza que está representada e descrita nas obras literárias e bibliográficas de Théó Brandão. Parte esta que é significativa para Alagoas e, principalmente, Viçosa, cidade onde nasceu e morou durante sua infância, e que, apesar de ter ido seguir carreira, nas áreas de Farmácia e Medicina, nunca esqueceu suas raízes, sua cultura e seu povo genuíno.

## 4 METODOLOGIA

Esse estudo se caracteriza por ser uma observação e uma investigação exploratória cujo objetivo é conhecer a Representação da Informação na obra literária e bibliográfica de Théó Brandão, portanto, investigamos não só a visibilidade da obra pela sua correta Representação e acessibilidade, como também, os espaços nos quais ela está inserida, fazendo com que essa pesquisa tomasse uma perspectiva de estudo de caso (GIL, 2010).

A pesquisa de investigação exploratória foi necessária, *a priori*, para que pudéssemos nos familiarizar com nosso objeto de estudo. A partir dela, de acordo com Gil (2010) conseguimos estabelecer uma aproximação com a obra, com a biografia, os espaços de informação públicos e privados e o folclore do estado de Alagoas. Assim, podemos elaborar os questionários e registrar imagneticamente os aspectos relevantes à pesquisa, no sentido de atender ao nosso problema, como: bases de dados, linguagem documentária, registros, indexação, enfim, o processamento técnico de visibilidade e divulgação da obra.

A partir desse primeiro momento, podemos dar continuidade ao direcionamento das leituras bibliográficas que atenderiam ao nosso referencial teórico. A pesquisa bibliográfica é, conforme Ludwig (2012, p. 51): “[...] ato de procurar, recolher, analisar, interpretar e julgar as contribuições teóricas já existentes sobre um certo assunto”.

Esse instante também é uma continuidade do que tínhamos estabelecido ainda no momento do Projeto de Pesquisa e seguiu as seguintes fases, de acordo com Lakatos e Marconi (2011, p. 44): “escolha do tema, elaboração do plano de trabalho, identificação, localização, compilação, fichamento, análise, interpretação e redação”. Como podemos observar, é um momento corrente em todo o desenvolvimento do trabalho, o qual só finda ao concluir a análise, interpretação e redação do último capítulo.

Aplicamos questionário e em relação a eles, entendemos a necessidade da utilização deles no campo da investigação, como um instrumento de coleta de dados, sendo que, nesse caso, as informações são dadas por determinados informantes: os responsáveis pelas bibliotecas e/ou bibliotecários. As questões elencadas (Ver Apêndice C) foram relevantes à pesquisa. Algumas questões foram fechadas, outras abertas. Porém, não tivemos a totalidade do retorno, por isso recorreremos à observação, muito embora, em nossa trajetória metodológica, já tínhamos inserido a possibilidade da observação, visto o valor que nos daria no âmbito da pesquisa.

A observação consiste numa técnica, que possibilita ao pesquisador coletar dados, com o intuito de compreender a complexidade do ambiente ao qual está sendo investigado. Ludwig

(2012, p. 64) afirma que a observação é “entendida como um contato direto ou indireto do pesquisador com o objeto pesquisado”. Em nossa pesquisa, essa técnica foi de extrema relevância, pois nos possibilitou captar aspectos que buscávamos para embasar nosso problema, visto que, em alguns momentos não obtivemos êxito em outros métodos, como por exemplo, o retorno dos questionários que foram encaminhados aos responsáveis pelas bibliotecas.

Ao optar pela observação, não ficamos no anonimato, que seria uma das alternativas de utilização da técnica. Sempre nos identificávamos como pesquisadoras do campo da Ciência da Informação e explicávamos nosso objeto de estudo. Isso nos abriu portas, visto a importância dada em Alagoas ao folclorista Théó Brandão. A observação nos permitiu descrever detalhes, fazer anotações, gravações e registros fotográficos, que veio a confirmar nossas dúvidas, questionamentos, hipóteses.

Iniciamos a pesquisa, mediante um levantamento sobre a forma como está representada a obra do folclorista Théó Brandão em 69 Universidades Federais Brasileiras, sendo que foram detectadas suas obras em 16 instituições.

**Quadro 5** – Quantificação da Obra Literária e Bibliográfica de Théó Brandão nas Universidades Federais Brasileiras e nas Bibliotecas Alagoanas

<b>Região</b>	<b>Unidade federativa</b>	<b>Nome</b>	<b>Sigla</b>	<b>Obras Encontradas</b>
Centro-oeste	Distrito Federal	Universidade de Brasília	UnB	21
Nordeste	Bahia	Universidade Federal da Bahia	UFBA	26
Nordeste	Bahia	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	UFRB	1
Nordeste	Paraíba	Universidade Federal da Paraíba	UFPB	4
Nordeste	Alagoas	Universidade Federal de Alagoas	UFAL	10
Nordeste	Paraíba	Universidade Federal de Campina Grande	UFCG	1
Nordeste	Pernambuco	Universidade Federal de Pernambuco	UFPE	19

Nordeste	Ceará	Universidade Federal do Ceará	UFC	3
Nordeste	Rio Grande do Norte	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	UFRN	14
Norte	Amazonas	Universidade Federal do Amazonas	UFAM	2
Norte	Pará	Universidade Federal do Pará	UFPA	3
Sudeste	São Paulo	Universidade Federal de São Paulo	UNIFESP	14
Sudeste	São Paulo	Universidade de São Paulo	USP	11
Sudeste	Rio de Janeiro	Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	3
Sul	Santa Catarina	Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	8
Sul	Rio Grande do Sul	Fundação Universidade Federal do Rio Grande	FURG	1
<b>Bibliotecas Alagoanas</b>				
<b>Cidade</b>		<b>Biblioteca</b>	<b>Obras Encontradas</b>	
Maceió		Biblioteca Pública Graciliano Ramos	1	
Maceió		Biblioteca Prof. Deraldo Souza Campos	1*	
Maceió		Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas	10	
Maceió		Biblioteca do Museu Théo Brandão	43	
Viçosa		Biblioteca Cantidiano Victal	0**	

**Fonte:** Pesquisa da autora, 2015.

\*folheto.

\*\*material de referência e consulta. Não encontra-se obra, propriamente dita, do autor.

A busca nesses acervos e em seus bancos de dados teve o intuito de levantar e descobrir a amplitude de conhecimento sobre o conceituado autor da cultura popular brasileira.

Constatou-se de imediato a visibilidade e acessibilidade de suas obras em nível nacional. Das 69 Universidades Federais Brasileiras consultadas, a obra do folclorista alagoano marca presença nos acervos, com destaque para a região Nordeste, com maior número de itens e títulos. Ressalto, devido a sua importância, os 6 (seis) títulos encontrados na base de dados da Biblioteca Nacional: *Cavalcadas de Alagoas* (1978); *Quilombo* (1978); *Duas raras formas de poesia folc* (1979); *Folclore de Alagoas II* (1982); *Seis contos populares no Brasil* (1983?); *O reisado*.

Mediante ao que foi realizado nas Universidades Brasileiras, investigou-se detalhadamente o acervo em bibliotecas do estado de Alagoas. Para a realização desta investigação, distribuíram-se com os respectivos responsáveis dos acervos, um questionário (Apêndice C), com a intenção de identificar e analisar como algumas bibliotecas do estado de Alagoas têm representado a obra literária e bibliográfica de Théó Brandão e como dá-se o acesso e visibilidade a ela, uma vez que nas bibliotecas das universidades federais pesquisadas essa Representação foi visível e acessível por meio de suas bases de dados.

Foram enviados quatro questionários, com o objetivo de descobrir aspectos de como as obras eram tratadas. Esses questionários foram encaminhados aos responsáveis das bibliotecas Graciliano Ramos, Prof. Deraldo Souza Campos, Universidade Federal de Alagoas e Museu Théó Brandão. Duas delas responderam: a Biblioteca Pública e a do Museu Théó Brandão. Não obtivemos retorno das bibliotecas Prof. Deraldo Souza Campos e da Universidade Federal de Alagoas. Em relação à Biblioteca Cantidiano Victal, foi realizada uma visita e encontro com Professor Jair Pimentel, responsável e fundador do espaço.

Elaboramos uma planilha de dados descritivos (Apêndice D) com 43 obras do acervo literário e bibliográfico de Théó Brandão. Esta planilha foi preenchida com as informações do acervo da biblioteca setorial museu Theo Brandão, pois é nela onde se encontra uma maior quantidade de livros e folhetos do autor. Nas demais bibliotecas pesquisadas, o número de livros foi menor.

O levantamento descritivo das obras, será exposto em forma sequencial e, em seguida, far-se-á uma síntese sobre os resultados deste levantamento, objetivando verificar a Representação da obra literária e bibliográfica na Linguagem Documentária, incluindo sua terminologia, temática, classe, identificando, inclusive, a classe secundária.

Na fundamentação teórica deste estudo, foram abordados os conceitos gerais sobre a Representação da Informação e Linguagem Documentária. Foi necessário um estudo e reflexão, à luz da literatura, que abordasse os tipos de Linguagens Documentárias (LD).



A partir da fundamentação teórica, compreendeu-se o tema a ser tratado, bem como as contribuições para verificar a acessibilidade e a visibilidade nas bibliotecas em questão, fortalecendo e ampliando a comunicação e interação entre as instituições e a comunidade, possibilitando o desenvolvimento social, cultural e acadêmico da sociedade. Foram necessários desenvolver estes capítulos a fim de dar relevância ao estudo, tanto no capítulo 2 (Fundamentação Teórica) quanto no capítulo 3 (Apresentação do Folclore e do Folclorista Théo Brandão em Alagoas). Os resultados obtidos sinalizaram que a utilização das LD no processo de tratamento do acervo literário e bibliográfico pode originar a criação de produtos para dar a visibilidade e acesso necessário à obra de Théo Brandão. Duas possibilidades podem ser realizadas por parte das instituições: o desenvolvimento de um catálogo da obra e um sistema que disponibilize o acesso a ela, sabendo-se que uma boa Representação dá visibilidade, acesso e dissemina a informação.

Também, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, devido à necessidade de fundamentar teoricamente os conceitos e o histórico sobre o folclore e o folclorista Théo Brandão em Alagoas. Esse estudo significou apropriar-se do panorama teórico e conceitual para que, a partir dele, a pesquisa fosse ressignificada, visto que é preciso estes conhecimentos iniciais para o entendimento dos capítulos posteriores, que tratam sobre a Linguagem Documentária da obra de cada acervo pesquisado.

Baseia-se também num método descritivo analítico, pois visa contribuir ao processo de tratamento da informação (Representação da Informação) para disseminar e dar visibilidade e acesso à obra do autor, ampliando a acessibilidade da cultura popular brasileira.

Nessa perspectiva, a pesquisa identificou e analisou os acervos de cinco bibliotecas de Alagoas e como as mesmas têm utilizado a Representação da Informação e se servido dela para a visibilidade e acesso das obras literárias e bibliográficas de Théo Brandão.

#### 4.1 SELEÇÃO DO UNIVERSO DA PESQUISA

As bibliotecas pesquisadas foram as seguintes:

- Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos;
- Biblioteca Prof. Deraldo Souza Campos, do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas;
- Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas;
- Biblioteca do Museu Théo Brandão, biblioteca setorial da UFAL e

- Biblioteca Cantidiano Victal, do Gabinete de Leitura e Pesquisa Jair Pimentel, situada na cidade de Viçosa.

A escolha dessas bibliotecas dá-se pela importância que todas têm no estado: a Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos tem uma relevância histórica para Alagoas do mesmo modo que a Biblioteca Prof. Deraldo Souza Campos, do IHGAL, sendo as duas as primeiras bibliotecas da capital. Um dos acervos da biblioteca do IHGAL é o de autores alagoanos, que é o caso de Théo Brandão. A Biblioteca Central da Universidade merece destaque por seu significado no mundo acadêmico e científico; e a Biblioteca do Museu Théo Brandão foi escolhida por possuir todo o acervo literário e bibliográfico particular do folclorista; e finalmente a Biblioteca Cantidiano Victal, por situar-se em Viçosa, região que fez parte da infância e adolescência de Théo Brandão, que é considerada uma das cidades mais bem servidas de bens culturais do estado.

#### **4.1.1 Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos**

Localizada no centro de Maceió, na Praça D. Pedro II, num antigo casarão que pertenceu ao Barão de Jaraguá, durante os anos de 1844 a 1849. Ficou conhecido como Palacete “Barão de Jaraguá”. O prédio é um importante patrimônio arquitetônico da cidade e recentemente passou por um processo de restauração e modernização.

A Biblioteca foi criada em 26 de junho de 1865, como Gabinete de Leitura, a Biblioteca Pública Estadual é um local de construção do conhecimento. Através do Decreto nº 29.175, de 15 de novembro de 2013, foi publicada no Diário Oficial do Estado de Alagoas sua nova denominação: Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos.

Os serviços fornecidos pela Biblioteca Pública baseiam-se na igualdade de acesso para todos. É um local que disponibiliza aos usuários informação e conhecimento. O acervo é composto de livros, folhetos, periódicos, manuscritos, CD's, CD-ROM, vídeos, fitas cassetes e livros em Braille. Atualmente, conta com um espaço mais acessível e de fácil circulação do público, incluindo pessoas com necessidades especiais adaptado com rampas, elevadores e sinalização tátil.

Propõe um circuito cultural, com exposições permanentes e temporárias, palestras, salas de leitura e conto infantil, espaços midiáticos, biblioteca de libras, biblioteca infantil, aproximando-se da comunidade. Essas ações colaboram na interação do espaço com a sociedade alagoana, o que por sua vez, está ligado diretamente com o resgate da identidade dessa sociedade.

O processo de tratamento do acervo está sendo atualizado e modernizado. Anteriormente era utilizado a Classificação Decimal de Dewey (CDD), porém o cutter por autor não era inserido à obra. Na Figura 23, percebemos a correta classificação em CDD, a entrada para autor consiste nas letras iniciais do nome do autor e logo abaixo as letras iniciais do título da obra (Tabela de Cutter)<sup>17</sup>.

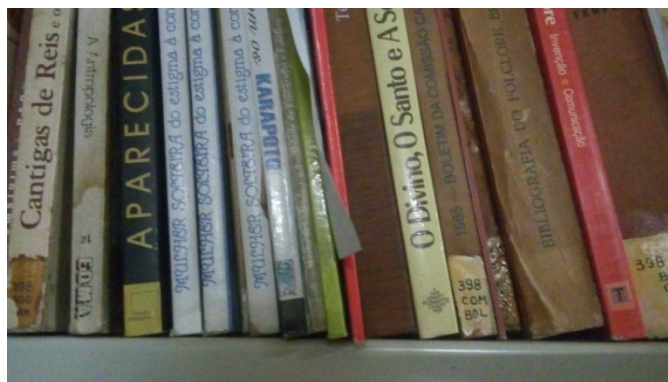
**Figura 7** – Tratamento do Livro Antes da Modernização da Biblioteca



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

Essa forma de organização está sendo modificada, a base já foi alimentada, as etiquetas estão prontas para serem impressas, os metadados com as informações da obra (Figura 7) também já estão finalizadas, mas falta anexá-las ao livro. Falta equipe técnica suficiente para dar conta de todo o processo de organização do acervo em um tempo mais ágil. Os livros nas estantes ainda estão organizados por área geral (Figura 8), dificultando a busca por assunto ou por autor. Encontram-se na base aproximadamente 10.000 (dez mil) títulos.

**Figura 8** – Livros na Estante Após Reforma



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

<sup>17</sup> A Tabela Cutter é uma lista de códigos alfanuméricos que servem para facilitar o acesso a sobrenomes de autores. Foi concebida por Charles Ammi Cutter, em 1880.

**Figura 9** – Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos



Fonte: ESTADO DE ALAGOAS. Secretaria de Estado da Cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/institucional/espaco-da-secult/biblioteca-publica>>.

Os serviços fornecidos pela Biblioteca Pública baseiam-se na igualdade de acesso para todos. É um local que disponibiliza aos usuários informação e conhecimento. O acervo é composto de livros, folhetos, periódicos, manuscritos, CD's, CD-ROM, vídeos, fitas cassetes e livros em Braille. Atualmente, conta um espaço mais acessível e de fácil circulação do público, incluindo pessoas com necessidades especiais adaptado com rampas, elevadores e sinalização tátil.

Propõe um circuito cultural, com exposições permanentes e temporárias, palestras, salas de leitura e conto infantil, espaços midiáticos, biblioteca de libras, biblioteca infantil, aproximando-se da comunidade. Essas ações colaboram na interação do espaço com a sociedade alagoana, o que por sua vez, está ligado diretamente com o resgate da identidade dessa sociedade.

O acervo instalado não tem uma organização satisfatória ou eficaz para se chegar ao acesso à informação, uma vez que o sistema informatizado ainda não funciona, pois a base está sendo alimentada. Há cerca de dez mil obras classificadas e inseridas na base, restando apenas a etiquetagem com informações dos livros. O acervo não foi modernizado. Raras obras foram adquiridas. Está visivelmente desatualizada, faltam obras, principalmente de autores alagoanos e pesquisadores do estado. Em material disponibilizado para a divulgação do espaço de estudo e pesquisa na capital, encontram-se as seguintes informações:

O acervo é composto de 95 mil volumes, incluindo mais de 1.000 autores alagoanos. Para dinamizar e facilitar ainda mais o acervo, a biblioteca possui sistema de catálogo on-line,

através de terminais de consulta, com obras alagoanas em diversas áreas do conhecimento, já disponíveis.

Na visita realizada, o sistema de catálogo on-line ainda não está em funcionamento, embora os terminais para a consulta ao acervo já estejam instalados.

**Figura 10** – ArchesLib – Sistema Informatizado da Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos

The screenshot shows a web-based search interface with a menu bar at the top containing 'Documentos', 'Periódicos', 'Usuários', 'Busca', 'Relatórios', 'Gráficos', 'Atendimentos', and 'Sair'. Below the menu, there are tabs for 'Pesquisa', 'Catálogos', 'Resultado', and 'Arquivo'. The main content area is titled 'Resultado da Pesquisa' and contains a table with the following data:

Linha	Condensado	Ficha	Descrição	Quantidade
1			Folclore brasileiro: Alagoas / Juvak	1
2			Folclore de Alagoas / Théo	1
3			Folclore e história natural das aves	1
4			Folclore nordestino em suas mãos	1

Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

Além do acervo literário e bibliográfico, a Biblioteca dispõe de obras de arte, em exposição permanente, e ainda o memorial Graciliano Ramos, um espaço dedicado à vida e obra do escritor alagoano aberto à visitação pública. É composta dos seguintes setores: bebetecca, telecentros, biblioteca modelo, acervo em braile, acervo geral, memorial Graciliano Ramos, obras de artes, salas de leitura, multimídia, acessibilidade, literatura infanto-juvenil.

Na pesquisa sobre folclore foram encontrados apenas 5 registros.

**Figura 11** – ArchesLib – Busca por Assunto “Folclore”

5 Registro(s) - Página 1 de 1

Base	Biblioteca
Material	Livro
Tipo	Material Textual Impresso
Suporte	Papel
Chamada	398/B819f/ex.1
Autoria	Brandão, Théo
Título	<u>Folclore de Alagoas / Théo Brandão</u>
Edição	
Imprenta	Maceió : Casa Ramalho, 1949.
Colaçoão	192p.
Notas	
Assuntos	Folclore - Brasil, Folclore - Alagoas, Folclore - - - Cultura Popular
Coleção	
Biblioteca Local	Biblioteca Publica Estadual Graciliano Ramos
Seção	AL
Situação	Consulta interna
Reservado	Não
Localização	
Base	Biblioteca
Material	Livro

**Fonte:** Pesquisa da autora, 2015.

Na classe 390 da CDD estão inseridos os livros sobre folclore. Sendo um único título do autor em estudo.

**Figura 12** – ArchesLib – Busca por Autor “Théo Brandão”

5 Registro(s) - Página 1 de 1

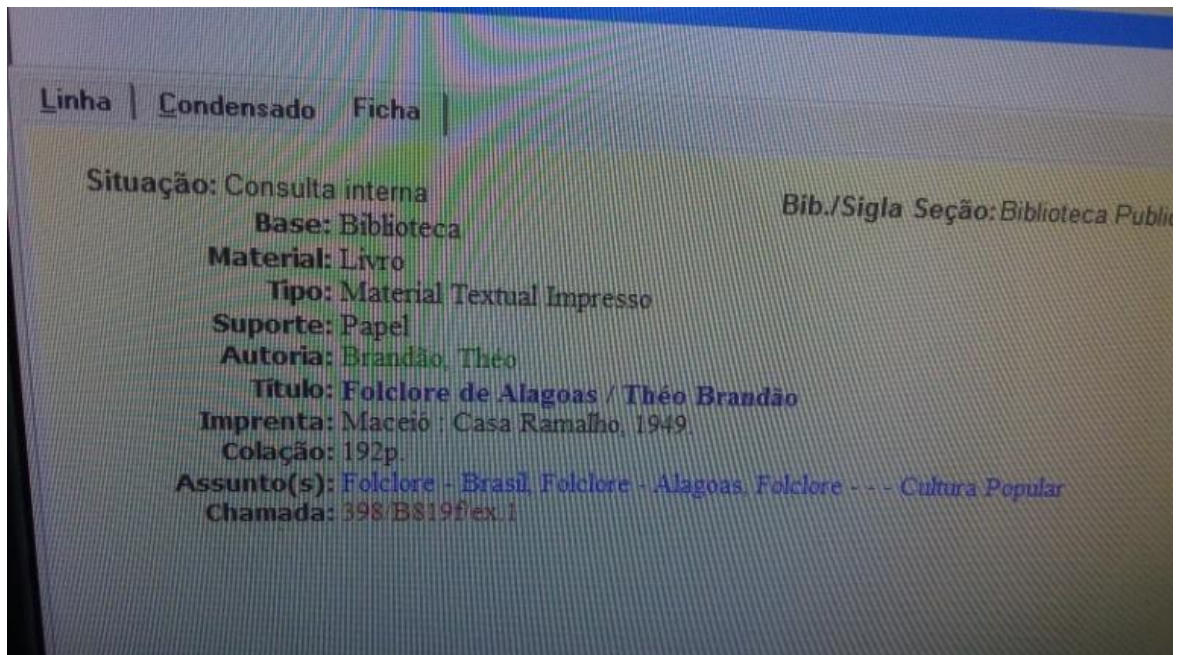
Base	Biblioteca
Material	Livro
Tipo	Material Textual Impresso
Suporte	Papel
Chamada	398/B819f/ex.1
Autoria	<u>Brandão, Théo</u>
Título	Folclore de Alagoas / Théo Brandão
Edição	
Imprenta	Maceió : Casa Ramalho, 1949.
Colaçoão	192p.
Notas	
Assuntos	Folclore - Brasil, Folclore - Alagoas, Folclore - - - Cultura Popular
Coleção	
Biblioteca Local	Biblioteca Publica Estadual Graciliano Ramos
Seção	AL
Situação	Consulta interna
Reservado	Não
Localização	
Base	Biblioteca
Material	Livro

**Fonte:** Pesquisa da autora, 2015.

O acervo utiliza metadados para identificação de suas obras. As informações são geradas na base de dados ArchesLib. Ver Figura 13.



**Figura 13** – ArchesLib – Ficha de Identificação da Obra



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

#### 4.1.2 Biblioteca Professor Deraldo Souza Campos

Localizada no Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, fundado por José Bento da Cunha Figueiredo Junior a 2 de dezembro de 1869. Foi o 33º presidente da Província de Alagoas, governando de 1868 até 2 de junho de 1891.

**Figura 14** – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas – Espaço da Biblioteca Prof. Deraldo Souza Campos



Fonte: domínio público, 2015.

O Instituto possui algumas coleções relevantes, como a Coleção Mário Marroquim (exemplares de material lítico), a Arqueológica (peças da Ilha de Marajó), a Indígena (a maior

de todas as coleções, com 492 peças) e a Perseverança (documentos das casas de Xangô de Maceió). Além do espaço das exposições, conta também, com a Biblioteca Prof. Deraldo Souza Campos, a qual possui um acervo bibliográfico organizado em: jornais e periódicos; acervo geral e acervo de autores alagoanos. Na (Figura 15), vemos a identificação das estantes com obras de Autores Alagoanos.

**Figura 15** – Estante Autores Alagoanos



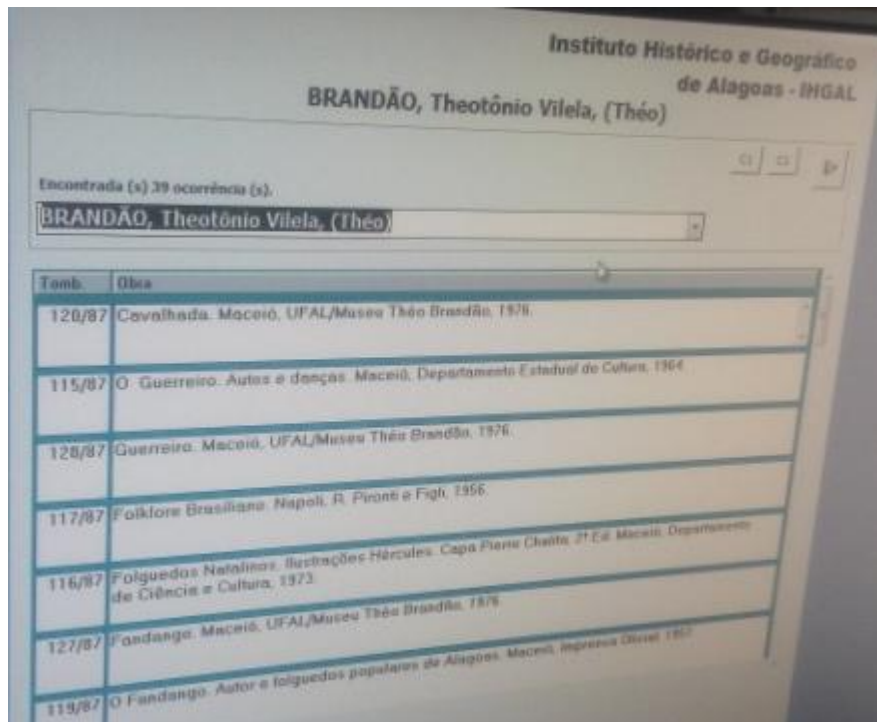
Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

Na visita realizada, contatamos o responsável pelo acervo, o qual não é um bibliotecário, mas dá suporte na inserção dos livros na base de dados, essa, elaborada por um ex-funcionário do Instituto. Funciona no sistema Windows, mas não é disponibilizado para consulta, apenas o responsável do setor é quem tem acesso, para o controle dos livros. A base de dados funciona como um livro de tombamento. Já estão inseridos todos os livros da biblioteca, separados de acordo com a organização do acervo, em geral e de autores alagoanos.

Na base de dados do Acervo Autores Alagoanos, encontramos cinco itens de Théo Brandão (Figura 16), que consistem em alguns folhetos. Confirmamos que, a inserção das obras no acervo é dada por número de entrada da mesma na biblioteca e não por um processo de tratamento adequado obedecendo as normas da Linguagem Documentária.



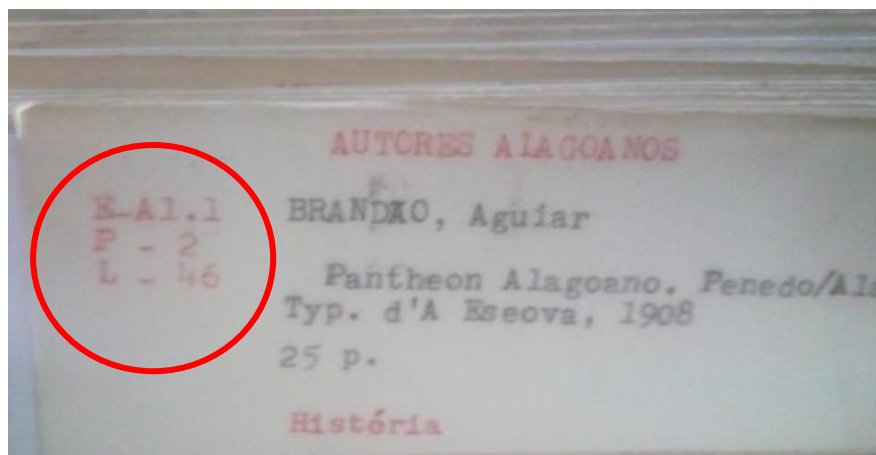
**Figura 16** – Busca por Autor na Base de Acervo Autores Alagoanos



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

Nos metadados por autores (Figura 17) e por assuntos não se encontra nenhuma obra de Théo Brandão.

**Figura 17** – Fichas por Autores



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

O tombamento é realizado manualmente, através do livro de Registro de Obras Entradas e de Baixas, identificando a localização do livro na estante e base de dados. As duas formas utilizadas não atendem à Linguagem Documentária. Os livros são classificados pela CDU, mas na observação que realizamos no acervo não observamos essa classificação posta nos livros, nas fichas, no livro de tombamento e nem na base de dados. Observa-se na Figura

10, que ao lado esquerdo da ficha a informação diz respeito à localização do livro na estante sem obedecer a uma Linguagem Documentária. É uma linguagem utilizada pela própria instituição.

Na Figura 18, na coluna do livro de tombamento “Nº de Chamada” percebemos que a linguagem utilizada é semelhante à ficha e identifica o local onde o livro está armazenado (E, leia-se estante), (P, leia-se prateleira) e (L, leia-se livro ou F, folheto), que indica a ordem de chegada do livro na Instituição e sua localização na estante e prateleira.

**Figura 18** – Livro de Registro de Obras Entradas e de Baixas do IHGAL (tombamento)

Editor	Ano	Origem	Preço da Obra	Preço da Encadernação	Nº de chamada	Data
Cel. Funari	2004				Cx-05-06 F-19	
"	"				Cx-05-06 F-20	
"	"				Cx-05-06 F-21	
Funari	2009				Cx-05-06 F-22	
"	2011				Cx-05-06 F-23	
Luiz de Barros	2014				Cx-05-06 F-24	
Luiz de Barros	1995				Cx-05-06 F-25	
Ed. Abel	2010				E-16 P-1 L-1	
Geografia	2014				E-16 P-1 L-2	
Inca	1999				E-16 P-1 L-3	
Arundent Press	2009				E-16 P-1 L-4	
A. Galvão	1958				E-16 P-1 L-5	
					E-16 P-1 L-6	

Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

As obras de Théo Brandão não foram encontradas dispostas na estante, pois não se tratam de livros e sim de folhetos, armazenados pela Instituição em uma caixa arquivo de papelão (Figura 19), junto com outras obras de autores alagoanos.

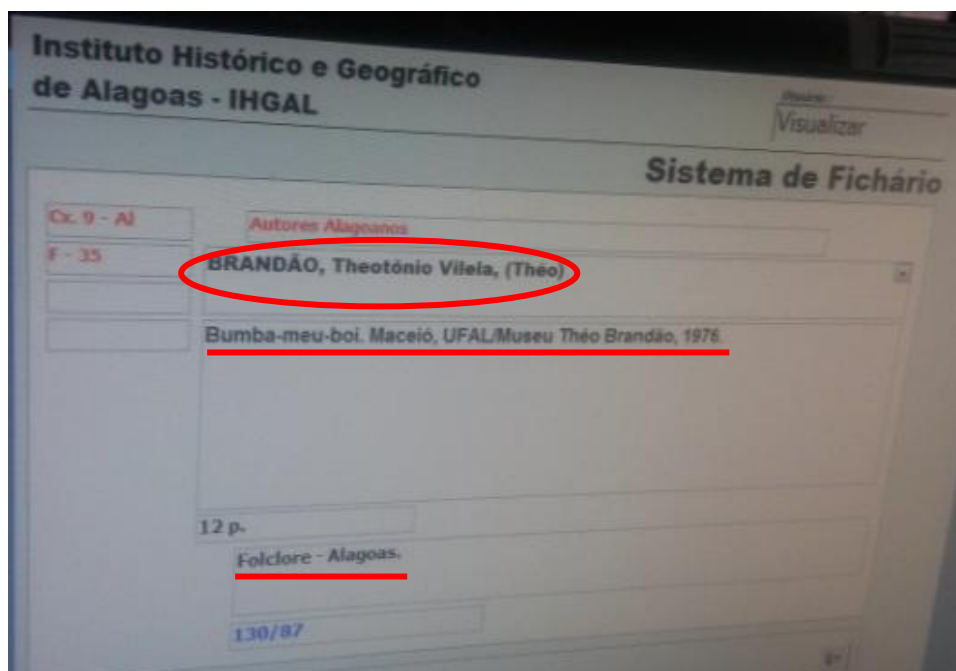
**Figura 19** – Caixa dos Folhetos de Théo Brandão e Outros Autores Alagoanos



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

Na base de dados dos Autores Alagoanos, encontra-se o registro de uma obra de Théo Brandão. Trata-se de um folheto (Ver Figura 20).

**Figura 20** – Busca por Autor Théo Brandão na Base de Dados Por Autores Alagoanos



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

A Biblioteca Prof. Deraldo Souza Campos necessita de um tratamento técnico especializado no que diz respeito à utilização de uma Linguagem Documentária para que seu riquíssimo acervo seja de fácil acesso ao usuário, que em sua maioria, é o pesquisador do campo das Ciências Sociais. Outrossim, é imprescindível que esse acervo, a partir do momento que seja tratado adequadamente, torne visível ao público seu conteúdo, podendo utilizar-se de mecanismos tecnológicos mais modernos.

#### 4.1.3 Biblioteca Central da Universidade Federal de Alagoas

A Biblioteca Central/BC data de 1976. No início inexistia um sistema de bibliotecas. As bibliotecas surgiram de maneira desordenada, sem recursos bibliográficos, humanos e físicos adequados. Em 1989 é implantado o Sistema de Bibliotecas (SIBI), que, em conjunto com políticas orçamentárias, melhorou o acervo bibliográfico, as condições de uso das bibliotecas e a oferta de serviços especializados.

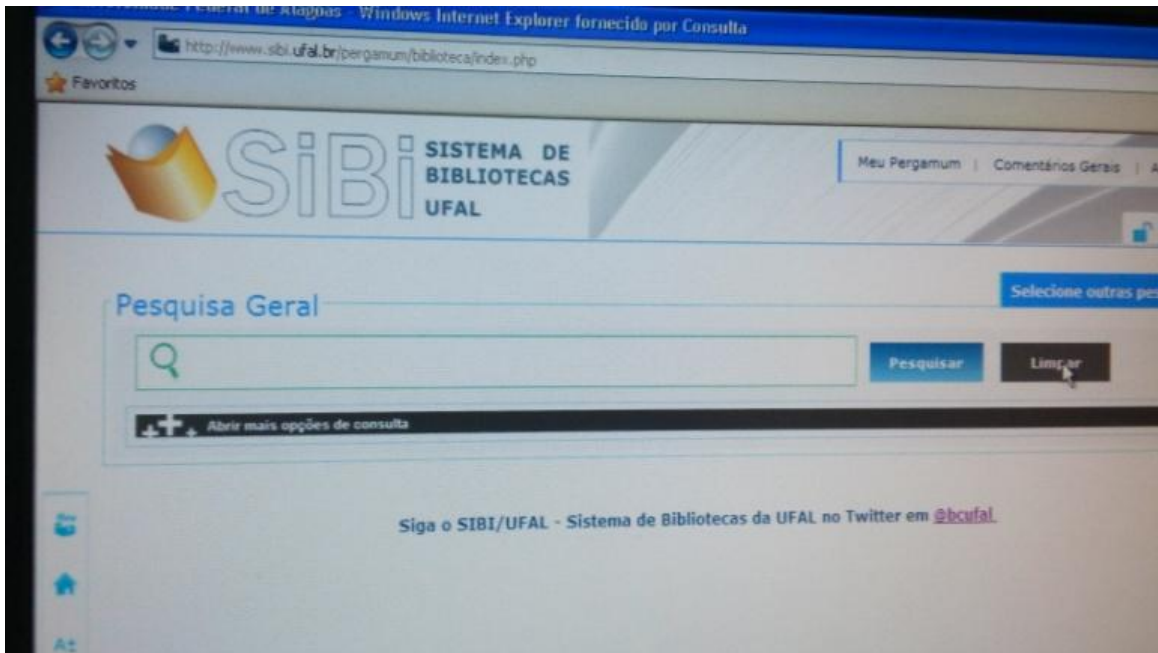
**Figura 21** – Biblioteca Central da UFAL – Área de Leitura



**Fonte:** SIBI-UFAL (Disponível em: <<http://www.sibi.ufal.br/index.html#>>>).

A biblioteca central possui dez títulos do autor pesquisado, porém, a maioria de suas obras encontra-se no acervo da Biblioteca Setorial do Museu Théo Brandão.

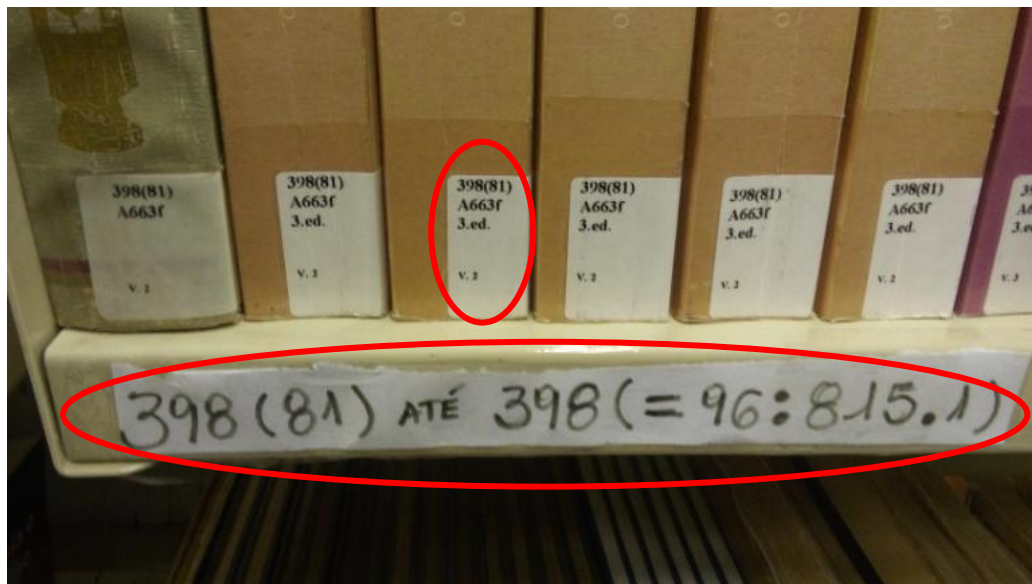
**Figura 22** – Sistema *Pergamum*



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

A classificação utilizada é a CDU e as obras são gerenciadas pelo sistema *Pergamum*, dando a visibilidade e acessibilidade adequada e inserida no mundo globalizado.

**Figura 23** – Classificação CDU



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.



#### 4.1.4 Bibliotecas Especializadas do Museu Théo Brandão

O Museu com o acervo literário e bibliográfico de Théo Brandão é um órgão suplementar da Universidade Federal de Alagoas. Foi criado em 20 de agosto de 1975 e instalado provisoriamente na casa nº 3 do Campus Tamandaré, no Pontal da Barra, na administração do reitor Nabuco Lopes. Recebeu o nome de Théo Brandão, em razão de ter sido criado para abrigar a coleção de arte de cultura popular que o professor e folclorista Théo Brandão doou à Universidade de Alagoas.

Em 1977, a coleção do Museu foi transferida para a Avenida da Paz, 1.490, no Centro de Maceió/AL, um prédio de arquitetura eclética do século XX, construído pelo Sr. Eduardo Ferreira Santos. Seu segundo proprietário foi Dr. Arthur de Melo Machado, genro do Sr. Eduardo. De posse de Dr. Arthur, sofreu algumas reformas e teve sua decoração acrescida de novos elementos, feitos por dois artesãos portugueses. Acredita-se que foi dessa época o acréscimo das varandas externas, encimada pela cúpula, sofisticando ainda mais a arquitetura. Mais tarde, o prédio deixou de ser residência e passou a ser um hotel e restaurante.

Na gestão da reitoria do professor A. C. Simões, a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) adquiriu o imóvel e este passou a ser residência universitária feminina até receber seu destino como Museu.

**Figura 24** – Museu Théo Brandão



**Fonte:** Arquivo pessoal, 2014.

Em 1983, o Museu recebeu o acervo documental de Théo Brandão, até então em poder da família. Compreendia pesquisas inéditas, fichários de material *folk*, fotografias, filmes, fitas cassetes, folhetos de cordel e toda a biblioteca que pertenceu ao folclorista.

A biblioteca especializada em cultura popular brasileira, antropologia e etnografia constitui-se de uma recepção e a sala do acervo. A recepção possui bancada para leitura e pesquisa e expõe talhas de xilogravura; peças do artesão mestre Manoel da Marinheira. Encontra-se climatizada e umidificada e recentemente adquiriu estantes novas para composição do seu acervo.

**Figura 25** – Biblioteca do Museu Théo Brandão



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

**Figura 26** – Biblioteca do Museu Théo Brandão – Sala de Leitura



Fonte: Domínio público.  
Disponível em:  
<<http://www.cazadoresdebibliotecas.com/2011/09/biblioteca-do-museu-theo-brandao.html>>  
Acesso em: 05 abr. 2015.

As instituições que mantêm esta Biblioteca são a UFAL, o Museu e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), criando assim um impasse administrativo-financeiro, o que gera algumas dificuldades nas decisões administrativo-financeiras, como por exemplo, a decisão em inserir a biblioteca do Museu no sistema SIBI da UFAL. Essa decisão está em discussão, levando-se em consideração alguns aspectos inerentes

às questões culturais, visto o Museu Théo Brandão ser uma instituição tombada pelo IPHAN. Por sua vez, a relação estabelecida com a UFAL é caracterizada pela presença de servidores em seu quadro administrativo, como diretor, museólogo, bibliotecário e documentalista, além dos bolsistas das áreas de História e Ciência da Informação, em sua maioria.

O acervo é composto de 2.194 títulos (incluindo todas as áreas), destes 38 são da área de medicina, 1.014 sobre folclore, 117 sobre antropologia, 1.025 de ciências humanas e além destes, possui cerca de 3 mil títulos de literatura de cordel.

Das obras pertencentes ao acervo particular de Théo Brandão, 1.620 títulos foram doados para a biblioteca, incluindo livros de folclore e medicina. Depois de sua morte, a família se encarregou de doar mais 528 títulos, incluindo livros, folhetos, guias, anotações pessoais etc, os quais estão em processo de avaliação.

Os livros são classificados e catalogados respectivamente pela CDU e catalogados pelo AACR, dispostos em estantes fixas de aço bem conservadas.

**Figura 27** – Acervo – Biblioteca Théo Brandão



**Fonte:** Pesquisa da autora, 2015.

Na biblioteca há 43 títulos de autoria de Théo Brandão, objeto desta pesquisa: *A mulher vestida de homem* (Errata); *Caderno de exercícios de um aprendiz de poesia*; *Duas raras formas de poesias folclóricas*; *Folclore de Alagoas II*; *Folgedos natalinos*; *O Presépio das Alagoas (um auto popular brasileiro da Natividade)*; *Folgedos natalinos: baianas*; *Folgedos natalinos: bumba meu boi*; *Folgedos natalinos: caboclinhos*; *Folgedos natalinos: quilombo*; *Folgedos natalinos: cavalhada*; *Folgedos natalinos: chegada*; *Folgedos natalinos: fandango*; *Folgedos natalinos: guerreiro*; *Folgedos natalinos: maracatu*; *Folgedos natalinos: pastoril*; *Folgedos natalinos: presépio*; *Folgedos natalinos: quilombo*; *Folgedos natalinos: reisado*; *Folgedos natalinos: taiêras*; *Higiene e*



*puericultura; Uma imagem poética de Manoel Nenen; O Reisado Alagoano; Seis Contos Populares no Brasil; Um Ano de Administração do Ensino em Alagoas; Um Conto Popular Brasileiro; Onze mil virgens 1935: carnaval alagoano; De rebus pluribus Juvenal.*

Falta uma base de dados à biblioteca Théo Brandão para representar a produção do folclorista, dando assim acesso, visibilidade e uso a sua obra.

#### **4.1.5 Biblioteca Cantidiano Victal**

Situada no povoado Bananal, na cidade de Viçosa, a 130 km de Maceió, a biblioteca Cantidiano Victal, faz parte do Gabinete de Leitura e Pesquisa Jair Pimentel, inserido nesta pesquisa devido à importância da cidade de Viçosa-AL no contexto da história de Théo Brandão, visto o mesmo ser filho deste município.

Visitamos alguns espaços públicos na cidade de Viçosa, como a Secretaria de Turismo e a Casa de Música. Na Secretaria, apesar de existir uma biblioteca, o acervo não estava classificado, não existia um controle de registro das obras e a funcionária responsável não se encontrava, mas percebemos que os livros estavam, de uma maneira geral, organizados por área geral, porém, não encontramos nenhuma obra de Théo Brandão. Na Casa de Música, não havia nenhum livro, apenas uma exposição permanente sobre o folclore da cidade; nessa Casa, foi indicado o Gabinete de Leitura e Pesquisa Jair Pimentel, dirigido por um professor que se dedicava à história da cidade, o que levava a supor que possuísse alguma obra de Théo Brandão.

O Gabinete de Leitura está situado no Povoado de Bananal, mas neste dia, uma terça-feira, encontrava-se fechado. O local é aberto de quinta-feira a sábado. Voltamos no sábado e fomos muito bem recebidos pelo proprietário, o Professor Jair.

O espaço está dividido em cinco setores: a Biblioteca Cantidiano Victal, o Clube do Livro Professora Julita Pimentel, a Escola dos Sábados Professora Maroca Pimentel, a Hemeroteca José Victal e o Memorial Jornalista Joel Victal.

A biblioteca, fundada pelo professor, jornalista, formado economista Jair Pimentel, partiu de um desejo de atender à comunidade carente de Bananal. Seu acervo localizava-se em sua residência em Maceió, mas o espaço já não comportava mais tantos livros, daí ele tentar instalar a biblioteca, primeiramente, em Viçosa; com o aluguel acima do que ele dispunha para investir, resolveu ocupar dois galpões da família, no povoado de Bananal.

**Figura 28** – Gabinete de Leitura e Pesquisa Jair Pimentel

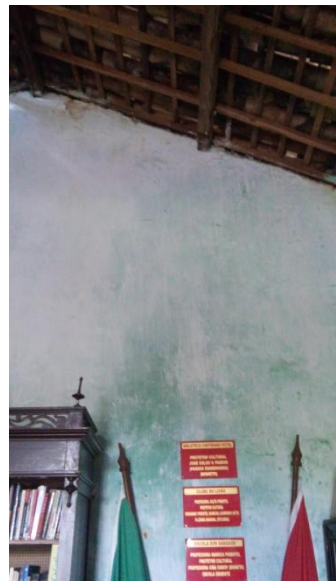


**Fonte:** Jair Pimentel, 2015.

Por ser um espaço de iniciativa privada, seu fundador buscou alternativas para a manutenção do prédio. Criou a figura do protetor cultural, que são seus primos e empresários. O protetor cultural colabora financeiramente todos os meses. Com o valor recebido, são pagos aluguel, energia, telefone, internet, transporte.

Foi mantida a originalidade do prédio, pode-se perceber na Figura 26, mas internamente, o espaço é úmido para o acervo bibliográfico, como pode ser visualizado na Figura 29, o registro da parede úmida.

**Figura 29** – Parede úmida do Gabinete de Leitura e Pesquisa Jair Pimentel



**Fonte:** Pesquisa da autora, 2015.

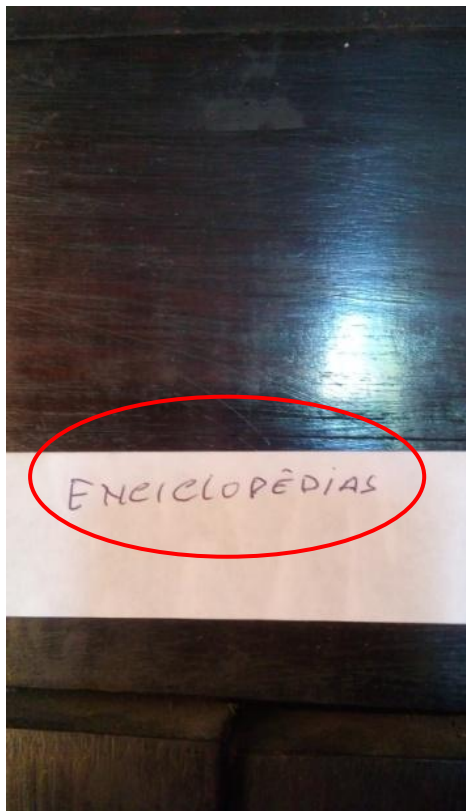
Esse fato não tira a importância do espaço para a comunidade, visto que o local é um exemplo que vem se tornando significativo para a construção da identidade cultural popular daquela região, preocupando-se em buscar ou resgatar a identidade das pessoas. Apesar de privado, procura interagir com a comunidade local do Bananal, incentivando a leitura, dando importância à cultura local, expondo objetos do século XIX, que até então a comunidade não tinha possibilidade de conhecer, patrocinando cafés literários, no intuito de estimular a leitura aos jovens da comunidade e assim atraí-los para o conhecimento e informação.

A biblioteca, na opinião do Prof. Jair Pimentel, já está com espaço pequeno, o que dificulta para a aquisição de novas obras, porém, quando chegam doações, ele não recusa.

O Gabinete de Leitura é considerado bem divulgado por seu proprietário. Ele se utiliza da rede social e já foi noticiado em telejornal do estado. O fato de o Prof. Jair Pimentel ter uma coluna de economia num jornal da capital também facilita o acesso aos meios de comunicação.

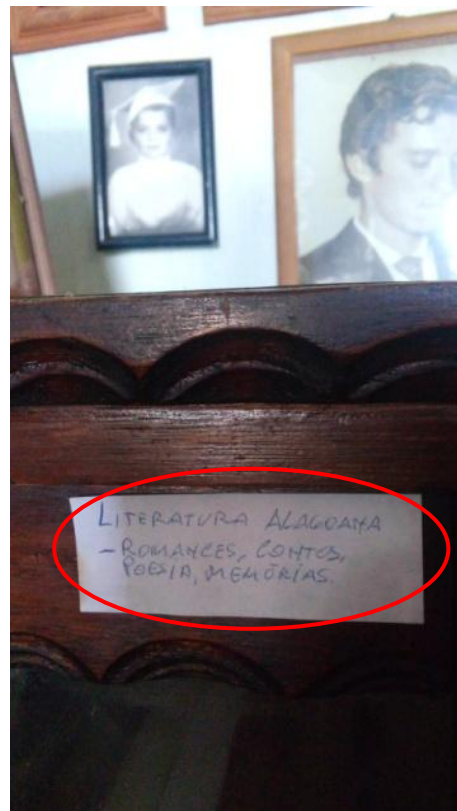
O arranjo dos livros é feito por área geral e não é utilizada nenhuma Linguagem Documentária. Os livros são organizados pela área maior, como Literatura Brasileira, Literatura Alagoana, Enciclopédias (Figuras 30 e 31).

**Figura 30** – Identificação das estantes



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

**Figura 31** – Identificação das estantes



Fonte: Pesquisa da autora, 2015.

A organização é feita por fichas datilografadas, mas não tivemos acesso a elas. Em relação às obras de Théó Brandão, não obtivemos sucesso, embora existam no acervo algumas informações como artigos de jornais e fotos do autor. Há obras a respeito da importância do filho ilustre do município, mas os livros não fazem parte da produção de Théó Brandão. A ênfase da biblioteca é em literatura alagoana, com romances, contos, poesias e memórias.

A preocupação em relação à Linguagem Documentária existe em virtude do trabalho solitário do Professor Jair. É necessário um profissional especializado para lhe dar suporte, o que pode ocorrer mediante convênio com a Universidade, através do curso de Ciência da Informação, que pode disponibilizar estudantes a fim de realizar um tratamento técnico adequado. Muito embora, o responsável tenha o controle total do acervo, é importante que esses espaços sejam tratados de maneira universal, para que qualquer usuário ou profissional possa utilizá-lo sem dificuldades.

## 5 A ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA OBRA LITERÁRIA E BIBLIOGRÁFICA DE THÉO BRANDÃO

Neste item, apresentamos o levantamento dos dados descritivos das obras bibliográficas e literárias de Théo Brandão localizadas no acervo do Museu que leva o seu nome, num total de 43 livros e folhetos.

Visto este estudo tratar da Representação da Informação, emerge a necessidade de abordar as tarefas inerentes a ela, que é a descrição de seus dados e a descrição temática.

Os dados descritivos de uma obra consistem numa etapa do fluxo da informação, o qual compreende: geração, coleta, tratamento, armazenamento, recuperação, interpretações, transmissão, transformação e uso da informação (BOCCATO; TORQUETTI, 2012). Coube à pesquisa, em uma de suas etapas, fazer a coleta, a recuperação e a interpretação do conteúdo da obra de Théo Brandão.

Portanto, este capítulo preocupa-se com a sistematização e a análise da leitura documentária do acervo de Théo Brandão. Para a realização e o desenvolvimento desta tarefa, foi criada uma tabela para o levantamento dos dados descritivos e temáticos das obras do referido autor (Apêndice D). A tabela constituiu-se das seguintes informações, as quais foram preenchidas, a saber: (1) dados descritivos: tipo de documento, autor, título, edição, local, editora, ano, páginas, ilustração, idioma, tradução, prefácio; (2) descrição temática: palavras-chave, tema central, tema secundário; e (3) um espaço para possíveis observações.

### 5.1 LEVANTAMENTO DA REPRESENTAÇÃO DESCRITIVA E TEMÁTICA DA OBRA

#### 01

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Folgedos natalinos.

**Edição:** 3.ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:** 2003.

**Página:** 175.

**Ilustração:** sem ilustração.

**Prefácio:** Théo Brandão.

**Palavras-chave:** Folclore; Manifestações Folclóricas; Cultura Popular; Folgedos Natalinos.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Carmem Lúcia Miranda - coordenadora do museu - fez a apresentação do livro.

## 02

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** O presépio das alagoas (Um auto popular brasileiro da Natividade).

**Edição:** 2.ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:** 1977.

**Página:** 331.

**Ilustração:** Ilustrado.

**Prefácio:** Théo Brandão.

**Palavras-chave:** Folclore; Cultura Popular; Presépio Natalino.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Série: Biblioteca Alagoana de Folclore. v. 2.

## 03

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** O Reisado Alagoano.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:** 2007.

**Página:** 230.

**Ilustração:** Ilustrado.

**Prefácio:** Gustavo Quintana.

**Palavras-chave:** Folclore; Cultura Popular; Reisado; Dança.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** (Coleção Nordestina). (1º Prêmio no 4º e Monografias Concurso sobre o Folclore Nacional, instituído em 1949 pela Discoteca Pública Municipal, do Departamento).

**04**

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Folclore de Alagoas II.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:** 1982.

**Página:** 169.

**Ilustração:** Ilustrado.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folclore; Cultura Popular; Presépio Natalino.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação em convênio com a Fundação Nacional de Arte (FUNARTE) da Secretaria de Assuntos Culturais do Ministério de Educação e Cultura.

**05**

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Seis Contos Populares no Brasil.

**Edição:** 2ed.

**Local:** Rio de Janeiro.

**Editora:** MEC-SEC-FUNARTE.

**Ano:** 1982.

**Página:** 142.

**Ilustração:** sem ilustração.

**Prefácio:** Bráulio do Nascimento.

**Palavras-chave:** Folclore; Cultura Popular; Contos.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:**

**06**

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Cadernos de Exercícios de um Aprendiz de Poesia.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:** 1983.

**Página:** 187.

**Ilustração:** Ilustrado.

**Prefácio:** Gonzaga Leão.

**Palavras-chave:** Folclore; Cultura Popular; Contos; Literatura de cordel; Poema; Prosa.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:**

**07**

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Quilombo.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** MEC-SEC-FUNARTE.

**Ano:** 1978.

**Página:** 40.

**Ilustração:** Ilustrado.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Folclore; Cultura Popular; Dança.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Cadernos de folclore; 28 (Nova Série).

**08**

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Cavalhadas de Alagoas.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** MEC-SEC-FUNARTE.

**Ano:** 1978.



**Página:** 48.

**Ilustração:** Ilustrado.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Folclore; Cultura Popular; Dança; Cavalhada.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Caderno de Folclore; 24 (Nova Série).

## 09

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Duas raras formas de poesia folc.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1979.

**Página:** 113.

**Ilustração:** sem ilustração.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Folclore; Cultura Popular; Dança; Poesia.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Separata da R. da Acad. Alagoana de Letras, Maceió, 3(3) 80-113, dez.1977).

## 10

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Um ano de administração do ensino em Alagoas.

**Edição:** Tip. Alagoana, Ltda.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1942.

**Página:** 21.

**Ilustração:** sem ilustração.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Educação-ensino; Alagoas; Folclore; Cultura Popular.

**Tema Central:** Educação – Alagoas.

**Tema Secundário:** Ensino – Alagoas.

**Observações:** Relatório apresentado em 30 de abril de 1942 ao Secretário do Interior Educação e Saúde.

## 11

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Higiene e Puericultura (Discurso e Conferências).

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Casa Ramalho.

**Ano:** 1934.

**Página:** 52.

**Ilustração:** sem ilustração

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Medicina; Higiene.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Do Serviço de Higiene Infantil da Diretoria de Saúde Pública de Alagoas. Professor interino de Higiene e Puericultura na Escola Normal Oficial.

## 12

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Folgedos Natalinos – Pastoril.

**Edição:** 2ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:** 1982.

**Página:** 52.

**Ilustração:** sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folgedos Natalinos; Folclore; Cultura Popular; Dança.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação para ser divulgada pelo Circo Cultural, do Programa de Desenvolvimento de Ações Sócio-Educativas e Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em Convênio com o SEPS/MEC.

### 13

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Folguedos Natalinos – Baianas.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:** 1976.

**Página:** 10.

**Ilustração:** sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Dança; Folclore; Cultura Popular.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção folclórica da UFAL, 30.

### 14

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Folguedos Natalinos.

**Edição:** 2.ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:** 1973.

**Página:** 195.

**Ilustração:** Ilustrado.

**Prefácio:** Théó Brandão.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Dança; Folclore; Cultura Popular.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:**

15

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** A mulher Vestida de Homem.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Junta Distrital do Porto.

**Ano:**

**Página:** 4.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** Théo Brandão.

**Palavras-chave:** Folclore; Cultura Popular.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Separata da Revista de Etnografia nº 1 Museu de Etnografia e Historia.

16

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Folgedos Natalinos Maracatu.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:**

**Página:** 11.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Folgedos Natalinos; Dança; Maracatu; Folclore; Cultura Popular.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção folclórica da UFAL, 28.

17

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Folgedos Natalinos – Fandango.

**Edição:** 2. ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:** 1982.

**Página:** 14.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folgedos Natalinos; Dança; Fandango; Folclore; Cultura Popular.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação para ser divulgada pelo Circo Cultural, do Programa de Desenvolvimento de Ações Sócio-Educativas e Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em Convênio com o SEPS/MEC.

18

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Folclore de Alagoas.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Casa Ramalho.

**Ano:** 1949.

**Página:** 192.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Folclore; Cultura Popular.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção autores alagoanos; 2ª Série.

**19**

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Um Conto Popular Brasileiro.

**Edição:**

**Local:** Rio de Janeiro.

**Editora:** Liv. José Olimpio Editora.

**Ano:** 1954.

**Página:** 52.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Conto Popular; Folclore; Cultura Popular.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** A primeira versão do conto foi a de Silva Romero, em 1885,(Contos populares do Brasil).

**20**

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Brasão de Armas e Bandeira da Universidade Federal de Alagoas.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1977.

**Página:** 4.

**Ilustração:** Ilustrado.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Brasão - UFAL; Brasão-Bandeira-Alagoas.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** SCIENTIA AD SAPIENTIAM.

**21**

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos Quilombo.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1976.

**Página:** 6.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Dança; Folclore; Cultura Popular; Dança; Quilombo.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção folclórica da UFAL; 31.

22

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos – Chegança.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1976.

**Página:** 16.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança; Chegança.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção folclórica da UFAL, 25.

23

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos Reisado.

**Edição:** 2ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1982.

**Página:** 13.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança; Reisado.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação para ser divulgada pelo Circo Cultural, do Programa de Desenvolvimento de Ações Sócio-Educativas e Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em Convênio com o SEPS/MEC.

**24**

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos – Presépio.

**Edição:** 2ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1982.

**Página:** 10.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Presépio.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação para ser divulgada pelo Circo Cultural, do Programa de Desenvolvimento de Ações Sócio-Educativas e Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em Convênio com o SEPS/MEC.

**25**

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos Presépio.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1976.



**Página:** 10.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Presépio.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção folclórica da UFAL, 26.

26

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos Fandango.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1976.

**Página:** 10.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança; Fandango.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção folclórica da UFAL, 24.

27

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos Fandango.

**Edição:** 2ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1982.

**Página:** 14.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança; Fandango.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação para ser divulgada pelo Circo Cultural, do Programa de Desenvolvimento de Ações Sócio-Educativas e Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em Convênio com o SEPS/MEC.

28

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos Cavalhada

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1976.

**Página:** 14.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança; Cavalhada.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção folclórica da UFAL, 32.

29

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos Chegança.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1976.

**Página:** 16.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança; Chegança.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção folclórica da UFAL, 25.

**30**

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos Maracatu.

**Edição:** 2. ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1982.

**Página:** 11.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança; Maracatu.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação para ser divulgada pelo Circo Cultural, do Programa de Desenvolvimento de Ações Sócio-Educativas e Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em Convênio com o SEPS/MEC.

**31**

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos – Baiana.

**Edição:** 2. ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1982.

**Página:** 10.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança;

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação para ser divulgada pelo Circo Cultural, do Programa de Desenvolvimento de Ações Socioeducativas e Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em Convênio com o SEPS/MEC.

32

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folgedos Natalinos Guerreiro.

**Edição:** 2. ed.

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1982.

**Página:** 16.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folgedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança; Guerreiro.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação para ser divulgada pelo Circo Cultural, do Programa de Desenvolvimento de Ações Socioeducativas e Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em Convênio com o SEPS/MEC.

33

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folgedos Natalinos Guerreiro.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1976.

**Página:** 16.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folgedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança; Guerreiro.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção folclórica da UFAL, 23.

**34**

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folguedos Natalinos Caboclinho.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1976.

**Página:** 8.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança; Caboclinho.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção Folclórica da UFAL, 22.

**35**

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Folclore de Alagoas II.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Edufal.

**Ano:** 1982.

**Página:** 169.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Folguedos Natalinos; Cultura Popular; Folclore; Dança.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação em convenio com a Fundação de assuntos Culturais do Ministério de Educação e Cultura (FUNARTE).

36

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Um Conto Popular Brasileiro.

**Edição:**

**Local:** Rio de Janeiro.

**Editora:**

**Ano:** 1966.

**Página:** 52.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Conto; Cultura Popular; Folclore.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Separata da Revista Brasileira de Folclore. Rio de Janeiro, 6(14): 5-52, Jan./abr. 1966.

37

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** Uma Imagem de Manoel Nenen.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1977.

**Página:** 32.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Cultura Popular; Folclore.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:**

38

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** O Pastoril.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1964.

**Página:** 31.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:**

**Palavras-chave:** Cultura Popular; Folclore; Dança; Pastoril.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Avulsos do folclore de Alagoas.

**39**

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folgedos Natalinos - Bumba-Meu-Boi.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1976.

**Página:** 12.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Cultura Popular; Folclore; Folgedos Natalinos; Bumba-Meu-Boi.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção Folclórica da UFAL, 21.

**40**

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Onze Mil Virgens 1935: Carnaval Alagoano.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1983.

**Página:** 19.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Cultura Popular; Folclore; Carnaval.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coletânea de vários autores.

**41**

**Tipo de documento:** Livro.

**Título:** DE REBUS PLURIBUS JUVENAL (11/03 a 22/06/1958).

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Gráfica Universitária da Ufal.

**Ano:** 1995.

**Página:** 218.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** Carlos Moliterno.

**Palavras-chave:** Cultura Popular; Folclore; Crônica.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:**

**42**

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folgedos Natalinos – Taieiras.

**Edição:**

**Local:** Maceió.

**Editora:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1976.

**Página:** 8.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Cultura Popular; Folclore; Folgedos Natalinos; Dança; Taiêra.



**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Coleção folclórica da UFAL, 28.

43

**Tipo de documento:** Folheto.

**Título:** Folgedos Natalinos – Taiêras.

**Edição:** 2. ed.

**Local:** Maceió.

**Editores:** Imprensa Universitária.

**Ano:** 1982.

**Página:** 8.

**Ilustração:** Sem ilustração.

**Prefácio:** João Azevedo.

**Palavras-chave:** Cultura Popular; Folclore; Folgedos Natalinos; Dança; Taiêra.

**Tema Central:** Cultura Popular – Alagoas.

**Tema Secundário:** Folclore – Alagoas.

**Observações:** Publicação para ser divulgada pelo Circo Cultural, do Programa de Desenvolvimento de Ações Sócio-Educativas e Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em Convênio com o SEPS/MEC.

## 5.2 RESULTADOS

Nesta etapa da pesquisa, realizamos uma análise, que consiste numa leitura técnica de reconhecimento.

*A leitura técnica* consiste em analisar o livro em processo de catalogação (isto é, que temos em mãos para ser catalogado) do ponto de vista do bibliotecário, visando a levantar as informações necessárias à sua representação (MEY, 1995, p. 36).

Na leitura técnica, percebemos como a obra de Théó Brandão está representada: a linguagem utilizada, relacionando-a com a Representação da Informação através das Linguagens Documentárias, com o intuito de descobrir sua representatividade para a literatura brasileira, observando e analisando cada termo, cada detalhe, descobrindo os traços no

vocabulário utilizado, vendo e sentindo a riqueza na construção da cultura popular, através dos versos, músicas, folguedos, poesia, poemas, ensaios e discursos.

Com a leitura técnica ocorre a catalogação e de acordo com Mey (1995), ela compreende três partes: (1) descrição bibliográfica; (2) pontos de acesso e (3) dados de localização.

A “descrição bibliográfica é a Representação sintética e codificada das características de um item, de forma a torná-lo único entre os demais” (MEY, 1995, p. 43). “Também é chamada de Representação Descritiva, ou catalogação descritiva”. Conforme a autora “é a parte da catalogação responsável pela caracterização do item”.

Mey (1995) conceitua os pontos de acesso como a maneira pela qual os usuários podem acessar a Representação de um item no catálogo. “[...] são escolhidos e determinados pelo catalogador, de acordo com regras e normas [...]” (Idem, p. 39).

Quanto aos dados de localização, a autora refere-se como sendo “as informações que permitem ao usuário localizar um item em determinado acervo. Em catálogos de uma única biblioteca, os dados de localização se limitam ao *número de chamada*. Em catálogos coletivos, compreendem também a *indicação da biblioteca*” (ibidem).

As obras não possuem um padrão de Representação da Informação, porque à época não se exigia uma normalização para a publicação. Atualmente, a Biblioteca Nacional é a responsável pelo controle bibliográfico do país, exigindo toda uma padronização e normalização técnica para a publicação, incluindo o depósito legal e a atribuição do International Standard Book Number (ISBN)<sup>18</sup>.

A maioria de suas obras não possui ilustrações, com exceção para os títulos: *O presépio das Alagoas (Um auto popular brasileiro da Natividade)*; *O reisado alagoano*; *Folclore de Alagoas II*; *Cadernos de Exercícios de um Aprendiz de Poesia*; *Quilombo*; *Cavalcadas de Alagoas*; *Folguedos Natalinos*; *Brasão de Armas e Bandeira da Universidade Federal de Alagoas*.

Para a realização da análise da descrição temática, utilizamos a definição dada por Gardin (1974 apud CUNHA, 1990, p. 62): “[...] a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas destinadas a ressaltar o conteúdo de diversas categorias de documentos escritos, certos elementos singulares de onde se inferem características psicossociológicas do objeto analisado”.

---

<sup>18</sup> ISBN - International Standard Book Number – é um sistema que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país e a editora, individualizando-os inclusive por edição.

O conteúdo das obras literárias e bibliográficas, ou a descrição temática de Théo Brandão, está praticamente voltado para o campo do saber da cultura popular/folclore, com exceção de: *Brasão de Armas e Bandeira* da Universidade Federal de Alagoas, fruto de um concurso interno da Instituição para definir seus símbolos; *DE REBUS PLURIBUS JUVENAL*, coluna do jornal de maior circulação do estado, *Gazeta de Alagoas*, onde se abordavam vários textos e assinava com pseudônimo, e *Higiene e Puericultura* (Discurso e Conferências), do período em que clinicava como pediatra.

A Representação da Informação está sendo realizada, portanto no tratamento do acervo, o item “Palavras-chave”, que consta no levantamento descritivo e temático desta pesquisa foi desenvolvido utilizando-se da indexação por extração. De acordo com Lancaster (2004, p. 18-19):

Na indexação por extração, palavras ou expressões que realmente ocorrem no documento são selecionadas para representar seu conteúdo temático. Na etapa de tradução, a indexação por extração utiliza a linguagem natural.

A outra possibilidade de indexação seria por atribuição, no entanto, o acervo não é automatizado. A indexação manual, que foi utilizada, apesar de ser mais lenta e cara, neste caso foi viável, pois a quantidade de obras consistia em apenas 43 itens. Também, numa indexação automática, a identificação dos termos que representam o conteúdo não possui a intervenção direta do indexador, atividade que nos propusemos nesse levantamento (NASCIMENTO, 2008).

Foram identificados e utilizados os seguintes termos para as obras: Cultura Popular; Folclore; Folguedos; e suas especificidades, a exemplo de Dança, Música, Poesia, Poema, Crônicas e os respectivos folguedos tratados na obra do autor.

É importante frisar algumas observações relevantes, como:

- As obras estão em língua portuguesa e nenhuma delas foi traduzida para outro idioma.
- A editoração, em sua maioria, é da Editora da Universidade Federal de Alagoas.

A maioria dos prefácios foi realizado por João Azevedo. Outros prefaciadores foram: Gustavo Quintana (*O Reisado Alagoano*), Bráulio do Nascimento (*Seis Contos Populares no Brasil*), Gonzaga Leão (*Cadernos de Exercícios de um Aprendiz de Poesia*) e Carlos Moliterno (*DE REBUS PLURIBUS JUVENAL*). E quatro obras foram prefaciadas por ele mesmo (*Folguedos natalinos*; *O presépio das Alagoas* (*Um auto popular brasileiro da*

*Natividade; A mulher Vestida de Homem*) e várias obras apresentaram-se sem prefácio (*Quilombo; Cavalhadas de Alagoas; Duas raras formas de poesia folc; Um ano de administração do ensino em Alagoas; Higiene e Puericultura* (Discurso e Conferências); *Folgedos Natalinos: Maracatu; Folclore de Alagoas; Brasão de Armas e Bandeira da Universidade Federal de Alagoas; Um Conto Popular Brasileiro; Uma Imagem Poética de Manoel Nenen; O Pastoril; Folgedos Natalinos: Bumba-Meu-Boi*).

Destaco nas obras a preocupação que o autor dedicou em registrar os temas vividos por ele, em sua infância, e preservados pelas pessoas do meio rural, com as quais ele convivia na zona da mata alagoana, trabalhadores de fazendas, porém pessoas alegres, participativas e sempre dispostas a valorizar as manifestações folclóricas, principalmente as de sua terra natal Viçosa, rica nesse propósito.

A riqueza e o significado da cultura popular nas suas obras são representadas por diversas formas, destaque para os 14 folgedos, cada um com sua temática, música, dança específica, vestes, manifestação coreográfica, editados em duas edições distintas, formando coleção e série, as quais eram divulgadas e disseminadas nos programas e eventos de ações socioeducativas e culturais no estado, como a Fundação de Assuntos Culturais do Ministério de Educação e Cultura (FUNARTE) e o Circo Cultural, do Programa de Desenvolvimento de Ações Socioeducativas e Culturais, da Secretaria da Educação e Cultura, em convênio com o SEPS/MEC.

Fica visível, em suas obras, o desejo do autor de levar a cultura de seu povo e de suas raízes, através da Representação e manifestação folclórica nas grandes festas e eventos da capital e das cidades vizinhas. Apresentavam-se em outros estados, com uma menor intensidade, devido às condições financeiras à falta de apoio político e institucional para viagens a longa distância.

É visível, pelos traços encontrados em sua obra, a relevância do autor para a representatividade da cultura popular e do folclore alagoano. O autor se dedicou aos estudos das raízes populares, inicialmente de seu município Viçosa-AL e expandiu para manifestações folclóricas e cultura popular de todo o estado, vivificando essas raízes, popularizando esse conhecimento, levando para a academia e os grandes centros o conhecimento de uma Alagoas desconhecida, rural, mas ricamente adornada de folgedos característicos e herdados da influências europeia, indígena e africana.

Théo Brandão dedicou toda uma vida em prol dessas pesquisas, abriu mão, de certa forma, de seu *status* de médico e farmacêutico. Seu legado é, para a cultura do estado de Alagoas, inigualável, pois se preocupou em descrever as minúcias de um povo sem acesso às

letras, à informação acadêmica. Hoje, seu reconhecimento é notório: livros sobre sua biografia foram escritos, existe museu em seu nome, porém, a preocupação que nos debruçamos foi a Representação da Informação de sua obra: percebemos, claramente, que ainda há um caminho a ser percorrido nesse sentido, pois as condições que existem no campo da Ciência da Informação podem atuar como incentivo a órgãos públicos, principalmente para os acervos da Biblioteca Cantidiano Victal, onde percebemos uma carência maior, como já foi comentado.

Vale ressaltar que em todas as regiões brasileiras as obras do ilustre folclorista Théo Brandão estão presentes e se espalharam pelo país, exemplo disso é apresentado no levantamento do acervo das bases de dados das universidades (ver Gráfico 1). A maioria das obras que se apresenta nesses acervos está sob a forma de folhetos.

Podemos destacar que desde 1964, com sua obra *O pastoril*, o autor não se cansou de marcar presença e enaltecer seu povo através do seu trabalho por onde passava: conferências, seminários, artigos em periódicos, palestras conferidas, associações, coluna em jornal etc.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência da Informação é uma ciência interdisciplinar. Ela compreende vários campos do saber, sem subordinar-se a nenhum deles. Merta (apud PINHEIRO, 2005, p. 21) afirma que “[...] um cientista da informação, como um sociólogo e um psicólogo, avalia o conteúdo da comunicação, sobretudo do ponto de vista do movimento da informação, isto é, observa a informação de sua origem até sua utilização social”.

Partindo dessa definição, o estudo se propôs averiguar se a Representação da Informação da obra de Théó Brandão dá visibilidade e acesso à cultura popular/folclore de Alagoas. Ao longo da pesquisa buscamos, primeiramente, identificar a obra de Théó Brandão em bases de dados brasileiras, tais como as das Universidades Federais e em cinco bibliotecas do estado de Alagoas. No percurso verificamos a forma da Representação da Informação na obra literária e bibliográfica de Théó Brandão, a partir dos padrões da Linguagem Documentária.

Para enaltecer as raízes populares em Viçosa-AL, Théó Brandão destacou os folguedos existentes na região e junto com as autoridades políticas do estado, buscou incentivo para divulgá-los, pois estavam esquecidos por boa parte da população. Com o apoio firmado, levou não só para a capital, como também para a academia o conhecimento dos folguedos e da cultura popular alagoana, que naquela época não eram totalmente conhecidos pelos intelectuais. Notadamente, daí em diante, espalhou-se pelo país e ganhou prestígio. Essa socialização do conhecimento, dada por Théó Brandão, faz dele um mestre da Ciência Social, a qual se relaciona, perfeitamente, com a Ciência da Informação, conforme Merta (apud PINEIRO, 2005, p. 21):

[...] tem sua terminologia em constante desenvolvimento e, diferentemente da maioria das Ciências Naturais ou Exatas, cujo desenvolvimento de estruturas de pensamento são mais ou menos formalizadas, não apresenta terminologia nem estruturas formalizadas ou consolidadas (MERTA apud PINHEIRO, 2005, p. 21).

A Ciência da Informação não é estática. Está em dinamicidade constante, da mesma forma que a Ciência Social, mesmo se tratando de folguedos, como é o caso dos estudos de Théó Brandão, há mudança. Exemplo disso dá-se quando o autor estuda o Reisado, um dos folguedos alagoanos mais festejados no estado. De quando Théó Brandão iniciou suas pesquisas sobre o folguedo e o descreveu, o Reisado passou por algumas modificações em sua

Representação, portanto, essa Representação está submetida a uma classe ou comunidade que se apropria e a pratica (CHARTIER, 2002).

Concomitante, Théo Brandão preocupa-se em tornar visível, aos de fora, essa produção cultural, registrando em seus livros e folhetos seu conhecimento, uma atenção dada que muito traduz uma das preocupações da Ciência da Informação: “A Ciência da Informação se preocupa com a questão da [...] efetiva comunicação do conhecimento e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual [...]” (SARACEVIC, 1996, p. 47).

Cabe, então, ao cientista da informação, viabilizar estruturas de informação capazes de adequar seu acervo, independente do seu contexto, a um sistema que possibilite, de maneira criteriosa, ordenada, classificatória, levar ao público em geral novos conhecimentos.

A produção de Théo Brandão não se preocupou em um rigor na padronização da publicação. Em nosso item 5.1, (Levantamento da Representação Descritiva e temática da obra) inclusive, esclarecemos os motivos pelos quais não existia esse rigor. A Linguagem Documentária da obra de Brandão está intrínseca, porém não está visível. A ausência desta Representação não diminui a importância de seu trabalho, haja vista que no período em que se dão seus primeiros estudos (década de 1930), o tratamento da informação também estava sendo construído.

Para que a Representação da Informação fosse realizada, foi importante que a Linguagem Documentária com suas facetas (Representação Descritiva, Representação Temática e Análise de Conteúdo) surgissem dando uma padronização e organização às obras facilitando essa mediação e interlocução com os sistemas, acervos e usuários. É importante frisar que novas possibilidades tecnológicas sejam utilizadas como ferramenta. Visto que:

A cultura contemporânea, cristalizada em novos ambientes digitais transformados com bases na comunicação da informação, na aprendizagem e no conhecimento, apresenta condições distintas de interação com o fluxo de informações circulantes cujo papel é fundamental na construção coletiva do conhecimento e das relações humanas (JORENTE, 2012, p. 13).

É no ambiente das novas tecnologias que a Ciência da Informação se ampara, conforme dizem Gouveia Júnior e Santos (2012, p. 117):

No novo ambiente, a informação é disseminada de modo dinâmico e atraente e leva ao usuário, principalmente ao jovem, a informação, o acervo, a memória, a cultura de modo a estimular seu interesse pelo ambiente tradicional em acervos bibliográficos.

Em princípio, acreditávamos que não era dado significado, visibilidade, acessibilidade e a devida importância ao autor e a sua obra nas bibliotecas pesquisadas, porém, ao longo da pesquisa, essa hipótese vai tornando-se distante da realidade, a começar pelo levantamento realizado nas bibliotecas das Universidades Federais e logo em seguida nas bibliotecas do estado.

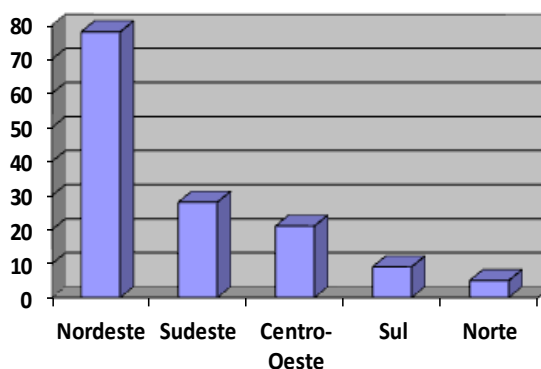
Primeiro porque a presença das obras de Théó Brandão nas bibliotecas universitárias no Brasil é constante e segundo que, todas as bibliotecas do estado que foram visitadas possuem também obras ou fazem referências desse autor.

Como resultado do mapeamento levantado, primeiramente nas Universidades Federais Brasileiras e na Biblioteca Nacional, e num segundo momento em bibliotecas do estado de Alagoas, nas cidades de Maceió e Viçosa, esta pesquisa evidenciou a importância da Representação da Informação da obra de Théó Brandão, no sentido de dar visibilidade e acessibilidade ao folclore alagoano, mesmo tendo como resultado duas bibliotecas que não se utilizam do padrão da Linguagem Documentária.

Num total de 106 títulos nas Universidades, seis na Biblioteca Nacional e 60 títulos nas cinco bibliotecas do estado de Alagoas, enfatizamos, nesse estudo, o acervo que leva o seu nome: a biblioteca do Museu Théó Brandão, o qual é composto por 43 títulos, o maior número de obras literárias e bibliográficas do autor, onde tivemos a oportunidade de manuseá-los, descobrindo a riqueza das pesquisas deste folclorista.

Na busca realizada nas bases de dados das Universidades (Gráfico 1) foram encontrados números significativos de títulos, a saber: região Nordeste, 78 títulos; região Sudeste, 28 títulos, região Centro-Oeste, 21 títulos; região Sul, 9 títulos e região Norte, 5 títulos.

**Gráfico 1** – Dados das Universidades Federais – Obras Théó Brandão



**Fonte:** Elaborado pela autora (2015).



É enfático que nas bibliotecas das Universidades Federais Brasileiras pesquisadas o tratamento dado às obras de Théó Brandão esteja inserido num contexto muito mais pormenorizado, haja vista que nesses acervos, o uso das Linguagens Documentárias e de base de dados dá boa Representação, acesso e disseminação da informação. A utilização dos termos de busca é universal, facilitando a pesquisa por parte do usuário que se beneficia de meios tecnológicos para acessar esses acervos.

Destacando os resultados de demanda dessa pesquisa, podemos constatar que, das cinco Instituições pesquisadas em Alagoas, apenas uma biblioteca, a da Universidade Federal de Alagoas, com seus 10 títulos no acervo, encontra-se com ele visivelmente tratado processado em base de dados, disponível ao acesso do usuário, através do SIBI, que dá visibilidade à Representação da Informação, conferidos através das LD (Análise descritiva – catalogação, Análise de Conteúdo – classificação e o Controle de Vocabulário – indexação), criando seus produtos de divulgação: os catálogos on-line e disponibilizando nos Sistema de Bibliotecas através do *software* Pergamum, facilitando a utilização e acesso às obras literárias e bibliográficas de Théó Brandão, como também dando visibilidade e disseminando-as.

Já o acervo da Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos, encontra-se em processo de tratamento técnico, em virtude da reforma estrutural que o prédio passou recentemente. Além de estar passando por essa transição, foi adquirido pela Instituição, um *software*: ArchesLib, para a adequação e o processamento do mesmo, estando em fase inicial, porém com todo empenho, para tornar disponível e acessível a toda a comunidade alagoana. A Representação da Informação, nesse caso, ainda está sob um processo que enfrenta a máquina burocrática, visto que falta uma equipe de profissionais em maior número, recursos financeiros e independência administrativa, devido a sua subordinação à Secretaria de Cultura do Estado (SECULT).

Quanto ao acervo da Biblioteca Professor Deraldo Souza Campos – do IHGAL, ainda não existe um profissional da área (bibliotecário) nem um tratamento técnico das obras. Esta consta de um programa desenvolvido internamente sem nenhum recurso ou serviço de busca disponibilizado ao usuário, servindo apenas como listagem de autor, título e assunto, utilizado apenas internamente, o qual foi desenvolvido por um prestador de serviço do Instituto, que detinha certo conhecimento do sistema operacional Windows, sem utilização dos métodos de padronização. Ressaltamos que nesta planilha desenvolvida, há uma divisão do acervo, em acervo geral e acervo de autores alagoanos, impossibilitando ainda mais a visibilidade e a acessibilidade das obras. O acervo está armazenado, mas falta-lhe a Representação da Informação nos padrões estabelecidos nas Linguagens Documentárias: catalogação,

classificação, indexação, normalização, todo o processamento técnico e científico, dificultando sua representatividade, visibilidade, acessibilidade e disseminação. Este acervo contempla um grande volume dos autores alagoanos, no entanto, encontramos apenas um título (folheto) do autor aqui pesquisado.

Propomos uma atualização nos mecanismos tecnológicos, com a aquisição de um *software* adequado aos padrões, não só de uma biblioteca, mas de todo o Instituto, em face de existência de obras e coleções; também sugerimos uma atualização e implantação nos serviços administrativos, contratando um profissional graduado na área da Ciência da Informação e estabelecendo uma relação com a Universidade Federal de Alagoas, contratando através de convênios, os estudantes universitários das áreas da Ciência da Informação, História e Letras. O trabalho a ser realizado seria de longo prazo, porém é extremamente necessário para o desenvolvimento e a concretização da Representação da Informação do acervo.

A biblioteca Cantidiano Victal, do Gabinete de Leitura Jair Pimentel, na zona da mata alagoana, terra natal do folclorista Théo Brandão, tem grande importância e contribuição para a comunidade daquela região, porém não existe profissional, nem processo de tratamento técnico, o acervo encontra-se organizado apenas pelas grandes áreas do conhecimento, sendo a Literatura, principalmente de autores alagoanos, a área com maior número de títulos, no entanto, a obra do folclorista é inexistente, portanto, a Representação da Informação inexistente. É interessante, no caso dessa biblioteca, estabelecer um convênio com a Universidade Federal de Alagoas, através do curso de Ciência da Informação, para direcionar bolsistas, estagiários, estudantes em término de curso para desenvolverem o processamento técnico necessário para esta Representação, no sentido de que, ocorra a necessidade de universalizar sua visibilidade, acesso e uso.

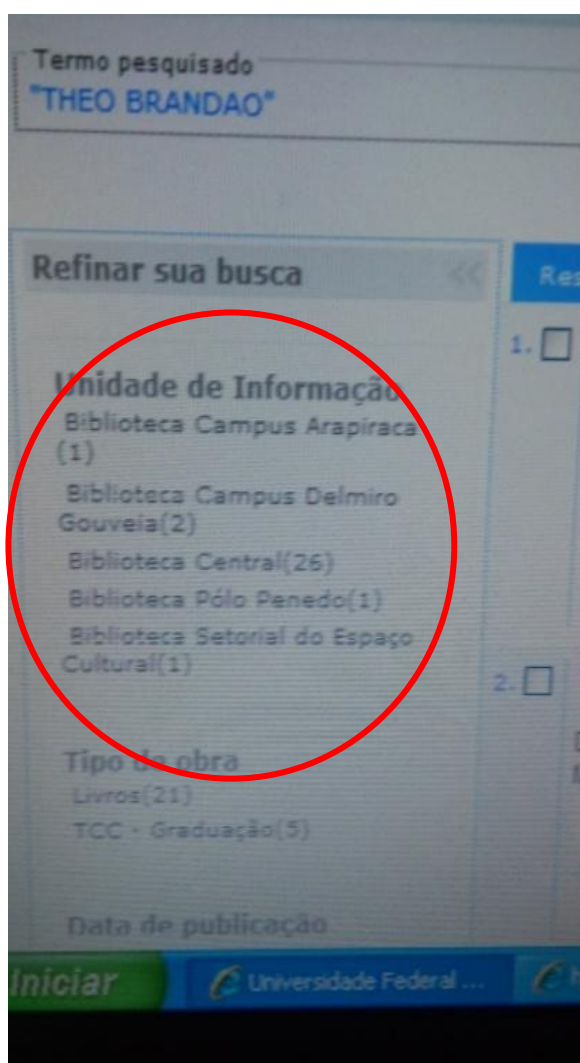
Por fim, o acervo de maior referência da nossa pesquisa é o da Biblioteca Théo Brandão, composto por várias obras, e dentre elas 43 itens entre livros e folhetos da obra literária e bibliográficas do autor. O acervo está sob um processo de organização e definições de políticas administrativas, incluindo a escolha do *software* a ser utilizado para o processamento técnico e em decorrência disso atribuir visibilidade, acesso e uso.

A biblioteca não é automatizada e não possui sistema de empréstimo, dificultando assim a pesquisa, mas é aberta ao público. Na biblioteca trabalham um bibliotecário, um técnico administrativo e um estagiário do curso de Ciência da Informação da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

A discussão atual gira em torno da tomada de decisão entre o acervo fazer parte do sistema de bibliotecas da UFAL, ou incluí-lo numa base de dados na qual possa fazer parte o acervo e os artefatos da instituição, atendendo a uma necessidade do Museu como um todo. Questiona-se a possibilidade da mesma fazer parte do SIBI, visto que é uma setorial e a UFAL é sua mantenedora, criando uma política de organização e gerenciamento com seus órgãos mantenedores.

Na Figura 32, que registra o *software Pergamum*, observamos na busca realizada que, na sua composição estrutural ela não contempla a biblioteca setorial com seu nome.

**Figura 32** – Sistema de Bibliotecas da UFAL



**Fonte:** Pesquisa da autora, 2015.

A Representação da Informação está sendo realizada seguindo os padrões das Linguagens Documentárias, por um profissional da área, a biblioteca passou por reforma

recente, incluindo novo mobiliário e ambiente climatizado, ou seja, o processo está em curso, porém sem uma previsão de conclusão para essa Representação visível, acessível e utilizável.

A seguir, apresentamos uma síntese dos objetivos e resultados propostos nesse estudo:

**Quadro 6 – Síntese dos Objetivos e Resultados do Estudo**

OBJETIVOS	RESULTADOS
<p>Averiguar a Representação da Informação da obra literária e bibliográfica de Théó Brandão.</p>	<p>Concluimos que a obra de Théó Brandão está representada parcialmente, visto que na Biblioteca Prof. Deraldo Souza Campos e na Biblioteca Cantidiano Victal é necessário um tratamento adequado à realidade contemporânea da Ciência da Informação. Na Biblioteca Pública Estadual Graciliano Ramos e na Biblioteca do Museu Théó Brandão, o processo de tratamento da informação está em curso. Finalmente, concluimos que nas Universidades Federais e na Biblioteca Nacional, a Representação da Informação está de acordo com os padrões da Linguagem Documentária.</p>
<p>Identificar a obra de Théó Brandão em bases de dados brasileiras.</p>	<p>Mapeamos nas bases de dados das Universidades Federais brasileiras, na Biblioteca Nacional e em cinco bibliotecas públicas do estado de Alagoas.</p>
<p>Levantar a obra literária e bibliográfica de Théó Brandão existente em bibliotecas de Alagoas.</p>	<p>Realizamos pesquisa de campo realizada em cinco bibliotecas públicas e particulares do estado de Alagoas (Maceió e Viçosa).</p>
<p>Verificar a forma de Representação da obra literária e bibliográfica de Théó Brandão a partir de sua Representação Descritiva e Temática.</p>	<p>Geramos um levantamento descritivo e temático da obra de Théó Brandão, disponível no acervo da Biblioteca do Museu Théó Brandão, fazendo uma análise de sua Representação.</p>

**Fonte:** Elaboração da autora

Esse estudo tornou-se relevante, pois pudemos detectar não só a Representação da Informação na obra de Théó Brandão, como constatamos sua visibilidade nacional, através dessa Representação, principalmente no âmbito acadêmico, face a presença de sua obra nas Universidades Federais. Em nosso estado, apesar do conhecimento em torno do folclorista, a obra em si é representada apenas em três instituições (UFAL, Biblioteca Pública Estadual e Museu Théó Brandão), contudo, em duas delas esse processo está em andamento (Biblioteca Pública Estadual e Museu Théó Brandão).

A importância de ser concretizada a Representação da Informação nas bibliotecas facilita o que se propôs o estudo desta pesquisa: conhecer a visibilidade e o acesso à obra de Théó Brandão, através da Representação da Informação. Lamenta-se que em duas das bibliotecas, o processo sequer é idealizado, demonstrando um sentimento contrário ao que existe no mundo de hoje, que é o de disseminar a informação e o conhecimento a um número cada vez maior de usuários.

## REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Secretaria da Cultura de Alagoas. **Folguedos natalinos**. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-acoes/mapeamento-cultural/cultura-popular/folguedos-dancas-e-tores/folguedos-natalinos>>. Acesso em: 12 maio 2015.

ALARCÓN, Maria R. Osuna. La norma RDA (Recursos, Descripción y Acceso) y la adaptación al cambio en los sistemas bibliográficos en España. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**. Brasília, v. 8, n. 1, p. 22-39, jan./jul.2015.

ALMEIDA, Renato. Folclore. **Cadernos de folclore**. Rio de Janeiro: Funarte, n. 3, 1976.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Cultura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ASFOPAL. Associação de Folguedos Populares de Alagoas. **Folguedos**. Blog da Associação de Folguedos Populares de Alagoas. Disponível em: <<http://asfopal.blogspot.com.br/p/folguedos.html>>. Acesso em: 23 maio 2015.

BARBOSA, Alice P. **Novos rumos da catalogação**. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1978.

\_\_\_\_\_. Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica. Rio de Janeiro: IBBD, 1969.

BELUCHE, Renato. **Terminologia e linguagem documentária: uma perspectiva histórica**. Biblos, Rio Grande, 22 (2), 2008, p. 115-121.

BOCCATO, Vera Regina Casari. **Avaliação do uso de linguagem documentária em catálogos coletivos de bibliotecas universitárias: um estudo sociocognitivo com protocolo verbal**. Marília, 2009. 301 f. Il.; 30 cm. Tese (Doutorado em Ciência da Informação). Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009.

BREITMAN, Karin. **Web semântica: a internet do futuro**. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **Linguagem documentária: teoria que fundamentam sua elaboração**. Niterói;RJ: EdUFF, 2001.

CATENACCI, Vivian. **Cultura popular: entre a tradição e a transformação**. São Paulo em Perspectiva. n. 15, v. 2, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8574.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2011.

CHAVES, Wagner Neves Diniz. **O Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore: o espetáculo e a excelência**. I Encontro de Museus Universitários de Iberoamerica. 22 a 25 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.unl.edu.ar/iberoextension/dvd/archivos/ponencias/museos/completo/o-museu-theo-brandao-de-antr.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

CHARTIER. Roger. **A história cultural**. Entre práticas e representações. 2.ed., Lisboa: DIFEL. 2002, 244p. (Memória e Sociedade).

CINTRA, A. M. M. *et.al.* **Para entender as linguagens documentárias**. 2.ed. São Paulo: Polis, 2002.

CORRÊA, Rosa Maria Rodrigues. **Catálogo descritiva no século XXI**: Um estudo sobre RDA. Marília, 2008. 65 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista, campus de Marília, 2008.

CURRÁS, Emília. **Tesauros**: linguagens terminológicas. Brasília: IBICT, 1995.

DANTAS, Carmem Lúcia; LODY, Raul (Coords.). **A casa da gente alagoana**. Maceió: Edufal, 2002.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **Tesauro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto, 2002.

CUNHA, Isabel Maria Ribeiro Ferin. **Do mito à análise documentária**. São Paulo: EDUSP, 1990 (Teses, v. 11).

EDELWEISS, Frederico. **Apontamentos de folclore**. Salvador: EDUFBA, 201. 112 p. (Coleção Nordestina).

FURRIE, Betty. **O MARC bibliográfico**: um guia introdutório; catalogação legível por computador. Brasília: Thesaurus, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IFLA. **Declaração de princípios internacionais de catalogação**. Frankfurt: IFLA, 2003. Disponível em: <[http://www.d-nb.de/standardisierung/pdf/statement\\_portuguese.pdf](http://www.d-nb.de/standardisierung/pdf/statement_portuguese.pdf)>. Acesso em: 03 abr. 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LANCASTER, Frederic Wilfrid. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 3. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. **Elementos de terminologia**. (apostila para uso didático). 2005.

LIMA, Rossini Tavares de. **Caboclinhos**. A Gazeta, 04 jan. 1958.

LIMA, Vânia Mara Alves. **Terminologia, comunicação e representação documentária**. 1998. 118p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

LUDWIG, Antonio Carlos Will. **Fundamentos e prática de metodologia científica**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MANIEZ, Jacques. Los lenguajes documentales y de clasificación: concepción, construcción y utilización em lós sistemas documentales. Madrid: Salamanca, 1993 (Série Biblioteca Del Libro).

MÉNDEZ RODRÍGUEZ, E. M. **Metadatos y recuperación de información**: estándares, problemas y aplicabilidad en bibliotecas digitales. Gijón: Trea, 2002, 419 p.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução á catalogação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

\_\_\_\_\_; SILVEIRA, Naira Christofolletti. **Catalogação no plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

MOREIRO GONZÁLEZ, José Antonio. **Linguagens documentárias e vocabulários semânticos para a web**: elementos conceituais. Salvador: EDUFBA, 2011.

MORENO, Fernanda Passini. **Requisitos Funcionais Para Registros Bibliográficos – FRBR**: um estudo no catálogo na Rede Bibliodata. Brasília, 2006, Dissertação (Dissertação Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Brasília – Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação – (FACE/UNB).

MORIN, Edgar. **O método V. A humanidade da humanidade**: a identidade humana. Mem. Martins: Publicações Europa-América, 2003.

NASCIMENTO, Geysa Flávia Câmara de Lima. **Folksonomia como estratégia de indexação dos bibliotecários no Del.icio.us**. 2008. 104f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: <[http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/173/1/geysaflavia\\_dissertacao.pdf](http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream/123456789/173/1/geysaflavia_dissertacao.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2015.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 1, n. 2, jul.-dez./1996, p. 37-45.

OLIVEIRA, Terezinha. Origem e memória das universidades medievais: a preservação de uma instituição educacional. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 23, nº 37: p.113-129, Jan/Jun 2007

ORTEGA. Cristina Dotta. **Os registros da informação dos sistemas documentários**: uma discussão no âmbito da Representação Descritiva. São Paulo, 2009. Tese (Tese Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo (ECA/USP).

ORTIZ, Renato. **Românticos e folcloristas**: cultura popular. São Paulo: Olho D'Água, 1992.

PIEIDADE, Maria Antonieta. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Guia do usuário da biblioteca**. Curitiba: s.n., 1990.



ROBREDO, Jaime. Organização dos documentos ou organização da informação: uma questão de escolha. **Datagramazero – Revista de Ciência da Informação**, v. 5, n. 1, fev. 2004. Disponível em: <[http://www.datagramazero.org.br/fev04/Art\\_05.htm](http://www.datagramazero.org.br/fev04/Art_05.htm)>. Acesso em: 31 out. 2015.

ROCHA, José Maria Tenório. **Théo Brandão, mestre do folclore alagoano**. Maceió: Edufal, 1988.

SARACEVIC, Tefko. **Ciência da informação: origem, evolução e relações**. Perspectiva em Ciência da Informação. Belo Horizonte, v. 1, n. 1, jan.-jun./1996, p. 41-62.

SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário de folcloristas brasileiros**. Recife: 20-20 Comunicação e Editora, 1999. p.174.

VASCONCELOS, Paulo de A. de G. e. Bibliodata/CALCO: informação bibliográfica para o desenvolvimento. **Ciência da Informação**, Brasília: IBICT, v. 25, n. 23, 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/472/431>>. Acesso em: 26 jun. 2015.

VILLANOVA, Leo. Folclore de Alagoas.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Os intelectuais regionais: os estudos de folclore e o campo das Ciências Sociais no anos 50**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 11, n. 32, 1996, p. 125-150.

VILHENA, Luís Rodolfo; CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5. 1990, p. 75- 92.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A** - Texto padrão apresentando a pesquisa ao encaminhar o questionário e o termo de autorização

Prezado,

O questionário, em anexo, faz parte da pesquisa em andamento desenvolvida no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, desenvolvida pela mestranda Noaide Reis dos Santos e sua orientadora Nídia Maria Lienert Lubisco. A pesquisa objetiva identificar e analisar como algumas bibliotecas do estado de Alagoas têm dado visibilidade à obra do folclorista Théo Brandão.

Devido ao fato da relevância desta biblioteca no contexto estadual, venho utilizar esse dispositivo para a conclusão da pesquisa, o qual está sendo encaminhado às instituições e suas respectivas bibliotecas identificadas para que tenhamos uma compreensão mais aprofundada sobre o tema que ora abordamos. É de extrema importância a participação desta biblioteca para o bom andamento deste trabalho. Contamos com a sua participação, respondendo este questionário. Sua resposta pode ser encaminhada através do seguinte endereço eletrônico: <noaidereis@hotmail.com>.

Registramos que será assegurado o sigilo quanto a sua identificação pessoal. Caso alguma informação prestada seja citada no texto da dissertação, e em outros trabalhos científicos, será utilizado um nome fictício ou uma codificação para garantir esse sigilo.

Atendendo aos parâmetros éticos da pesquisa, solicitamos o preenchimento e assinatura do termo de autorização, em anexo, para o uso de suas respostas na dissertação em questão. Esse termo pode ser, depois de preenchido e assinado, digitalizado e encaminhado para o endereço eletrônico acima mencionado.

Desde já somos gratas por sua participação!

## **APÊNDICE B - Termo de Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, autorizo a mestrande Noaide Reis dos Santos a utilizar as informações que prestei ao responder ao questionário da sua pesquisa para a elaboração da dissertação no Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, guardando sigilo quanto à minha identificação pessoal.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Assinatura

## APÊNDICE C - Questionário

Identificação da biblioteca: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Qual a classificação utilizada na biblioteca?

CDU             CDD             Outra \_\_\_\_\_

2. A biblioteca é informatizada?

Sim             Não

3. Se SIM, qual a base de dados utilizada?

4. Como é feita a aquisição das obras do acervo?

Compra             Doação             Permuta

5. Qual a periodicidade de atualização do acervo?

Mensal             Semestral             Anual             Acima de 1 ano

6. Há quanto tempo foi realizada a última aquisição?

Entre 1 e 6 meses             Entre 6 meses e 1 ano

Entre 1 e 2 anos             Mais de 3 anos

7. Sobre o acervo da biblioteca, há obras sobre folclore em Alagoas?

Sim             Não

8. Se SIM, há neste acervo, obras do folclorista Théó Brandão?

Sim             Não

9. Como é feita a divulgação do acervo bibliográfico da biblioteca?

Folder/Panfleto             Mídia (TV, Jornal, Rádio)

Meios Eletrônicos             Exposição Itinerante

10. Há um tratamento especial dado para as obras literárias e bibliográficas do citado folclorista, a biblioteca se utiliza de algum meio em especial para dar visibilidade a essas obras, tipo folder, exposição, panfletos etc?

Sim                       Não

11. Existe uma estatística de frequência de utilização do acervo?

Sim                       Não

12. Se existe, qual a ferramenta utilizada?

Manual                       Eletrônica

13. Há um direcionamento dessa estatística por assunto pesquisado?

Sim                       Não

14. Identifique os assuntos mais evidenciados na busca:

---

---

---

---

---

---

---

